

Por fim, a prática mais adotada consiste em recomendar aos alunos um trabalho escrito, referente à lição do médico escolar. É bom exercício de redação, de gramática, de atenção e de cultivo da memória.

Tal é a maneira de promover a educação sanitária no Distrito Federal, inspirada por dilatado tirocínio.

### CONCLUSÕES

1.<sup>a</sup>) A educação sanitária nas escolas é excelente e indispensável pedagogia.

2.<sup>a</sup>) A educação sanitária nas escolas é atribuição do médico escolar, auxiliado pelas educadoras de saúde e com a colaboração de todas as professoras.

3.<sup>a</sup>) A educação de saúde será feita em linguagem simples e clara, ao alcance do desenvolvimento intelectual dos alunos.

4.<sup>a</sup>) Com o fito de estimular a atenção dos ouvintes, será feita arguição sobre o assunto explanado, imediatamente depois da palestra, ou então, provocada breve exposição sobre a matéria tratada, pelos próprios alunos ou, ainda, recomendado exercício de redação sobre o que foi considerado.

5.<sup>a</sup>) O rádio e o cinema alto falante são, indiscutivelmente, preciosos meios auxiliares de educação sanitária, nas escolas.



## A SAUDE, FUNÇÃO PRIMÁRIA DA EDUCAÇÃO E DO EDUCADOR

DR. J. FARIA GÓES SOB.º

Catedrático da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil

Poder-se-á atribuir saúde ao ignorante? Cabe julgar saudavel a facil obnublação mental do homem inculto, malgrado o vigor físico, ante os problemas do dia a dia em nossa época; ao atordoamento e confusão que o afligem ante qualquer assunto que solicite maior discernimento; à passividade ingênua e necessária do "boxeur" ao "menager" que o explora; às imprevidência de bailarinas, lindas e vãsias, que liquidam suas finanças ante o abuso e a ganância dos empresários inescrupulosos; ao penoso sacrificio, doloroso, da aprendizagem elementar do adulto anal-fabeto; à sua cólera facil e à desconfiança instintiva e à lentidão maior de suas reações; ao trôpego caminhar de seu raciocínio? Haverá saúde, efetivamente, nas práticas do baixo espiritismo; nos contorcionismos dos negros jovens e atléticos que, tomados de furor religioso, se espojam nos atos rituais dos "candomblés"; nas dansas marvóticas e nos delirios frenéticos dos "terreiros" dos "pais santos"? Poder-se-á in-quinar de boa saúde às alucinações dos robustos povos primitivos ante um trovão ou um eclipse, ou ainda às suas investidas guerreiras, de causas obscuras e ingênuas, essas arremetidas truculentas para a inva-lidez e para a morte:

A rigor, saúde implica em uma harmoniosa conjugação do todo orgânico, manifestando-se em normal funcionamento, continuo e equi-librado, e em rápidas e prestimosas reações às increpações do meio, operando-se, de parte das diferentes dependências da economia orgâ-nica, em correlação perfeita com os estímulos, cada uma dessas depen-dências apostando-se ao desempenho, na medida requerida para a in-tegral satisfação das necessidades do ser vivo. E neste caso, não há como falar-se em uma saúde integral concorde com a ignorância. A aprendizagem é um caminho a se trilhar para a saúde perfeita e ao passo que ela integra a boa saúde, é a saúde essencial à mesma apre-n-dizagem. Por sua vez, o crescimento leva à efetivação máxima da saúde e é o processo mesmo de obtê-la, no pleno fastígio a que alcança em adulto. É certo, de outra parte, que só pela aprendizagem se faz comple-to o crescimento, posto que lhe encorpora com uma melhor alimentação e melhor exercício da atividade muscular, como das funções orgânicas em geral de execução voluntária, o desenvolvimento mental, que é fun-ção só desperta com essa mesma aprendizagem, que conduz, por fim, à adaptação, função de tudo isto, e que acaba em ser sabedoria, na me-dida em que se logre tudo isto.

Como vemos, dá no mesmo o sentido profundo dessas variadas ex-pressões; saúde e sabedoria, aprendizagem e crescimento, que tudo con-





ANAIIS  
DO  
1.º CONGRESSO NACIONAL  
DE  
SAÚDE ESCOLAR

VOLUME 2

CAIXA 05

## A EDUCAÇÃO SANITÁRIA NAS ESCOLAS

DR. BENTO RIBEIRO DE CASTRO

Chefe do 8.º Distrito Médico Pedagógico do Distrito Federal

Assunto de magna importância, no meio escolar, é a educação sanitária dos alunos. Refiro-me, neste despretencioso trabalho, à educação sanitária realizada, nestes últimos cinco lustros, nas escolas primárias do Distrito Federal.

Investido da função de médico escolar, no Rio de Janeiro, desde o concurso de 1916, sempre me impressionei com o indiscutível valor desta instrução; incumbência das mais importantes para o médico defensor da saúde das crianças, que frequentam as escolas primárias. Minha primeira palestra sobre educação sanitária nas escolas, realizou-se na prova oral do primeiro concurso de médico escolar no Rio de Janeiro e mesmo em todo o Brasil. Versou sobre "Higiene da nutrição. Benefícios da alimentação vegetariana".

Nestes vinte e cinco anos, tenho sempre cuidado, com imenso carinho, do assunto, cumprindo um programa delineado nas suas linhas gerais pelo então diretor de instrução pública municipal, professor Afranio Peixoto.

A educação sanitária nas escolas, além do seu objetivo imediato, também promove aos alunos a elevação do nível de civilidade e lhes apura as normas do bom tom.

### PROGRAMA DA EDUCAÇÃO SANITÁRIA NAS ESCOLAS

O programa se resume, mais ou menos, numa meia dúzia de pontos, por mim mesmo desenvolvidos. Tendo em mira realizar um esboço de higiene escolar, no tocante à educação sanitária nas escolas primárias, procurei me enveredar pelo aspecto prático do assunto: 1.º ponto: Asseio corporal — 2.º ponto: Higiene do vestuário — 3.º ponto: Higiene do repouso — 4.º ponto: Higiene da alimentação — 5.º ponto: Higiene do ar e da luz — 6.º ponto: Malefícios do álcool — 7.º ponto: Meios principais de prevenção contra as doenças evitáveis em geral.

### TÉCNICA DA EDUCAÇÃO SANITÁRIA NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Vou repetir o que sobre este assunto me tem inspirado longa prática de perto de vinte e cinco anos. Sou dos que pensam na utilidade e proveito da instrução à mocidade, pela palavra, em palestras não excedentes de quinze minutos, das noções indispensáveis de higiene. Quantas vezes observo jovens e até adultos cuspiendo e escarrando nas calçadas das ruas e no chão dos estabelecimentos públicos, em inteira ausência de

higiene e em completo desconhecimento das mais comzezinhas regras de civilidade!

Indispensável é, pois, a educação sanitária nas escolas, com escopo de maior sanidade e de mais apurada civilização dos superados quarenta milhões de brasileiros. No Distrito Federal, os médicos escolares, secundados pelas professoras, são os pioneiros da instrução sanitária da mocidade das escolas primárias.

Quero me referir, principalmente, ao trabalho do médico, no esforço de instruir os pequenos ouvintes nos rudimentos de educação sanitária.

Promovendo a visita regulamentar, costume, na possibilidade de espaço suficiente, reunir duas ou mais turmas das mais adiantadas e, então, provocar pequena sessão de educação de saúde. Esta palestra nunca excede de quinze minutos. Há turmas de encantar o médico escolar, pela aguda atenção dos ouvintes. Nem sempre, porém, há oportunidade, por falta de espaço suficiente, de se congregarem várias turmas, num único salão. Então, é de certo modo penoso para o médico, que expõe, repetir o mesmo assunto, para duas e mais classes. No intuito de corrigir este desconforto, economizando tempo, o meio mais eficiente é a instalação de uma rede de microfones colocados nas classes mais adiantadas, em ligação com o aparelho transmissor, no gabinete do médico ou da diretora da escola. O médico falará, deste modo, sentado, com certo conforto, uma só vez e para grande número de ouvintes. É, sem dúvida, melhoramento digno das escolas de maior relevo.

Algumas vezes, as conferências têm sido ilustradas com projeções cinematográficas. Várias vezes tenho me utilizado do meu cinema Kodak. O cinema alto falante é, certamente, outra maneira de primeira ordem, para melhor gravar os ensinamentos propostos. O rádio realiza ainda outro recurso didático, para esta matéria, de inconcusso alto valor. As escolas dispõem de um destes aparelhos, com um microfone em cada classe. À hora combinada, seria ligado o alto falante para determinada estação radiofônica. Um só médico falará para todo o Distrito Federal. Sua voz ainda seria ouvida e os seus úteis ensinamentos seriam percebidos em todo o Brasil. É bem verdade que, no Distrito Federal e nos centros mais destacados da pátria brasileira, já existem estações radiofônicas educativas.

Sem dúvida, a educação sanitária nas escolas é tarefa não só altamente educativa como também lindamente patriótica. Com a finalidade de melhor inculcar aos escolares ouvintes os ensinamentos de higiene, costume, respeitando a recomendação regulamentar, falar aos discentes, com simplicidade e clareza. Para melhor gravar o assunto exposto, costume arguir, logo depois da palestra, alguns dos ouvintes. Outro processo adotado consiste em armar uma arguição entre dois dos discentes, que se interrogam reciprocamente, sobre o tema vindo de ouvir. Ainda outro recurso consiste em destacar dois ou mais dos escolares vindos de instruir, muitas vezes inculcados pela própria professora, os quais, cada um por sua vez, sobem ao palco do auditório ou servem-se de improvisada tribuna, com o fito de, em brevíssima dissertação, repetir alguma coisa do exposto pelo médico escolar.

Quanta vantagem neste processo: aquisição do hábito de falar em público, exercício de linguagem e, finalmente, ginástica da atenção e da memória.

Por fim, a prática mais adotada consiste em recomendar aos alunos um trabalho escrito, referente à lição do médico escolar. É bom exercício de redação, de gramática, de atenção e de cultivo da memória.

Tal é a maneira de promover a educação sanitária no Distrito Federal, inspirada por dilatado tirocínio.

### CONCLUSÕES

1.<sup>a</sup>) A educação sanitária nas escolas é excelente e indispensável pedagogia.

2.<sup>a</sup>) A educação sanitária nas escolas é atribuição do médico escolar, auxiliado pelas educadoras de saúde e com a colaboração de todas as professoras.

3.<sup>a</sup>) A educação de saúde será feita em linguagem simples e clara, ao alcance do desenvolvimento intelectual dos alunos.

4.<sup>a</sup>) Com o fito de estimular a atenção dos ouvintes, será feita arguição sobre o assunto explanado, imediatamente depois da palestra, ou então, provocada breve exposição sobre a matéria tratada, pelos próprios alunos ou, ainda, recomendado exercício de redação sobre o que foi considerado.

5.<sup>a</sup>) O rádio e o cinema alto falante são, indiscutivelmente, preciosos meios auxiliares de educação sanitária, nas escolas.



## A SAUDE, FUNÇÃO PRIMÁRIA DA EDUCAÇÃO E DO EDUCADOR

DR. J. FARIA GÓES SOB.º

Catedrático da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil

Poder-se-á atribuir saúde ao ignorante? Cabe julgar saudável a fácil obnublação mental do homem inculto, malgrado o vigor físico, ante os problemas do dia a dia em nossa época; ao atordoamento e confusão que o afligem ante qualquer assunto que solicite maior discernimento; à passividade ingênua e necessária do "boxeur" ao "menager" que o explora; às imprevidências de bailarinas, lindas e vãs, que liquidam suas finanças ante o abuso e a ganância dos empresários inescrupulosos; ao penoso sacrifício, doloroso, da aprendizagem elementar do adulto analfabeto; à sua cólera fácil e à desconfiança instintiva e à lentidão maior de suas reações; ao trôpego caminhar de seu raciocínio? Haverá saúde, efetivamente, nas práticas do baixo espiritismo; nos contorcionismos dos negros jovens e atléticos que, tomados de furor religioso, se espoljam nos atos rituais dos "candomblés"; nas dansas marvóticas e nos delírios frenéticos dos "terreiros" dos "pais santos"? Poder-se-á inquirir de boa saúde às alucinações dos robustos povos primitivos ante um trovão ou um eclipse, ou ainda às suas investidas guerreiras, de causas obscuras e ingênuas, essas arremetidas truculentas para a invulterabilidade e para a morte:

A rigor, saúde implica em uma harmoniosa conjugação do todo orgânico, manifestando-se em normal funcionamento, contínuo e equilibrado, e em rápidas e prestimosas reações às increpações do meio, operando-se, de parte das diferentes dependências da economia orgânica, em correlação perfeita com os estímulos, cada uma dessas dependências aprestando-se ao desempenho, na medida requerida para a integral satisfação das necessidades do ser vivo. E neste caso, não há como falar-se em uma saúde integral concorde com a ignorância. A aprendizagem é um caminho a se trilhar para a saúde perfeita e ao passo que ela integra a boa saúde, é a saúde essencial à mesma aprendizagem. Por sua vez, o crescimento leva à efetivação máxima da saúde e é o processo mesmo de obtê-la, no pleno estágio a que alcança em adulto. É certo, de outra parte, que só pela aprendizagem se faz completo o crescimento, posto que lhe incorpora com uma melhor alimentação e melhor exercício da atividade muscular, como das funções orgânicas em geral de execução voluntária, o desenvolvimento mental, que é função só desperta com essa mesma aprendizagem, que conduz, por fim, à adaptação, função de tudo isto, e que acaba em ser sabedoria, na medida em que se logre tudo isto.

Como vemos, dá no mesmo o sentido profundo dessas variadas expressões; saúde e sabedoria, aprendizagem e crescimento, que tudo con-

duz à adaptação, de que a Educação é o processo compulsório e essencial.

É, pois, a educação um fenómeno indissociável, uno e múltiplo. E' uma seara só. A saúde é um aspecto desta Educação, resultante de seu todo, como os demais aspectos que nesta Educação possam ser considerados. Neste sentido, toda a educação é uma educação Sanitária.

O educador, na Família ou na Escola, estará realizando trabalho útil, quando em sua atividade não tenha que dissociar partes do todo, para cedê-los à intromissão de agentes especialmente votados ao tratodessas partes descriminadas. Sendo a educação um fenómeno global, a rigor, atua educando, quem promove a satisfação deste fenómeno de modo global.

A transferência, pela professora, a outros agentes, de incumbências artificialmente dissociadas no todo indissociável da educação, retira à sua tarefa, a condição necessária à efetivação plena de sua ação educativa e não confere aos agentes novos que se intrometem na Escola, para uma ação isolada em determinado sector, em que são especialistas a condição de educadores.

Não existe o educador de saúde, no sentido em que não existe o educador de linguagem e o educador de ciências ou o educador de cálculo. A função de educar inclui e se completa com a atenção com a saúde.

A saúde, pela Escola, resulta de uma aprendizagem, isto é, resulta de um ensino, como tudo mais em educação; e o agente deste ensino é a professora, como de todo o ensino na Escola.

O hábito é a sedimentação dessa aprendizagem, que se exprime na condição de um automatismo nas reações conscientemente colhidas segundo as leis gerais da aprendizagem. Sua implantação é, na Escola, função da professora, como o é a aprendizagem dos demais instrumentos de vida, no sentido de uma adaptação e de uma integração ao meio social.

As especializações são necessárias, no trabalho supletivo de orientação das atividades que se referem à educação sanitária, mas os especialistas devem atuar na Escola com um carater de cooperação com os educadores e sob a égide desses mesmos educadores, a saber, dos professores.

Reconhecemos, na prática de medidas relacionadas com as questões de saúde física e mental, exercidas na Escola, a necessidade de uma preparação específica. Esta preparação deve ser, entretanto, conferida à professora, em seus currículos de preparação profissional nas Escolas Normais e apurada em quantas oportunidades haja, posteriormente, de cursos múltiplos sobre tais assuntos.

No curso normal devem-lhe ser proporcionadas as cadeiras de conteúdo, a saber: a Biologia Educacional e a Higiene Escolar — em que se contenham os conhecimentos necessários à elaboração da tarefa educativa, também no particular da saúde, e uma metodologia da efetivação prática da aprendizagem dessas questões pelos educandos no sentido de uma implantação de hábitos sadios e da formação de uma consciência sanitária.

Esta metodologia deve ser parte em uma disciplina, a figurar com o mesmo carater em que existem disciplinas destinadas a fornecer à professora os métodos a serem utilizados no ensino da linguagem, do

cálculo, de ciências, e das demais matérias que se incluem nos currículos dos educandários, dado que existe, como bem acentua Thomas Wood, professor da Columbia, University N. Y. uma especial maneira de conformar a aprendizagem das coisas pertinentes à saúde.

São estas, em síntese, as conclusões que apresentamos à consideração deste Congresso de Saúde Escolar com relação ao item geral referente à implantação dos hábitos sadios na Escola.



# CONCURSOS DE ROBUSTEZ DA CRIANÇA ESCOLAR

CÓRA KRAHEMBUHL CAMARGO  
Educadora Sanitária — São Paulo

## CONCLUSÕES

- I — A realização de Concursos de Robustez Escolar concorre:
- a) para apuração dos resultados dos trabalhos em torno da saúde do secolar;
  - b) para levantar o interesse dos alunos, quanto à prática de hábitos sadios, correção de defeitos e prevenção de moléstias;
  - c) para chamar os pais à responsabilidade da saúde dos filhos e incitá-los a colaborar nos trabalhos desenvolvidos pelos Serviços de Saúde Escolar.
- II — Os Concursos de Robustez Escolar devem ser realizados anualmente, como apuração do estado de saúde geral dos alunos e indicação para o emprego de medidas tendentes à sua aquisição, conservação e melhoria.

G O E  
E P H

de Escolar que ora se realiza é uma das afirmações mais seguras das realizações da atual administração pública.

O campo da educação está à espera de receber as boas sementes que germinem realizações viçosas e aptas a preparar o Brasil grandioso e forte de amanhã, capaz de enfrentar galhardamente a incerteza dos dias que vivemos.

E uma dessas sementes é a da educação da saúde. Desde o berço as ameaças contra a integridade física do indivíduo campeiam livremente à espera de uma oportunidade. Já não é muito fácil escapar-se da sífilis congênita nestes áureos tempos da sifilização... E depois si o indivíduo não se cerca dos imprescindíveis cuidados, eis que a tuberculose lhe estende amavelmente seus tentáculos destruidores... A educação da saúde é absolutamente necessária porque ela preserva o indivíduo e o auxilia na luta pela manutenção de sua integridade física.

Como determinar os fins da educação da saúde? Tomamos a resposta no trabalho elaborado sob a direção do dr. Thomas D. Wood.

São os seguintes os objetivos da educação da saúde:

1 — Instruir as crianças e os moços para que possam conservar e melhorar sua própria saúde.

2 — Fixar neles os hábitos e os princípios de viver que, durante sua vida escolar e nos anos posteriores, assegurarão esse vigor e vitalidade abundantes que fornecem a base para a maior soma de felicidade e eficiência na vida do indivíduo, da família e da comunidade.

3 — Influenciar os pais e outros adultos por meio do programa da educação higiênica das crianças para adquirirem hábitos e atitudes melhores de modo que a escola possa ser um instrumento eficaz para a introdução dos aspectos sociais da educação da saúde na família e na comunidade, tanto como na escola.

4 — Melhorar a vida individual e coletiva do futuro; assegurar uma segunda geração melhor, e uma terceira geração ainda melhor; uma nação e uma raça mais sadias e mais capazes."

Como atender aos objetivos do item 1.º? Há um complexo de fatores que conspiram contra o desejo de se concorrer para que as crianças conservem ou melhorem sua própria saúde: o jornal, o cinema, o rádio, o exemplo adulto. Abre-se um jornal e, como não pode deixar de ser, surgem os anúncios mais arrevezados sobre as marcas de cigarros, sobre as vantagens de algumas "caninhas", sobre remédios para certas cousas que as crianças não sabem mas "ficam" querendo saber e até, ultimamente, viam-se anúncios quasi abertamente sobre preservativos, etc.. Vai-se a uma sessão cinematográfica, e dos vícios e deficiências morais que a tela pomposamente exhibe fica uma impressão amarga e dolorosa. Até mesmo nas sessões infantís, organizadas especialmente para crianças, observa-se que ao lado dos films aparecem anúncios de vícios considerados perniciosos, como o do uso do cigarro. Quanto ao rádio, quem o ouve que o comente...

O item primeiro e os três seguintes reclamam como medida plausível e digna de ser posta em execução uma campanha quanto possível sistemática e intensiva em favor da educação da saúde. Uma campanha que passe da criança ao lar, do jovem ao velho, do filho ao pai, do indivíduo à coletividade. Uma campanha pela formação de bons hábitos, pela aquisição de boas atitudes, pela conquista da eficiência individual e coletiva e, por que não dizê-lo, pela conquista da própria felicidade.

## A SAUDE E A SUA EDUCAÇÃO

Prof. ALFREDO GOMES

Quando diretor geral do Ensino, neste Estado de São Paulo, o prof. Lourenço Filho, obteve do dr. Carlos Sá, ex-diretor do Serviço de Saneamento Rural, no Estado do Rio de Janeiro, licença para imprimir o trabalho A EDUCAÇÃO DA SAUDE realizado sob a direção do dr. Thomas Wood. O referido trabalho foi publicado em ESCOLA NOVA, vol. II, n. 1 e 2, órgão da Diretoria Geral do Ensino de São Paulo.

A leitura desse excelente estudo norte-americano deixou-nos indelével impressão não só pela sua base científica e pela aplicações práticas imediatas, como pelo seu método, precisão e clareza. Apesar dos esforços do ilustre educador, prof. Lourenço Filho, o professorado não tomou conhecimento da publicação. Há, porém, uma justificativa, para tão grave quão injusta indiferença: a divulgação da Revista logo após a vitória da Revolução de Outubro de 1930, quando o País ainda não se havia ajustado à nova situação política.

Todo educando oferece aspectos triangularmente distintos e irreduzíveis, qualquer que seja o ponto de vista em que nos coloquemos: o biológico, o social e o moral. A educação repousa sobre esses três aspectos e os procura resolver porque eles são os seus grandes problemas. É a base biológica que assegura a possibilidade de se plasmar socialmente o indivíduo e de se organizá-lo moralmente.

Forçoso é, portanto, que se cuide desta base biológica, pois, ela constitui os alicerces da futura edificação. Que monumento arquitetônico é possível erguer em terreno que não ofereça as necessárias condições de estabilidade e solidez? Como pretender um indivíduo socialmente apto e harmoniosamente moral si ele carece de base biológica devidamente cuidada? Como obter bom rendimento de um indivíduo anêmico ou raquítico, franzino ou esquelético? Como desejar grande capacidade de trabalho do nosso trabalhador rural si ele é um opilado ou não sabe, e nunca soube, cuidar de sua alimentação ou de sua higiene?

Tivemos, em nossa vida profissional, o desprazer de conhecer as ínfimas condições em que vive o trabalhador rural. Pela miséria orgânica dos filhos avaliávamos a situação real do ambiente que nos cercava. Não foram poucas as vezes, as ocasiões, em que registamos desfalecimentos em aula ou carecíamos socorrer macilentos alunos vítimas de sua precária base biológica. E ao professor cabia agir no sentido de concorrer, dentro de suas possibilidades para orientar alunos e pais, afim de corrigir consequências resultantes da ignorância e do abandono das populações rurais. Temos, nestes dez anos, avançado gigantesicamente no terreno das realizações sociais e um novo horizonte vem sendo aberto para o Brasil. O próprio Congresso Nacional de Sau-

O Brasil precisa e deve tornar-se uma potência entre as grandes potências. Torna-se imprescindível que todo bom brasileiro se transforme em verdadeira alavanca do progresso da Nação. E só uma raça sadia e capaz pode criar um País forte e próspero. Os dias que atravessamos são o melhor testemunho dessa necessidade. Os fortes oprimem os fracos e os fracos aliam-se aos fortes. A lição que a História atual nos fornece é bem significativa.

Construamos, pois, um Brasil forte com indivíduos sadios e eficientes.

Mais do que nunca é oportuno chamar-se a atenção do Congresso Nacional de Saúde que ora se realiza para essa campanha tão benéfica.

A Imprensa, o Rádio e o Cinema deverão ser interessados nesse certame. Pequenas notas nos periódicos, ligeiras palestras nos microfones, películas apropriadas no ecrã, eis bons fatores para a campanha. Além destes, a realização mais frequente de concursos de robustez infantil; a criação, em caráter obrigatório, de departamentos de educação física em todos os estabelecimentos de ensino, sob a direção de professor especializado e controle médico. E, por fim, a educação da saúde realizada sob forma sistemática pelos professores públicos.

O professor público poderá realizar muita coisa neste terreno, mas é preciso prepará-lo convenientemente. Não basta uma simples e flegmática circular do Departamento respectivo para que o professorado se movimente e realize o que se tem em vista. O professorado não é u'a máquina que se pode pôr em movimento com o deslocar de uma alavanca. As circulares são ordens de que os professores tomam conhecimento e nem sempre obedecem porque não estão aptos, por falta de orientação, a executá-las. Daí medidas a serem postas em prática para evitar o malogro da iniciativa que propugnamos. Palestras por especialistas nas reuniões pedagógicas que se efetuam mensalmente nas sedes das inspetorias ou delegacias escolares. A entrega a cada professor de um livro de orientação para que ele saiba o que se exige e o que se pretende realizar. O professor não deve ser apenas informado, mas instruído "concientemente". O livro em questão será elaborado por uma Comissão Especializada, escolhida entre membros do Congresso de Saúde Escolar ou sugerida a criação da referida Comissão ao Governo, afim de que este escolha os membros que deverão efetuar o trabalho.

Aos Departamentos de Educação caberá a confecção dos programas a serem desenvolvidos pelos professores no transcurso do curriculum escolar.

Sem o preparo do professorado não é possível pensar na execução de qualquer programa de educação da saúde.

É natural que se julgue complexo esse preparo pela diversidade de estudo dos assuntos que interessam à questão. Três seriam os aspectos a serem encarados, caso se desejasse efetuar um preparo sério e eficiente: a base geral científica, que as professoras devem ter adquirido em seus cursos de formação profissional; a informação especializada e prática e a aquisição, da prática, afim de que a teoria não revele diferente na prática.

Foi a essa marcha que obedeceu o programa sugerido na Conferência Internacional de Educação da Saúde (1923), lido pela doutora Edna Bailey, superintendente do Ensino de Ciência, Escola Superior de

Universidade, Oakland, California, e mencionado pelo dr. Tomas D. Wood. Transcrevemo-lo a titulo de informação:

- 1 — *Base geral científica:*  
Química (incluindo a orgânica) e física.  
Biologia geral e humana.  
Bacteriologia (incluindo imunologia).  
Psicologia — geral e educativa.
- 2 — *“Informação técnica específica e prática.*  
Estudo das atividades preventivas da saúde pública, incluindo a profilaxia das moléstias contagiosas e degeberativas, condições sanitárias e habitação, riscos industriais, bem estar da criança, efeitos das bebidas alcoólicas e de outros narcóticos, estatísticas vitais, estabelecimentos de saúde do governo.  
Nutrição.  
Fisiologia da primeira infância e da adolescência.  
Educação física.”
- 3 — *“Ensino prático da saúde” .*

Seja qual fôr a orientação ministrada ao professorado, seja qual fôr o programa da campanha a se encetar, o que deve prevalecer é o seu objetivo precípua e imediato; *Educar a Saúde*, garantir o indivíduo e a espécie. Educá-la é melhorar a raça em formação e fortalecer a Nação.

### CONCLUSÕES

- 1 — O indivíduo deve ser encarado sob o tríplice aspecto: biológico, gico, social, e moral.
- 2 — A base biológica deve ser devidamente cuidada para que o indivíduo se torne eficiente e util à sociedade.
- 3 — Para se manter e melhorar a saúde é forçoso educá-la.
- 4 — A educação da saúde é fator de melhoria das condições gerais do indivíduo e da coletividade.
- 5 — Uma campanha intensa e sistemática sobre a educação da saúde torna-se imprescindível.
- 6 — Na campanha pela educação da saúde deverão ser interessados a Imprensa, o Rádio e o Cinema, meios naturais de divulgação.
- 7 — Constituem robustez que deverão ser utilizados: a realização de concursos de robustez infantil, a criação dos departamentos de educação física em todos os estabelecimentos de ensino oficiais ou particulares.
- 8 — A escola é um agente de educação e instrução sistemática, a ela cabe irradiar a campanha em prol da educação da saúde.
- 9 — O professorado deverá ser devidamente instruído e orientado, cabendo ao Governo essa iniciativa.
- 10 — Será confeccionado um livro de orientação para o professorado e os Departamentos de Educação incumbir-se-ão da confecção dos programas a serem desenvolvidos pelos professores no transcurso do curriculum escolar.

## A EDUCAÇÃO SANITÁRIA NAS ESCOLAS

PROF. JOSÉ TOLEDO NORONHA

Escola Normal de Tietê.

NOTA: Após discorrer sobre a educação sanitária nas escolas, apresenta a seguinte sugestão:

O governo criará junto de cada Inspeção escolar os cargos de Médico de Educadora sanitária e Dentista, os quais se encarregarão de zelar pelo estado sanitário das populações escolares respectivas.

Igualmente a iniciativa particular, poderia colaborar nesse mistér, uma vez que se interessassem, firmas produtoras de medicamentos, dentifícios, etc., no sentido de estenderem sua propaganda até os meios rurais, por meio de distribuição de cartazes, amostras de dentifícios, etc..

A colaboração do médico, do dentista e do professor, certamente redundará em uma orientação educacional mais eficiente, baseada em princípios mais modernos e reconhecidamente ótimos. A criança brasileira, imbuida dos princípios higiênicos imprescindíveis ao bom desenvolvimento físico e intelectual, será o brasileiro de amanhã, capaz de elevar o nome querido da Pátria às alturas que lhe estão reservadas pela pujança do seu solo e pela grandeza das suas tradições.

G O P H E  
E P H E

## O PROFESSORADO E A EDUCAÇÃO SANITÁRIA

PROFA. ZENAIDE VILALVA DE ARAUJO

São Paulo

Exm.º Snr. Presidente, Snrs. Congressistas.

Quem oferece este trabalho não se apresenta, perante a egrégia assembléa aqui reunida, como técnico em saúde escolar. Essa não é a sua especialidade. Fá-lo, porem, como espírito sempre voltado para tudo quanto possa interessar ao bem-estar físico e, conseqüentemente, à produtividade dos nossos compatriotas.

Professora de Educação na Escola Normal da estação climática de S. José dos Campos, neste Estado, graças a uma experiência intensa adquirida no exercício desse cargo, compreendi que a educação sanitária, não só é o grande pedestal de toda a educação, como ainda que, apenas do professor, podemos esperá-la.

E era natural. Assim como, em noite procelósa, o farol assume, aos olhos do que se vê na iminência de naufrágio, significação bem diversa da impressão que causa a quem apenas admira a obra de arte e compreende a sua utilidade — assim também, num meio como o de que falo, numa estação climática, a educação sanitária alcança um sentido todo particular, premonitório por excelência, no que respeita à saúde da criança e à garantia da sua resistência orgânica.

Mas, de maneira geral, é esse mesmo o problema básico para todo o Brasil. País com as suas questões econômicas em foco e que se prepara para aproveitar riquezas inumeráveis, mas, sem dúvida, de difícil consecução, que mais há de interessá-lo do que habilitar o homem para a tarefa que o aguarda, dar-lhe compleição à altura da incumbência que vai receber, nas técnicas que lhe competirem?

Sabemos todos que, si, num dado momento, não tiver um povo a educação de que precisa, não lhe será possível subsistir. Cada momento ostenta um tipo educacional necessário, que não fixamos a nosso talento, mas que deriva do próprio viver coletivo, único fator apto para delinear o que, então, representa *necessidade*.

Levemos, pois, a educação sanitária aos patricios espalhados pelos nossos longínquos rincões.

Mas, como? Por que meio?

A assistência médica e das educadoras sanitárias é exígua relativamente às populações e à sua ampliação, por maior esforço que se faça, não parece capaz de satisfazer, tão cedo, ás imposições do meio. E, mesmo que assim não fosse, há um elemento que, pela força de sua missão, pelo seu treino em influenciar as gerações novas, pelo fato de se achar disseminado nas regiões mais afastadas, com esforço talvez diminuto, e de modo pouco dispendioso para o Estado, pode avocar esse mistér: é o professor.

Só assim, a nossa escola servirá verdadeiramente à realidade nacional. Sim, porque qual será o verdadeiro fator, o fator primeiro de civilização? Alfabetizar um povo ou dar-lhe uma educação que imprima nele a *necessidade* de ser alfabetizado?

E' de considerar o fato de que, não raro, o nosso caboclo, alfabetizado pela escola, por falta do uso de livros, jornais etc., que ás suas mãos não chegam, esquece a técnica da leitura. E, si, em lugar desta, ou melhor, juntamente com ela, tivesse ele adquirido hábitos sádios, experimentando a satisfação de se sentir em condições plenas de trabalhar? Si a escola visasse, em primeiro lugar, a aquisição de tais hábitos e, cumprindo a sua missão social, os levasse às famílias dos alunos? Não seria esse o meio de uma verdadeira elevação cultural do nosso povo? E, para a aquisição desses hábitos, não teria cada individuo a educação intelectual de que necessita e o desenvolvimento de sua vontade? E não seria esse o melhor meio de evidenciar ao professorado que a técnica de ensino muito tem a lucrar com o aproveitamento da vida real, para um saber fecundo e não para uma sobrecarga contínua e inútil da memória?

Com esse critério, procure o professor realizar, na esfera escolar, um trabalho que se torne a vera-efigie da obra magnífica empreendida pelo insigne general Rondon entre selvícolas, integrados, desse modo, na nossa nacionalidade.

Em nossos dias (oxalá estivesse eu enganada...), preocupam o professor, em geral, e, principalmente (o que mais grave se torna) o professor rural, apenas os encargos da técnica de alfabetização, cujo valor, é óbvio, ninguém contestaria, mas que, em matéria de importância, não suplanta a educação sanitária. Ao contrário: nesse ponto-de-vista são providências que se equiparam e se completam.

E o afan do nosso professor funda-se em razão justa, porque ele vale pelo numero de alfabetizados que apresenta. Essa missão é penosa, mormente em certos meios sociais, não lhe deixando tempo para a ação propriamente educativa.

Como proceder, então? Prepará-lo para o desempenho cabal desse dever.

Quanto ao preparo dos novos professores, claro é que se torna essencial que se proporcione, nas escolas normais, uma prática efetiva. Não posso aqui entrar em detalhes sobre esse assunto. Aliás, no ultimo volume da "Revista de Educação", de S. Paulo, ns. 29 a 32, pags. 83 a 88, já me referi permenorizadamente ao trabalho realizado em S. José, sob esse aspecto. Agora, só aludirei à "Casa da Criança", por nós fundada naquela cidade e cujos funcionários são os meus alunos da Escola Normal. Nesse estabelecimento, fazem a prática mais real de educação sanitária, não só da criança como, por meio dela, da própria população e com inteira responsabilidade. A eles competem as aulas de ginástica, as de jogos educativos de toda a espécie (nos quais há sempre também alguma coisa a tirar de educação sanitária), a distribuição do alimento (com seus problemas praticamente estudados), a distribuição de roupa. Tudo visa sempre a educação sanitária da criança e de sua família. Assim, por exemplo: a população pobre da cidade costuma receber a roupa dos doentes e aproveitá-la sem qualquer cuidado. Trabalhamos para recolher toda essa roupa, esterilizá-la e distribuí-la, concertada e adaptada, explicando a razão disso aos interessados. Outro exemplo que não posso deixar de citar é o caso da distribuição de sementes.

Um dos meus alunos distribue-as às crianças, acompanha toda a plantação, e vimos, assim, formando pequenas hortas espalhadas pela cidade, com o que incentivamos a boa alimentação, a par do gosto pelo trabalho agrícola e o amor à terra. Sempre o hábito de educar e não apenas instruir. Os problemas surgem naturalmente na "Casa da Criança", e os meus alunos têm que agir para resolvê-los. Creio que não poderão eles perder de vista o problema sanitário, sentindo, como estão, de perto, a sua necessidade.

Quanto aos professores já em exercício, medidas administrativas, certo, os farão agir. Uma delas seria a verificação do trabalho escolar nesse sentido, e o estímulo daí decorrente, uma vez considerada a mesma para a situação do professor. Além desse processo administrativo, far-se-á indispensável a orientação: um preparo de emergência para o professor. Cumpre que exista também continuamente um incentivo, e o professorado jamais negaria o seu concurso patriótico, já tantas vezes revelado.

Senhores. Aqui encerro as minhas considerações. Rematando-as, solicito a esta douta assembléa que dirija um apelo aos órgãos competentes de todo o País, para que, doravante, exijam do professor brasileiro, ao lado do fator alfabetização, outro — o fator educação sanitária dos nossos jovens, e, tanto quanto possível, por meio destes, a do povo.

E isso porque o Brasil precisa dos seus filhos fortes, para o trabalho que deles espera.

### CÔNCLUSÕES

- 1.<sup>a</sup> — A escola só cumpre a sua missão quando serve plenamente ao meio social a que pertence.
- 2.<sup>a</sup> — O Brasil precisa valorizar os seus homens para o trabalho, e a base dessa valorização reside na educação sanitária.
- 3.<sup>a</sup> — A assistência médica e das educadoras sanitárias é exígua, e a sua ampliação não se poderá fazer de súbito, máxime por motivos econômicos.
- 4.<sup>a</sup> — O professor, pela sua situação peculiar, é o elemento com que se pode contar para esse trabalho educacional.
- 5.<sup>a</sup> — A formação de professor deve ser objeto de toda a atenção, tendo-se em vista esse trabalho.
- 6.<sup>a</sup> — E' preciso que cada futuro professor e cada professor esteja sinceramente compenetrado da sua missão patriótica no preparo de um povo forte.
- 7.<sup>a</sup> — A educação sanitária obrigatória apresenta a grande vantagem de proporcionar um meio de aperfeiçoamento à técnica educativa escolar.
- 8.<sup>a</sup> — A orientação e fiscalização desse trabalho do professor tornam-se essenciais.
- 9.<sup>a</sup> — Não basta, pois, o trabalho docente. E as administrações precisam estimulá-lo, considerando, tanto o trabalho básico de educação sanitária, feita por parte do professor, como a sua percentagem de alfabetização.
- 10.<sup>a</sup> — Impõe-se, pela sua própria significação, um apelo feito pelo 1.<sup>o</sup> Congresso Nacional de Saude Escolar aos órgãos competentes do País, no sentido de se mobilizar o professorado para o serviço de educação sanitária.

## A EDUCAÇÃO SANITÁRIA NAS ESCOLAS

PROFA. MATILDE PEREIRA BORGES

São Paulo

### CONCLUSÕES

1 — Cumpre divulgar, amplamente, por todos os meios, em palestras pelo rádio, em artigos pela imprensa, em exibição de filmes educativos nas escolas primárias, bem como em obras especiais, os conhecimentos uteis à defesa e conservação da saúde.

2 — Urge generalizar e intensificar o uso de palestras feitas pelos médicos e educadoras sanitárias dos centros de saúde, nos grupos escolares e escolas primárias, visando ministrar um curso de especialização sanitária aos professores primários atualmente em exercício.

3 — Torna-se necessário instituir, entre os alunos dos cursos primários do país, a Legião da Saúde, com os seus "pelotões" (pelotões fiscais, de propaganda, de visitas etc.), para a formação, de modo ativo, dos hábitos de higiene, bem como para a sua divulgação, dentro e fora da escola.

4 — Faz-se mister desenvolver a ação das atuais professoras primárias, atribuindo-se-lhes funções de visitadoras sanitárias, junto às famílias dos seus alunos, afim de ampliar a obra de educação sanitária dos centros de saúde e colaborar, valiosamente, com o quadro das educadoras sanitárias.

5 — É de toda conveniência criar, junto aos centros de saúde do interior, um serviço ambulante de inspeção médico-dentária escolar, provido de ambulâncias apropriadas, com farmácia, médico e dentista, para atender à população escolar rural, em todo o país, percorrendo, periódica e sistematicamente, as escolas mais acessíveis da zona rural.

6 — Impõe-se a obrigatoriedade de aulas práticas sobre educação sanitária, ministradas nos centros de saúde, fora do horário escolar, a todos os alunos dos cursos de formação de professores primários, durante dois anos.

## EDUCAÇÃO SANITÁRIA

### Hábitos sadios

PROF. FRANCISCO ALVES MOURÃO

Delegado Regional do Ensino — Ribeirão Preto

Primitivamente foi muito restrito o papel da ESCOLA PÚBLICA. porque, por certo, eram também restrita as necessidades coletivas. Com o desenvolvimento social, porém, e a crescente luta pela vida, necessário se torna que o indivíduo se encontre sempre preparado para enfrentar uma civilização como que em mudança. Daí, cada vez mais crescente a importância da ESCOLA PÚBLICA e, mais complexa ainda, a sua função social, por se saber que "os destinos de um povo se jogam nos seus estabelecimentos de educação".

De tudo isso se infere que o mestre precisa acompanhar, com interesse, a evolução da CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO, cujo fim último ou essencial é, modernamente, considerado como sendo a SOCIALIZAÇÃO, sem descuidar, no entanto, como já afirmamos em trabalhos educacionais, de todos os seus FINS PARCIAIS ou IMEDIATOS, entre os quais se incluem os que se relacionam com a EUGENIA ou ROBUSTEZ FÍSICA, pela cultura física em geral (ginástica, jogos ginásticos, natação, escotismo, dentre outros exercícios), e pela prática de princípios de higiene, através da revista de asseio dos escolares e de aulas sobre puericultura, HÁBITOS SADIOS, além de difundir preceitos de profilaxia sanitária.

Para que a ESCOLA nunca perca o seu conceito de "núcleo revigorador da saúde na NAÇÃO", convém que se tenha sempre em vista que cumpre também ao mestre a elevada missão de educar sanitariamente a nossa infância e juventude para formar a CONCIÊNCIA SANITÁRIA do educando, não somente pela teoria, mas pela prática constante dos HÁBITOS SADIOS que se consideram como "guardas avançados da resistência orgânica".

Do carinho com que se cuidar dessa face dos problemas educacionais que mais competem à ESCOLA, dependerá o reerguimento do nível moral, intelectual e sanitário de nossa raça, desde que se procure inculcar na mente dos escolares a necessidade da prática dos exercícios físicos e hábitos úteis referentes ao asseio, à respiração, à circulação, à alimentação, mais pela prática, para favorecer a aquisição de HÁBITOS SADIOS, pela aprendizagem do "fazer fazendo com interesse e gosto".

O ilustre professor Almeida Júnior qualifica, como elementos de influir na mente infantil e nela gravar hábitos de higiene, a Escola, o

exemplo do professor, a prática da higiene e o aprendizado dos conhecimentos de higiene. Aconselha, para se conseguir a prática da higiene, vários fatores, entre os quais se destacam a revista dos alunos, sua conduta na escola, sua vida doméstica e a revista da escola.

O professor deve examinar seus alunos para verificar se seu rosto, seu pescoço, suas orelhas e seus dentes estão convenientemente lavados e se suas unhas estão aparadas e limpas, cabelos penteados, roupas e sapatos asseados.

Durante a visita chamada da escola se ministrará o ensino de higiene domiciliar, ao se verificar o estado de asseio e arranjo de tudo, notando ainda as questões de iluminação, ventilação, os cuidados com a água potável e o estado das privadas, onde deve haver até papel higiênico.

Sabido é que, "distraído" ou absorvido pelo trabalho, o aluno pratica inúmeros pequenos atos contrários à higiene: senta-se em má posição, leva o lapis aos lábios, põe o dedo na boca, no nariz, nos olhos, nos ouvidos, suja os livros ou cadernos, cospe no solo, espirra ou tosse sem colocar o lenço diante da boca, molha o dedo na saliva para voltar as páginas; no recreio toma água em copo usado, traz um lanche indigesto, come estando fatigado, bebe estando suado, mastiga insuficientemente. Todas essas pequenas coisas serão observadas e corrigidas pelo professor."

A indagação discreta e habil da vida doméstica do aluno, diz ainda o professor Almeida Júnior, "é caminho que conduz o professor a conhecer e corrigir os hábitos higiênicos referentes ao sono, ao banho diário, aos dentes, ao regime alimentar, ao uso do fumo ou do álcool, e muitos outros".

Assim, "a parte fundamental da educação higiênica já está feita com a implantação de hábitos. Mas o ensino dos princípios de higiene é indispensável, não só para que a criança compreenda a razão de ser dos hábitos que está adquirindo, como também para se tornar capaz de adaptar-se às condições novas e imprevistas da vida prática".

No horário de sua classe deve o professor consignar uma aula de higiene por semana, através da qual convencerá o aluno da necessidade da prática de tudo que houver recomendado, firmando, não só por essa forma, como por meio de reações inteligentes, a prática dos HÁBITOS SADIOS que a ESCOLA deve oferecer.

Tenha-se em vista que muitos não sabem escovar perfeitamente os dentes, nem lavar convenientemente as mãos, não sendo raro, antes quasi comum entre as pessoas de pouca cultura, observar-se o hábito de, após passarem o sabonete nas mãos, guardá-lo sem ser lavado também.

Cuidados complementares deve ainda ter o professor ao receber seus alunos, para colocá-los nas carteiras de acordo com a sua acuidade visual e auditiva. Não se permita, nem por segundos, que as crianças leiam ou escrevam sem luz suficiente ou à luz direta dos raios solares que, por momentos, possam incidir por sobre as carteiras. Protejam-se as vidraças com cortinas, para se evitar tal inconveniente e zele-se para que os quadros negros destinados aos trabalhos diários sejam bem pretos e os exercícios aí passados sejam feitos a traços fortes de giz, para ser bem legíveis.

Conhecidas pelos alunos, embora por alto, as questões de iluminação e iluminamento, a anatomia e fisiologia dos órgãos visuais, e ten-

do firmes noções de que é por meio deles que o homem adquire grandes somas de conhecimentos, se interessariam bastante pelo assunto, teriam sempre em vista a prática de HÁBITOS SADIOS que a respeito se prescrevessem, organizariam sua defesa, evitando, dentre outros hábitos máus, ler ou escrever sem luz suficiente ou à luz demasiadamente forte. Não se esqueça o mestre de que é um erro pedagógico desprezarem-se detalhes cuja observação revele a conduta do educando, também nesse particular, evitando-se assim diversas causas, muitas vezes remotas, de anomalias visuais e de defeitos físicos.

Se por ventura se constatassem muitos fatos dessa natureza, em grande parte a culpa caberia ao professor, incapaz de remover, muita vez, impecilhos de fácil eliminação, porque não se pode desfazer o conceito já firmemente estabelecido de que a ESCOLA É O MESTRE.

A todos, e especialmente àqueles que têm parcela de responsabilidade pública ou que exercem o magistério, cumpre o dever moral de, na medida dos elementos de que dispuserem, auxiliar os poderes públicos na resolução de todos os problemas sanitários.

E então, na expressão rija e viril de Armando Prado, teremos homens fortes, "de músculos retesados e túrgidos, sob a pele úmida, flancos palpitando céleres epla respiração ofegante, tórax entumecido, bícepes levantados em carcos duros, para empurrarmos para cima, para o alto da montanha, onde a vitória serenamente repousa, o formidável rochedo de nossa grandeza", para a grandeza do Brasil.

## CONCLUSÕES

I — Sendo a ESCOLA considerada como um dos mais importantes núcleos revigoradores da saúde da Nação, compete ao mestre procurar, desde logo, formar a consciência sanitária do educando, pela prática constante dos HÁBITOS SADIOS — "guardas avançadas da resistência orgânica".

II — Para que seja mais forte o poder de retentiva do aluno, em aulas especiais de higiene, dadas, uma por semana, o professor, ao falar das enfermidades em geral e sua profilaxia e dos conhecimentos higiênicos, explicará aos alunos a razão de ser de tudo o que houver recomendado.

III — É dever moral de todos e, especialmente, dos que têm parcela de responsabilidade pública, cooperar com as autoridades sanitárias e os poderes constituídos na resolução de todos os problemas sanitários.

## A EDUCAÇÃO SANITÁRIA ESCOLAR

### Relação entre a escola e o domicílio

PROFA. ERNESTINA IPPOLITO

Repr. da Liga do Professorado Católico — São Paulo

No decorrer dos séculos, as conquistas no campo científico têm sido sempre florescentes e entre elas avulta a do ramo da medicina preventiva — a *higiene*.

Se atentarmos para a etimologia da palavra *higiene*, verificamos esta provir de verbo grego que significa *ter saúde*. Mas, para a possuir realmente, não podemos desconhecer que um mundo invisível a olho nú insidiosamente nos cerca, para nos atacar e castigar na menor infração às leis naturais que regem os organismos vivos e, sobretudo, os humanos. As conquistas em microbiologia, de fato, nos apavoram, pois nos põem ao par de novos e infínitos mundos, infinitesimais microcosmos, regidos de leis tão sábias quanto às que regem a gravitação universal.

Dessas revelações da ciência, chegadas num momento providencial, quando a humanidade de mais em mais se adensa, surgem novas necessidades quais as de acautelar as massas contra tão feiçosos inimigos.

Dentre os processos mais eficientes está o do ensino da higiene nas escolas, isto é, o da educação sanitária escolar. Se tudo quanto nas escolas aprendemos visa sobretudo a melhor compreensão da vida, os conhecimentos que vêm amparar a saúde ou ajudar a readquiri-la são a melhor aquisição que devemos fazer. Efetivamente, já dizia Herbert Spencer: — “uma boa saúde e a alegria que a alma constituem maiores elementos de felicidade que qualquer outra coisa e, para manter essas condições, seu ensino é de tal importância que não cede lugar a nenhum outro”. O velho adágio de Juvenal, sátiro latino, “mens sana in corpore sanor”, confirma as expressões de Spencer, pois fazem advir do bom física, a boa disposição psíquica e moral e, porque não acrescentar, também, social. Pois é a essa ingente tarefa de proporcionar à humanidade boas condições físicas, psíquicas, morais e sociais que é convidada a escola, tendo nela, lugar de destaque a educadora sanitária.

Nem sempre, infelizmente, tem sido compreendido o papel da educadora de higiene. E' que, realmente, a sua operosidade, por esbarrar em situações assáz complexas, num ambiente social também complexo e heterogêneo como é o nosso, onde a nacionalidade está ainda em vias de formação, muitas vezes tem sido de duvidosa ou pouco eficiente atuação.

Existem, em nossa sociedade, várias camadas que vão desde aquelas em estado de quasi indigência de recursos e igual penúria de conhecimentos, até estas outras mais bem aquinhoadas, em todos os sentidos; às primeiras chega a faltar, além do alimento, o ar e a luz, elementos ao alcance de todos, mas não de suas precárias habitações. E a educadora, falando com todos na mesma linguagem, sempre com igual modo de agir para com todos, pecou, muitas vezes, ou por excesso de literatura, ou então por excesso de idealismo. Onde, porém, indiscutivelmente a sua ação só tem tendido a melhorar, por encontrar ambiente mais propício e pelo evoluir dos processos de ação cada vez mais adequados, é no campo escolar. A educadora, sendo uma professora especializada em higiene, encontra na escola o seu ambiente. E a escola, com as classes selecionadas para o ensino, segundo o grau de adiantamento dos alunos, favorece a qualquer aprendizado, pela maior homogeneização das mesmas. Compete à educadora não esquecer aquelas mesmas leis didáticas que regem todo e qualquer processo de ensino e que a deverão nortear nesse trabalho, na escola. Entre elas, há a lei do exercício, pela qual de nada valerão certas preleções muito abstratas, sobre determinados assuntos, como o asseio corporal, a higiene do vestuário, o asseio da boca etc., se não souber exigir a prática permanente desses atos que, com o tempo se incorporarão à maneira de agir de seus discípulos, tornando-se simples hábitos. E a lei do efeito de Thorndike vem secundar a primeira: esqueçamos o desagradável para procurar lembrar apenas o que nos é agradável. E o banho diário, o escovar dos dentes, a roupa limpa e de acordo com a estação, não produzirão um bem estar que há de ser sempre procurado?

Falamos em preleções abstratas. Estas jamais deveriam existir no ensino primário. Todo e qualquer assunto a abordar, deveria partir de uma situação problemática como, por exemplo, a doença de um colega, a água turva dos bebedouros, a verminosa em larga escala verificada após os devidos exames. Ter-se-á, destarte, a motivação dos pequenos seres que hão de se interessar assim, cada vez mais, pelos problemas da saúde. Procurarão não esquecer o quanto é salutar o lavar as mãos, antes das refeições, o comer pouco e bem mastigado, o fazer exercícios, ao ar livre, e outros muitos ensinamentos que o evoluir das lições lhes proporcionarão.

Adquiridos os hábitos sadios, irão também eles concorrer para o bem-estar da coletividade. Como católicos que somos, importa-nos, sobretudo, implantar aqueles hábitos que levam a uma boa conduta moral, a uma personalidade sadia, procurando sempre viver com alegria e bom humor, esquecendo-nos depressa dos males que nos contrariam, ou então, enfrentando-os com coragem. Entretanto, se quisermos uma verdadeira implantação de hábitos sadios, necessário é não esquecer que os alunos passam mais horas em casa que na própria escola e, portanto, poderão sofrer dela uma maior influência. A educadora compete, então, fazer visitas em domicílio, que serão tão mais frequentes quanto mais obstáculos encontrar no ambiente. Ela deverá, aos poucos, pacientemente, obter que se transformem certas atitudes dos pais e irmãozinhos dos alunos, com a aquisição dos mesmos hábitos de higiene pregados na escola. Para isso, muito concorrerão o seu interesse em verificar, quando em visita domiciliar, como todos os conselhos de higiene, dados em aula, são seguidos em casa. Vai ela, de verificação em verificação, desde a pequenina escova de dentes, até o quarto de dormir que deve ser bem arejado

e insolado. A sua dedicação e o poder de persuasão de que é investida como professora de higiene, atuarão eficazmente e, em breve, a sua causa será ganha.

Nem sempre, entretanto, o mesmo entusiasmo a anima. É que, não raro, ao chegar à casa do aluno, mal pode entrar; curva-se a meio, pois tem diante de si um buraco, simulação de porta que dá acesso a um quarto no porão. Sem quasi poder enxergar, entrevê crianças deitadas em enxergas e outras vezes arrastando-se pelo chão frio, embora limpo. Nas paredes, manchas de humidade dizem o quanto de insalubre vai por essa habitação. Habitação? Que digo?! Um cômodo que é quarto, é sala, é cozinha, sala de estudo e sala de trabalho dos pais. Que fazer, se até sol, luz e ar, em profusão no mundo, faltam a esta mísera gente? E a alimentação?! — É o que se puder comer.

Felizmente, outras habitações há, onde o quadro é outro. E aqueles princípios de higiene, baluartes da saúde, podem ser amplamente seguidos em casa, como continuação da escola. E o seu pequeno programa, que com hábitos higiênicos de viver (sobretudo de alimentação bem cuidada, vida ao ar livre com exercícios e alegria), com os hábitos de prevenção contra as moléstias, pelas vacinações existentes e, ainda, com os ideais estimulantes da saúde, programia que, uma vez realizado, muito poderá concorrer para o robustecimento de nossa cara gente e pelo engrandecimento de nosso caro Brasil.

Como conclusão diremos:

1) Uma vez que um bom número de alunos vive em habitações precárias e o problema das habitações para pobres não se resolve de um dia para o outro, o meio mais pronto de lhe proporcionar ambiente mais sadio é o de obter sua frequência em Parques Infantís da cidade e, ao mesmo tempo, aumentar o número deles, pois que há bairros superpopulosos, como o do Bexiga, aquí na Capital, onde, embora necessários, não existem.

2) Aumentar o número de educadores escolares (hoje ainda há educadoras que trabalham em três Grupos), estimulando-lhes os esforços, pois árduo é o seu trabalho, se quiserem compreender bem o seu dever.

3) Instituir, de uma maneira geral, as sopas escolares, iniciativa louvavelmente executada em alguns grupos escolares e que irão, em parte, corrigir a deficiência de rendimento dos alunos mal alimentados.

# EDUCAÇÃO SANITÁRIA

CELINA CANTO CORRÊA

Monitora do Instituto de Higiene — São Paulo

## CONCLUSÕES

Do que ficou exposto deduzimos que

- I — A especialização de Educadora Sanitária em cada um dos ramos da Saúde Pública é uma necessidade.
- II — As alunas do Curso de Educadores Sanitários devem ter um estágio prático junto ao serviço de Saúde Escolar, para melhor desempenharem suas funções quando à testa da educação sanitária e assistência preventiva-curativa dos alunos dos estabelecimentos de ensino público primário, a seus cargos.



## O ESCOLAR E OS HÁBITOS SADIOS

Alunas de Escola Normal: Helena Alba Pinho de Castro Silva, Cybelle Lobo Mazzilli, Alcira Waetge, Cora de Almeida Cintra, Leticia Pinto Cardoso Corina Falcão, Herminia F. Ayrosa, Brisabela de Oliveira e Clio d'Argelo — S. Paulo.

### CONCLUSÕES

O melhor meio de implantar os hábitos sadios é a prática diária dos mesmos durante o período escolar, tendo necessidade o professor de possuir uma clara compreensão do problema, quais os hábitos que devem ser implantados, mostrando sempre o porquê das ações.

Para isso é preciso que tenha um preparo tal para que possa realizar as funções do médico e da educadora. Tanto o médico como a educadora concorrem muito para a implantação dos hábitos sadios, mas nem todas as escolas os possuem, tendo por isso a professora necessidade de conhecer os problemas de saúde e higiene, saber como resolvê-los.

Em todas as escolas deve haver uma revista de asseio, se não for diária, pelo menos semanal; palestras, uma ou duas aulas de higiene por semana, devendo o professor aproveitar todas as ocasiões apresentadas pela vida diária para corrigir os máus hábitos. Quanto mais cedo forem ensinados os hábitos sadios, com mais facilidade as crianças os praticarão. É nesse período escolar, de fácil aquisição, que as crianças deverão aprendê-los.

A limpeza das dependências sanitárias e das salas de aula deve ser meticulosa e diariamente feita. Para tal é necessário um certo número de encarregados, os recursos de tempo e de instrumentos.

Alem disso, as crianças precisam receber ensinamentos para a conservação desse asseio. Durante as aulas a professora vigiará para que não sujem o chão e as carteiras, com pontas de lapis, papeis etc.,

A higiene do ambiente é um dos principais fatores da saúde. Muita luz, muito ar é que, a par de uma instrução sábia, farão as crianças crescerem fortes, sadias e inteligentes, aptas para a vida, seleção humana que pela saúde nos trará a felicidade.

Deve o professor cuidar também do lanche sadio, ensinando qual a melhor alimentação.

A ação do mestre não deve limitar-se à escola. Para que seu trabalho seja util a sua ação tem que ir até ao meio familiar; visitando as famílias, fazendo palestras, orientando-as, conseguirá o professor com mais facilidade a implantação dos hábitos sadios.

Já é tempo de abandonarmos a atitude de comodismo e indiferentismo com relação às questões de higiene e agirmos de fato para a melhoria do ensino e maior grandeza do Brasil.

## IMPLANTAÇÃO DE HÁBITOS SADIOS

DR. OCTAVIO HELENE

I. G. do S. D. E. do Departamento de Educação.

A "implantação de hábitos sadios" nas escolas, é assunto que não requer mais que se lhe evidencie a necessidade. Estabelecer as maneiras de implantá-los, dentro das melhores fórmulas e dos mais proveitosos metodos, é o de que se deve cogitar.

Em se tratando de estudar meios eficientes para implantar hábitos sadios, parece que necessário se torna, de início, dar ao escolar noções de Higiene compatíveis com o seu discernimento e capacidade de apreender. Essas noções, ministradas em caráter geral, farão com que o escolar entre em contacto com a Higiene, tomando conhecimento das condições gerais da saúde e das condições especiais da saúde. Atrai-se, assim, desvendando um mundo desconhecido, o seu interesse pelo assunto. Um mundo desconhecido, disse, porque desde a primeira observação se nota que não é pequeno o número de escolares que não pratica os mais rudimentares preceitos de Higiene, predispondo-se, com isso, a todas as afecções e infecções a que está sujeito o organismo.

Embora se trata de necessidade reconhecida, a metodização, no ensino e na ciência, só aos poucos vem surgindo e vencendo o empirismo do passado. Pode-se, portanto, dizer que o aperfeiçoamento do metodo ainda é uma questão absorvente em nossos dias. Em certos casos, encontrar o método apropriado a uma disciplina é assegurar o entendimento e a assimilação pelo estudante.

Na Higiene, que nos preocupa, e que diz quasi toda com hábitos pessoais, a primeira dificuldade do método é vencer, corrigir e reeducar esses mesmos hábitos. Resta depois expôr os conhecimentos e normas científicas indispensáveis.

Todo ensino proveitoso, sobre tudo quando visa modificar o hábito, com razão chamado "segunda natureza", deve proceder por partes, gradativa e insistentemente. Portanto, um programa pre-estabelecido, metódico, requer uma aplicação em tempo adequado. Isto é, não bastam referências isoladas, aproveitando simples oportunidades, para inculcar uma série de conhecimentos.

Com referência ao assunto desta tése, quero frizar que, embora muito uteis os conselhos sobre higiene dados no correr do período letivo e, embora mesmo essas conselhos devam fazer parte do programa geral da matéria, este não estará completo se não lhe fôr dado um cunho científico, que envolve a idéia de coordenação exata e progressão lógica dos conhecimentos, concatenados dos mais simples para o mais complexo, do habitual para o raciocinado.

Em última análise: Higiene, como a entendo, é matéria científica que deve ser lecionada desde os primeiros bancos escolares. Nem posso considerá-la de outra maneira, sendo ela a responsável pela saúde, que

é a base primordial de toda a eficiência humana, cujas manifestações formadas pelos demais conhecimentos, se elevam sobre esse alicerce.

Por mais teórico que seja um conhecimento, a sua finalidade é sempre prática. Na Higiene, essa prática precisa tornar-se um hábito, um quasi automatismo. Os psicólogos definem o hábito como sendo a aptidão de reproduzir os atos com uma facilidade crescente. E Jaspers diz que essa facilidade é tanto maior "quanto mais frequentemente este ato for praticado; quanto o fôr com maior intensidade e duração; quanto fôr renovado a intervalos curtos".

Do exposto se pode concluir que só se obterão resultados apreciáveis na campanha de higiene se fôr estabelecida em consonância com esses preceitos.

Ao fazer referência ao hábito é oportuno falar do instinto, pela analogia que ambos apresentam. O hábito é de segunda formação, próprio a certos indivíduos, variável, exige às vezes longa praticagem; o instinto, primitivo, imutável, comum a todos da mesma espécie, tem por objeto a conservação do indivíduo e da espécie.

Despertar, pois, o instinto da criança, para uma apurada defesa do seu organismo, dando-lhe conhecimentos de todos os elementos que vivem em permanente conspiração contra o homem é despertar-lhe o interesse pela prática de ações sadias que se transformarão em hábitos. "quanto mais frequentemente forem praticados".

Seja-me permitido, como dentista, particularizar, no assunto "implantação de hábitos sadios", a higiene bucal.

O mau hábito de não escovar os dentes, de não trazê-los sempre limpos e em bom estado de conservação, é dos mais prejudiciais à saúde, como é sabido. É um desleixo comum nas crianças, prolongando-se, como exemplo mau, em adultos, mormente nas classes sociais menos esclarecidas. Extinguir um costume tão generalizado e antigo, implantando um novo e contrário, é tarefa difícil, que exige paciência e perseverança.

A "Inspetoria Geral do Serviço Dentário Escolar" já tem realizado muito de promissor, graças aos não pequenos esforços dispendidos nesse sentido. Vem, assim, trabalhando para implantar no meio escolar o "hábito sadio" de escovar os dentes, tratá-los e conservá-los em boas condições.

A criança, em contacto com o dentista, na escola, durante o tratamento de seus dentes, está recebendo do profissional pequenas preleções, conselhos e exemplos convincentes de quanto o organismo necessita dos dentes, do quanto eles concorrem para a sua saúde e para a estética da face. Além disso, a Inspetoria promove concursos de bons dentes que despertam na criança interesse digno de nota. Palestras e aulas sobre a maneira de praticar a higiene bucal, já são feitas frequentemente; mais um passo nesse caminho e teremos chegado ao ensino metódico e completo da higiene escolar. Aulas dessa natureza são tão importantes, que constantemente são promovidas e presididas pelo Dr. Guilherme de Oliveira Gomes, Inspetor Geral do Serviço Dentário Escolar, que tem desenvolvido extensa campanha pela higiene buco-dentária das crianças. A nossa imprensa tem registrado tais fatos, com merecido destaque (V. Folha da Noite, ed. de 18-3-39).

Os elementos de que dispõe a Odontologia moderna para a perfeita execução dos trabalhos e os conhecimentos que aos profissionais proporciona a Odontopediatria, fizeram com que se vencesse, na criança, um

dos maiores obstáculos que se encontravam para induzi-la ao tratamento dos dentes — o medo da dôr. A antiga mentira convencional “tratamento sem dôr”, já é quasi uma brilhante realidade. Demais, o profissional familiarizado com a mentalidade infantil, ganha modos carinhosos e palavras convincentes que incutem na criança uma confiança tranquilizadora. O tempo, fator decisivo nas conquistas de carater social, há de concorrer para a realização de tão nobres aspirações.

Disseminar e ampliar o tratamento de assistência dentária nos meios escolares e pre-escolares, o quanto diga com a sua necessidade, resolverá para a criança um problema capital em sua economia orgânica e para muitos pais uma questão insuperavel.

### CONCLUSÃO

O trabalho de “implantação de hábitos sadios” nas escolas deve ser feito em colaboração, por todos os que se acham em contacto com a criança e em condições de exercer sobre ela uma influência esclarecida. Metodizar e tornar eficiente esse trabalho, em que o fator psicológico é imprescindível para a assimilação científica e aquisição do hábito pela criança, eis o grande mérito que se espera — e, naturalmente, não faltará — dos esforços conjugados dos poderes competentes.



## A EDUCAÇÃO SANITÁRIA NAS ESCOLAS

DR. J. COSTA SOBRINHO

Instituto de Higiene da Universidade de São Paulo

Se um indivíduo prevenido vale por dois ou mais, porque não se tentar duplicar ou mesmo triplicar a nossa população, educando-a na maneira de prevenir-se contra todos os males atentatórios à saúde e à vida humana?

Eis a magna tarefa a que se propõe a higiene moderna a iniciar-se pela educação sanitária e educação física dos indivíduos. E em verdade, evitar-se o mal ou suas consequências, é sempre mais simples, mais barato e menos perigoso do que se tentar remediá-lo. Assim, a aplicação de algumas gotas de nitrato de prata diluído, aos olhos dos recém-nascidos para preservação contra a chamada cegueira de nascença; as diversas espécies de vacinações; os tratamentos das cáries para evitar a queda dos dentes; são dentre outras de grande alcance social, algumas das medidas preceituadas pela higiene. É seu escopo enfim, ensinar a todos a "viver bem, a evitar práticas nocivas e a alimentar-se proveitosamente".

Eis porque, a higiene vem conquistando dia a dia, lugar mais importante na vida dos indivíduos e das coletividades.

É de notar-se que a ciência médica muito evoluiu nos últimos 50 anos, descobrindo a cura e o controle de doenças como a tifoide, a varíola, a ancilostomose, a malária e a diftéria; mas, por outro lado, muitas moléstias ainda se acham no terreno dos estudos e das observações. E daí, o grande desenvolvimento alcançado pela higiene moderna ou medicina preventiva.

E, ao contrário do que é geralmente imaginado entre nós, o estudo da higiene não é privativo da medicina e nem a sua prática, somente aconselhável a indivíduos alfabetizados. Tanto deveriam estudá-la o médico, como o sociólogo, o bacharel, o engenheiro, o farmacêutico, o dentista, a obstetra, o professor, e todo o mundo. E os seus ensinamentos, mais do que qualquer outro, deveriam estar ao alcance de todos indistintamente, tanto nas escolas primárias como nos colégios e cursos secundários, nos centros de saúde, nas casernas, nas fábricas e enfim, onde fosse possível, em publicações, conferências, palestras e outros meios de difusão. A propaganda higiênica é uma necessidade social, tanto quanto a saúde é para a vida do corpo.

Si a instrução concorre para o fechamento de cadeias, a higiene diminui a necessidade de hospitais, cooperando para melhoria da raça e aumento da população. A boa saúde e o desenvolvimento físico do corpo, são requisitos imprescindíveis a uma inteligência sadia e produtiva.

O período escolar coincide com a idade do desenvolvimento da criança. E sendo o desenvolvimento, tanto físico como intelectual e moral ao

mesmo tempo, segue-se a necessidade da escola tripartir-se na sua função educativa. Ela deverá se ocupar da criança integralmente, tanto sob o ponto de vista de seu corpo como da sua inteligência e da sua moral. E daí, a imprescindibilidade da higiene com os seus preceitos, saneamento do meio, ensino de hábitos sadios e exercícios físicos, como integrante de um completo "sistema educativo".

É preciso ter-se em vista que a nação de amanhã irá ser, por certo, o reflexo da escola sob esse triplice ponto de vista: físico, intelectual e moral. Essa tem sido a educação adotada no Japão, na Escandinávia, na Alemanha, nos Estados Unidos, na Inglaterra e outras cultas nações.

Errônea, portanto, a pretensão de atribuir-se apenas à alfabetização ou mesmo a essa ligeira instrução, o grau de cultura, de progresso e de riqueza desses povos. E se o Japão é citado como exemplo cultural, é preciso também não se esquecer de que, em assuntos de higiene, ele ocupa sem dúvida, um dos primeiros lugares no mundo.

Até a pouco, — lamentava Courmont, referindo-se à França de 1914, — a escola se resumia em lições e livros e o mestre era o encarregado de unicamente movimentar o cérebro dos alunos". Entre nós ainda bem que já tenha havido mais de um movimento, no sentido de se atualizar o nosso sistema educacional.

Provam-nos a existência dos cursos do Instituto de Higiene e as várias reformas tentadas; a instituição da Inspetoria de Higiene Escolar e Educação Sanitária, Inspetoria de Higiene e Assistência Dentária e a criação do Departamento de Educação Física.

O certo, todavia, é que essas reformas não têm ido além de tentativas; a higiene escolar e a educação sanitária, a assistência dentária, devido à deficiência de verba, não têm passado de ensaios e apenas para a Capital, enquanto que o Departamento de Educação Física nada de apreciável pode ainda realizar. E dessa forma, o ensino primário, notadamente no interior, nos centros menos cultos, continua a ser o mesmo de "movimentar o cérebro dos alunos".

Seria de desejar-se, no entanto, que S. Paulo, como pioneiro que tem sido de grandes iniciativas, fosse o precursor no Brasil, de uma grande campanha em prol da saúde pública. E é fora de dúvida que ela somente seria viável e de êxito seguro, sendo a mesma feita através de um completo sistema educacional em que se incluísse a higiene moderna. Assim, o critério para instalação de escolas, não deveria ser apenas esse do número de alunos e existência de verba; mas ter-se em conta, principalmente, o grau de salubridade do sítio ou zona a beneficiar-se e o estado sanitário da sua população.

Saneado o meio e instalada a escola, a educação iniciar-se-ia pelos ensinamentos da higiene e das maneiras de evitar-se as endemias reinantes. E ao lado do professor, o médico e o educador sanitário prosseguiriam essa grande obra de preparação física, intelectual e moral dos nossos jovens patrícos.

Essa a nosso vêr, como estudioso de estatísticas, a educação necessária às populações rurais e mesmo urbanas de grande parte senão de todo o interior brasileiro. E finalizando, não percamos aqui a oportu-

nidade de deixar inscritas as palavras de Dewey, sem dúvida, o maior educador dos tempos modernos: "Desenvolver bem a criança para viver, desde a escola, na paz e no trabalho, com os outros homens".

### CONCLUSÕES

- 1) Não se consentir a abertura de escolas, sem se ter em conta o grau de salubridade do sítio ou zona a beneficiar-se e o estado sanitário de sua população.
- 2) Educação sanitária nas escolas.



# A FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCADORA SANITÁRIA

MARIA ANTONIETA DE CASTRO

Educadora-chefe da D.S.S.E. do Departamento de Educação — S. Paulo

NOTA: Este interessante trabalho consta de quinze páginas, terminando com as seguintes

## CONCLUSÕES

I — A Educadora Sanitária Escolar, pela sua formação especializada:

- a) desempenha uma função social;
- b) é um elemento de coordenação entre a Escola e o Lar.

II — Todo Serviço de Saúde Escolar deve contar com um corpo de Educadoras Sanitárias Escolares, na proporção de *uma* por *mil* escolares.

III — Planos de cooperação entre Lar e Escola devem ser estudados e postos em prática, em benefício da Educação e Saúde, entrando, com a sua contribuição: os Pais, os Professores e a Educadora Sanitária Escolar.

G O P H E  
E P H E

## A FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCADORA SANITÁRIA

PROF. FRANCISCO ALVES MOURÃO

Delegado regional do Ensino — S. Paulo

### CONCLUSÕES

I — A EDUCAÇÃO SANITÁRIA deve ter função mais ampla, iniciando-se no LAR, continuando prudentemente na ESCOLA e intensificando-se na SOCIEDADE, para constituir a educação PRÉ-ESCOLAR, a ESCOLAR propriamente dita, e a POST-ESCOLAR, ou POPULAR.

II — Para se atingir mais rapidamente o fim colimado, torna-se indispensável, ou habilitar anualmente maior número de professores, para poderem difundir também conhecimentos de educação sanitária, ou incluir no programa das ESCOLAS NORMAIS ou do curso de educadores sanitários, tendo-se em vista que as escolas são, evidentemente, de maior e mais fácil penetração nos meios rurais do que as unidades sanitárias, por serem estas de número grandemente inferior áquelas.

III — Ao se procurar firmar a consciência sanitária do povo, convem visar sempre, como princípio básico, a evidência da profilaxia individual, moral e sanitária.

IV — Os professores já em exercício poderiam fazer, por turmas, como medida de emergência, cursos rápidos de educação sanitária.

V — Em cada município, sob a direção de um médico da saúde pública, deve haver um educador e uma educadora sanitária, com o fim de manter cursos especializados, para Mães e Pais, sem embargo de visitas domiciliares que devem fazer também a estabelecimentos de ensino e fabris, além de se encarregar de outras atribuições condizentes com as elevadas funções do seu cargo, por constituir tudo isso a função social dos educadores sanitários.

# O TRABALHO INTENSO DE UMA EDUCADORA SANITÁRIA ESCOLAR EM TORNO DA SAUDE DE 484 ALUNOS

MARIA DE LOURDES SANTOS

Educadora Sanitária — S. Paulo.

## CONCLUSÕES

I — A Educação Sanitária Escolar feita intensa e cuidadosamente no grupo, juntamente com um intercâmbio acentuado com os pais é de uma eficiência pronunciada. Traz uma melhoria no nível intelectual físico e mental, de modo que se faz mister cada vez mais intensificar esta assistência.

II — Criação de classes especializadas aos atrasados mentais, débeis, desajustados etc., selecionados cuidadosamente no início do curso após ter submetido a todas as provas que o caso requer; lecionados por professoras, também especializadas, deveriam existir em todos os grupos.

III — Que se torna indispensável não só a criação de uma farmácia para o fornecimento de remédios aos escolares necessitados, como também, um hospital para internar os alunos que não podem ser carinhosamente tratados em sua residência.

IV — Que toda professora deveria ter um curso de higiene especializado para com maior eficiência colaborar com a Educadora, na formação da consciência Sanitária do escolar e consequentemente a Educação sanitária da população.

## O ASPECTO SOCIAL DO TRABALHO DA EDUCADORA SANITÁRIA ESCOLAR

CELESTE SCACIOTA

Ed. Sanitária — São Paulo

Proteger a criança pelo mais aperfeiçoado aparelhamento de defesa, por uma das formas em que a assistência ainda não se iniciara em nosso meio é o que tem procurado realizar o Serviço de Saúde Escolar desde 1932 em São Paulo.

E, porque modernizou processos revelando-se profundo conhecedor das necessidades mais prementes da criança, resolveu que ela fosse assistida na escola, cuidando e zelando pela sua saúde.

Entre os problemas que a educadora sanitária escolar tem de resolver, está o de constante observação em torno das condições sociais do aluno.

E compreende-se bem porque: o lar, os amigos, o bairro, a rua, são aspectos que devem interessar à educadora, a qual deverá informar-se das condições de saúde, possibilidades bio-psíquicas, sociais e de formação moral da criança.

Pobreza, falta de emprego dos pais, doenças, emprego da mãe, fora do lar, vícios dos pais, são fatores que refletem na saúde do escolar, fazendo com que o mesmo seja profundamente prejudicado. E aí começa a missão social da educadora que descobrindo estes fatores vai até o lar, procurando removê-los. Assim é que, em relação à situação econômica, verifica-se que a falta de alimentação ou alimentação insuficiente é quasi sempre responsável pela debilidade física e desequilíbrio de nutrição dos escolares. Procura então a educadora incrementar a instituição de sopas, o copo de leite ou pelo menos um lanche para estas crianças ao mesmo tempo que educar os pais e responsáveis neste sentido.

Aponte a pobreza, as obrigações que prendem os pais fora do lar, as suas condições de higiene como causas principais de transtornos quer físicos quer mentais do aluno. Entretanto, mesmo nas classes bem dotadas monetariamente, muito embora exista o conforto e por vezes a alimentação seja adequada, nem sempre a orientação educativa dos pais se coaduna com as necessidades da criança que para a escola leva amostras desoladoras da sua quasi inadatabilidade.

Nestes e naqueles casos, insuficiência material e insuficiência moral — é que toda a orientação social da educadora deve pesar. Se enormes dificuldades se antepõem à resolução dos problemas de alimentação e higiene que sobrecarregam as classes pobres, não menores obstáculos surgem quando se tratam de erros educativos.

Quanto aos estados patológicos dos estudantes, são encontradas maiores cifras de afecções linfáticas, traqueobrônquicas, anemias acentuadas, verminoses e heredo-lues.

Encaminhando estas crianças aos dispensários de saúde, procura ainda a educadora assisti-las. Mas não termina aí a sua missão: há ainda fatores de ordem higiênica, como a insalubridade de habitação, os máus hábitos de sono e de asseio revelando quasi sempre regime anti-higiênico, ignorância dos pais ou falta de "controle" no lar, onde neste caso reina o abandono quasi sempre forçado pelo trabalho, ou ainda a separação motivada por moléstias infeto-contagiosas, como por exemplo, a tuberculose.

Tendo entendimentos com os pais, educando o aluno e influenciando na professora para incluir no seu processo educacional a finalidade de corrigir condutas, implantar hábitos e atitudes sadias, procura a educadora resolver os fatores de ordem higiênica, envolvendo em sua rede o aluno, a família e a professora.

Como prova do que acabamos de afirmar, podemos citar um fato concreto dentre muitos, que dirá do que temos realizado nos Grupos Escolares da nossa Capital.

#### OBSERVAÇÃO N.º 1

No G. E. Maria Zélia, o aluno J. P. R. com 8 anos de idade, durante as aulas imitava os movimentos do sapo e a classe, em gargalhadas, não prestava atenção à professora que aflita, comunicou o caso à educadora, dizendo tratar-se de um anormal.

A educadora chamando a criança verificou que o pequeno trabalhava num circo e que o padrasto, beberão inveterado, procurava explorá-la e que a espancava mesmo.

O pobre menino ia para o Grupo em completo jejum e fazia estas palhaçadas para, segundo ele dizia, distrair-se e assim "distrain o estômago".

Diante de tal afirmativa, procurou a educadora a mãe da criança para vêr si conseguia remover a causa da indisciplina e aparente anormalidade da mesma. Havia necessidade de agir em casa do menino e na escola.

Em casa do menino — conversou com o padrasto da criança, intimando-o a mudar de conduta para com o escolar, sob pena de ser denunciado à polícia. Conversou com a mãe e obrigou-a a levantar-se cedo e fazer café para o filho.

Na escola — procurou proporcionar melhor alimentação ao aluno, trazendo-lhe merendas sadias, no que foi auxiliado por professoras do estabelecimento.

Passados alguns meses de constante, árdua e orientada assistência, o menino se transformou.

O aluno indisciplinado já não era causador de desordem em sua classe.

Já nada possuía da anormalidade que fazia com que os colegas o chamasse até de louco. Tornou-se bom estudante, apresentando bom rendimento escolar, comportado e até sadio, pois que engordou alguns quilos.

### CONCLUSÕES

I) A E. S. E. desempenha na escola funções de caráter social.

II — Torna-se portanto necessário que seja aumentado o número de educadoras sanitárias escolares, afim de que cada população de 1.000 alunos tenha sua educadora e assim cuide ela da melhoria do nível de saúde dos escolares.



## A EDUCAÇÃO SANITÁRIA NAS ESCOLAS — LIGAÇÃO ENTRE O LAR E A ESCOLA. A EDUCAÇÃO SEXUAL

PROF. ANTONIO BERRETTA

Ginásio do Estado, em Itú.

Reunir, em breve substância, os principais preceitos deste modesto trabalho, é tarefa assaz difícil.

Antes, porém, de abordarmos o assunto, necessário se torna fazermos uma rápida apreciação sobre o papel dos pais e mestres, na espinhosa e dura missão de educar.

Muito se tem falado sobre tão momentosa aliança; entretanto, não importa que se diga a mesma coisa, embora com outras palavras. Orienta-nos, somente, a prática e responsabilidade que sempre tivemos na formação moral da criança e da juventude.

Não é possível deixar de registrar aqui, de começo, o gesto altamente patriótico da benemérita administração federal e estadual, organizando este primeiro Congresso de Educação e Saúde Escolar, base da raça e da moralidade de um povo e que são dois magnos problemas do País.

Educar e cultivar todas as faculdades físicas, morais e intelectuais, até lhes dar a maior perfeição possível de poder harmonia e ação, é obra de relevante alcance social.

A educação tem pois, por fim, formar um homem. Deve torná-lo apto para servir a sociedade nas diversas funções que o Destino lhe reservar.

Uma boa educação deve ser sólida e forte. A solidez da educação reside nos primeiros fundamentos que se lançarem na alma do educando, determinando-lhe a vontade dentro do dever e do espírito afeito à auto-riedade. Tais princípios, e muito mais nos tempos que correm, é que devem nortear a boa educação.

Segundo um velho provérbio, a educação vem do berço. E na realidade, é o lar afável abrigo em toda a nossa veloz existência. No entanto, somos obrigados a reconhecer, aliás, com bastante mágua, que, infelizmente, em muitos lares hodiernos, não se cultua mais a virtude.

Um lar, rico ou pobre, será um lar em frangalhos, se não tiver os sentimentos do amor, do respeito, da ordem e, principalmente, da obediência. O lar em que não existir esse princípio não será, por certo, um lar feliz.

Conclue-se, daí, que o lar é a primeira escola.

Aqui, ressalta uma coisa importante na tarefa árdua de educar. É o culto de veneração e respeito ao mestre. Estas cousas desaparecem,

se, em casa, o educando só vê maus exemplos. Os professores nada farão, se não contarem com a colaboração dos pais.

O trabalho do professor resultará nulo, uma vez que o aluno só está em contacto com maus exemplos, e passa a maior parte de sua vida na rua, o que é mais prático e comum em muitos lares. Se não, vejamos o que diz o Padre Lacroix sobre a educação moral. "O verdadeiro fundamento da moral, com efeito, não reside tanto na justificação intelectual quanto, e muito mais, nas encarnações vivas, na glorificação do mundo espiritual pelas vidas heroicas. A mesma moral praticada constitui o mais forte poder para essa realização. Consiste esse poder na autoridade, na força sugestiva do exemplo. *Verba movent, exempla trahunt*: As palavras comovem, mas os exemplos arrastam. Isto tanto em relação aos maus quanto aos bons exemplos".

Na criança ou no jovem, existe, sempre, um ninho de esperanças, e nelas brilha o farol sagrado da família, da sociedade, da religião e da Pátria.

Na mocidade, tudo nos eleva e seduz, pois vemos nas suas atitudes o rebento da raça que será o que os pais e mestres fizeram. Em outras palavras, a felicidade de uma raça inteira está nessa aliança. E como chegaríamos a essa finalidade?

Em casa, os pais deveriam dar o exemplo de ordem e de obediência — é no lar que está a base da sociedade e da Pátria. E na escola? Aqui, os pais deveriam dar aos mestres a mesma autoridade paterna, sem o que a escola não será um prolongamento do lar.

Sem isso, não se conseguirá jamais a disciplina tão necessária ao bom andamento da educação. Se não, vejamos: quantas vezes é diminuída a palavra do mestre que, paternalmente, repreende o aluno. Não devia ser assim. Os pais deveriam dar mão forte ao professor, para que a escola preenchesse os fins para os quais foi criada — educar e instruir.

Sim, não só instruir, mas educar, é também o papel do mestre.

Quer seja um mestre de uma obscura e longínqua escola de roça, ou um professor de cidade, ambos nos falam da grandeza da Pátria, pregam o dever, — merecendo o acatamento e a estima dos alunos, dos pais e da sociedade.

No entanto, é forçoso dizê-lo. Há professores que não fazem jús a esses títulos. E, quando se ouve dizer por aí que só na cátedra é que o mestre é mestre, é porque o mestre não é um bom mestre. Na escola ou fora dela, o professor é sempre professor, nas atitudes e nos exemplos. E não será, por certo, um benemérito, se não primar pela sã moral. Sobre ele pesa o maior trabalho e a maior responsabilidade do futuro e da grandeza de uma nação.

A educação, como acabamos de ver, é obra bastante complexa. Os elementos são: o educador, o educando, os pais, o meio, o Estado e a religião. Mas, na realidade, os elementos se resumem em mestres, pais e governo.

Se a esses fatores cabe a responsabilidade de uma raça inteira, surge, de fato, um campo mais vasto, no terreno da educação sanitária.

Ao lado dos cuidados com os dentes, cabelos, mãos, pés, higiene do vestuário, dos exercícios físicos etc., aparece um dos maiores problemas contemporâneos — a educação sexual.

Estamos aqui, não resta a menor duvida — diante de um problema poderoso e imenso.

Os que acham que o educador deve silenciar nessa seara, mesmo com a colaboração dos pais, devem convir que não basta uma educação sólida e forte, porque seria necessário que o educando vivesse em outro ambiente, sem os perigos da atual sociedade. Porisso estamos com aqueles que incluem o educador digno ao lado dos sacerdotes, dos pais e dos médicos, na solução do maior problema educacional do nosso tempo.

A grande liberdade na educação de hoje conspira de modo assombroso para o conhecimento antecipado desse assunto.

Que será preciso fazer? Ir ao encontro dele, para evitar as ruinosas conseqüências a que está entregue a mocidade. Ora, se a educação forma o homem, essa formação deve ser também capaz de preveni-lo dos perigos dos tempos que correm.

Não devemos negar uma grande prudência nesse assunto. No entanto — não será preciso demonstrar — urge uma séria formação da juventude em nossas escolas, nesse particular. E são os pais e mestres que devem fazê-la. Se não a fizerem, a mocidade continuará a perder-se.

Ouve-se a toda hora e a todo instante, esta frase: “A anarquia invadiu o mundo”. A única coisa que existe é a falência do carater. Se o carater desapareceu das cogitações, vamos procura-lo, vamos ao seu encontro através da educação sexual. Não é dos perigos venéreos que devemos advertir a mocidade. O dever dos pais e mestres é “formar o carater, disciplinar a vontade e preservar a castidade. Isso, e somente isso, está dentro da verdadeira moral”.

Na higiene sexual dos moços tudo lhes é ensinado por meios de anedotas de dúbio sentido e palestras inconvenientes. “É natural que nunca se acostumem a encarar como cousas respeitadas e dignas essas que lhes foram ensinadas sem nenhum respeito nem dignidade. Eis porque só sabem falar ou ouvir desses assuntos com risinhos inconvenientes e maliciosos, pondo maldade em todas as cousas. Eis porque o corpo é para eles um instrumento de prazer e não um exemplo do Espirito Santo”.

Essa questão, como acabamos de formular em rápidos traços, pode parecer um tanto difícil e sutil. Sutil sim, mas não difícil. Senão, vejamos: o Estado, no desempenho de sua função precípua de reprimir tudo que compromete a segurança ou a boa ordem no funcionamento dos órgãos da vida nacional, tem de intervir coibindo qualquer abuso de liberdade donde possam redundar conseqüências das da natureza apontada.

Aplicando este conceito no caso da educação sexual, devemos dizer que o Estado poderia incluir na educação sanitária das escolas, mais essa parte referente à educação sexual que, a nosso ver, é muito mais importante, porque é espiritual — base formadora desse carater.

A criação definitiva em cada cidade da “Associação de Pais e Mestres” imposta pelo Estado, e não a espera da boa vontade daqueles que nunca a possuiram, também se impõe. Porque, dentro do Estado Novo, a colaboração dos pais e mestres deve ser direta e sincera, sem o que não se poderá conseguir frutos sazonados na formação moral de nossa gente.

Exigindo-se do educador autoridade, amor de pai, espirito e coração bem formados, virtude solidamente comprovada, paciência e fortaleza, não

se poderá negar o seu bom desempenho, com facilidade, dessa tarefa de colaborador decisivo do Estado.

Exigindo-se dos pais, na educação doméstica, todo o desvelo no trabalho do professor, toda a constância na Educação moral e religiosa, será o lar a primeira célula viva da nação, de onde se irradiarão a fé em Deus, a verdade e a justiça, baluartes dos povos civilizados.

### CONCLUSÕES

- 1 — Organização e direção, por parte do Estado, da educação sexual nas escolas secundárias.
- 2 — Criação compulsória de Associações de Pais e Mestres, controladas pelo Estado.



## RELAÇÕES ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA

PROF. BENEDICTO SOTERO DIAS E ALMEIDA

Escola Normal de Sta. Cruz do Rio Pardo

Até aqui, consideramos em nossas reflexões, uma família geral e por isto regular em sua organização, estável, num mesmo nível social. Consideremos contudo uma sociedade, nação ou estado, dentro do qual por menor que seja a região que se tome, encontra-se notável heterogeneidade da própria estrutura familiar e estamos dentro do problema brasileiro. No Brasil, país de imigração, o choque de culturas diversas deu lugar à notável heterogeneidade familiar, aliada desde o início de sua formação a um relaxamento moral e social peculiar a sociedades constituídas de elementos heterogêneos e às quais faltam tradicionalmente um direito-costumeiro. No norte do Brasil, uma família patriarcal e escravocrata, formada de elementos profundamente diversos (G. Freire). No sul o celebre problema dos quistos raciaes e principalmente os germânicos e as dificuldades da assimilação (O. Vianna-E. Willems). Em São Paulo, como no Brasil em geral, uma complexidade de estrutura familiar desde a família patriarcal italiana, rigorosa, até o relaxamento das famílias humildes.

A família brasileira nos oferece um quadro de completa falta de unidade e desorganização. Qual a posição da criança nessa balbúrdia, principalmente quando se assinala a crescente decadência da autoridade paterna? Por certo tem que lutar, lutar muito para localizar-se na sociedade.

Ora, para evitar essas crises, essa balbúrdia educacional e mesmo moral no seio da sociedade interessada na assimilação, é necessária uma base educacional comum para a melhor integração. Esta, só a Escola poderá fornecer e se aproximarmos a família da escola é indiscutível como esta oferece muito mais unidade, estabilidade de formação com sua preparação geral comum.

Mas, a heterogeneidade da família brasileira é um fato e é inaceitável que a criança esteja em contacto com ambientes heterogêneos, na Escola e na família. Se a ação educativa, para ser fecunda exige continuidade e unidade de formação, a vida da criança no lar e na escola como grupos que se ignoram é um crime educacional. No Brasil em especial, é fundamental a relação mais íntima, a colaboração mais forte possível entre a escola e a família, como um problema urgente à educação brasileira. Sabemos que o segredo da notável eficiência da educação romana na antiguidade, residia na colaboração íntima do pai de família e professor, que em vez de se oporem se aliavam para a obra comum (F. Azevedo).

À Escola, contudo, incumbe muito mais. É preciso interessá-la em exercer uma influência salutar sobre a família constituindo-se em centro

de irradiação de sugestões uteis, higiênicas, sociais, morais. Mas si é urgente que a escola e o lar se complementem como conseguí-lo?

É evidente que se obtem eliminando toda causa de choque entre esses dois grupos. 1) Antes de tudo uma eficiente Associação de Pais e Mestres. a) Evitar oposição entre pais e mestres: b) Evitar discórdias políticas e religiosas: c) Assistência às informações solicitadas pelos pais: c) Paletas: d)... 2) Atrair os pais à Escola. a) Festas escolares nas quais participem seus filhos: b) Exposição de trabalhos dos alunos: c) Possuir a escola um Livro de Ouro para assinatura dos pais que assistirem às festas escolares: d) Interessar os pais a informar sobre a vida e interesses de seus filhos, caráter etc. g) Fazer da Escola um centro de irradiação. a) Atender às informações solicitadas pelos pais em qualquer benefício de sua atividade social: b) Mandar circulares aos pais dando-lhes noções de higiene, técnica agrícola ou outras sugestões para colaborar com a vida familiar etc. c) Reuniões regulares de Pais e Mestres.

### CONCLUSÕES

A) A educação familiar, que se resente de insuficiência tem que possuir como *complemento*, outro grupo social — a Escola.

B) O meio escolar é geral e independente e por sua heterogeneidade mais capaz de atender às necessidades das novas gerações.

C) Ante a heterogeneidade da família, só a Escola conduzirá a unidade.

D) A colaboração íntima entre a Escola e o Lar é uma necessidade urgente e fundamental à educação brasileira.

E) É imprescindível incentivar todos os meios de aproximação entre o lar e a escola.

1 — Por associações de pais e mestres.

2 — Fazendo da escola um centro de atração dos pais.

3 — Fazendo da escola um centro de irradiação salutar-moral, social, higiênico, etc.

## A PUERICULTURA NAS ESCOLAS DE SÃO PAULO

Tese apresentada ao I Congresso Nacional de Saúde Escolar, por MARIA ANTONIETA DE CASTRO, Educadora-Chefe da Diretoria do Serviço de Saúde Escolar, de São Paulo.

A divulgação dos princípios da PUERICULTURA no seio da nossa população, tem sido, de há muitos anos, considerada como uma necessidade, pelos higienistas e pediatras, os quais vêm, nessa disseminação, uma arma poderosa para o combate à mortalidade infantil, que, apesar das medidas e esforços empregados por autoridades e entidades, oficiais e particulares, não apresenta, ainda, um índice satisfatório, visto que, na própria capital de São Paulo, seu último coeficiente médio quinquenal foi 139,40, mortalidade essa, classificada como *média*, segundo Moll.

Já em 1905 e 1907, no I Congresso Internacional das Gotas de Leite, e no II, reunidos, respectivamente, em Paris e em Bruxelas, e, em 1915, quando Moncorvo Filho inaugurava, no Instituto de Proteção e Assistência à Infância, o primeiro curso popular de puericultura que se realizava no país, foram ouvidos os primeiros gritos de alarma contra "o desconhecimento dos mais rudimentares princípios da puericultura na massa da nossa sociedade, principalmente nas classes pobres, nas quais dominam a ignorância, o preconceito e o analfabetismo".

*Pari passu* com esse levantamento da opinião pública, na capital do país, entre nós, Clemente Ferreira, como atividade do serviço de lactentes, que, então, dirigia, iniciava, entre nós, um movimento em prol da divulgação da puericultura através da imprensa, de conferências e folhetos de propaganda.

### NAS ESCOLAS

Na mesma época, o aproveitamento da escola, como aparelhagem ideal para essa divulgação, foi lembrada por Clemente Ferreira, no I Congresso Americano da Criança, em Buenos Aires, em 1916, quando lamentava ser a puericultura "um assunto por completo descurado no *currículum* dos estudos das escolas normais, liceus femininos, onde se instruem as progenitoras de amanhã".

De fato, é na escola que o ensino da puericultura pode ganhar em *extensão*, graças ao grande número de alunas que por aí transitam anualmente; em *economia*, dado o aproveitamento de organização já existente, e em funcionamento; e, finalmente, em *eficiência*, pois exercido em uma idade propícia para o aprendizado, mercê de seu espírito em formação, ainda isento de erros e preconceitos.

## NA ESCOLA PRIMÁRIA

Entre nós, ao que nos conste, foi a Escola Primária chamada, pela primeira vez, a desempenhar esse papel, em 1914, quando o professor José Escobar, em resposta a inquerito levantado pelo "Estado de São Paulo" sobre a instrução paulista, confessava "a nossa deficiência, sinão indigência, no ensino da puericultura e higiene", e, em 1916, quando, em carta dirigida ao, então, secretário do Interior, pedia, "fosse ordenado, nos grupos escolares, o ensino da puericultura durante as aulas de higiene". Porque, dizia o erudito professor "o amor de mãe não confere um diploma de capacidade. O mister de mãe deveria ser ensinado. O uso dos banhos, a esterilização do leite, o emprego da balança, a nação de asepsia etc., constituem uma bagagem de conhecimentos elementares que, *nenhuma mulher, acima de 12 anos, tem o direito de ignorar*. Daí, a imprescindível obrigação de instruir as mães, não tardiamente no momento em que vão ser mães, mas quando ainda meninas, os cérebros como em cera, são capazes de receber impressões indeléveis. É no 4.º ano das escolas primárias, que se deve ministrar o ensino da *higienicultura*, a salvaguarda mais eficaz da primeira infância. Aí é que passa o grosso da população, maximé, a dos pobres; e, nas Normais, poucas seriam as beneficiadas. Acresce, ainda, o fato de se tornarem auxiliares preciosas para suas famílias, na criação dos irmãozinhos, sobre aproveitarem, elas mesmas, quando, mais tarde, forem mães".

E, ainda, para que se tornasse realidade o ensino da puericultura, sugeria medidas, publicando, mesmo, mais tarde, em 1918 na "Revista do Ensino", uma súpula dos preceitos da higiene infantil, a título de fonte de consulta para os professores que a quisessem desenvolver, nas suas classes.

Aliás, a esse tempo, o ensino da puericultura, embora sem execução, figurava no programa do 4.º ano feminino, graças a Oscar Thompson, então diretor geral da Instrução Pública.

Surgindo, porém, de um lado, o não preparo das professoras, nessa disciplina, e, de outro, a campanha de altos funcionários administrativos que taxavam, tal ensino, de *imoral*, continuou, a puericultura a ser letra morta nos programas, até que uma reforma do ensino, em 1925, ampliou o ensino da matéria nas escolas normais suprimindo-o, porém, nas escolas primárias.

Em 1922, Almeida Junior, em sua tese de formatura "O Saneamento pela Educação", defendia ardorosamente, perante a Faculdade de Medicina de São Paulo, a inclusão da puericultura nos programas escolares, e, em 1925, em trabalho apresentado à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, intitulado "O ensino da puericultura nas escolas", citava as primeiras experiências de algumas aulas dessa disciplina nos 4.ºs anos da Escola Modelo "Caetano de Campos", pela professora Branca de Canto e Melo, cujos resultados vêm expostos na Revista da Sociedade de Educação, vol. I n.º 2.

Agora essas tentativas para a introdução da puericultura na escola primária, não mais se ouvia falar dela, quando, em 1925, graças aos esforços do, então, diretor do ensino, professor Pedro Voss e do diretor do Serviço Sanitário, Dr. Paula Sousa, surgia o primeiro núcleo de 15 educadoras sanitárias que se diplomavam no curso respectivo, do Insti-

tuto de higiene, os primeiros *agentes educativos* capazes de pôr em prática a puericultura nas escolas.

De fato, sob a impressão das aulas ministradas, nêsse curso, pelo Dr. Almeida Junior, insistindo sobre a necessidade da divulgação da puericultura, lançavamos, em 1926, a idéia da realização de um curso prático dessa disciplina, como uma das atividades da Inspetoria de Educação Sanitária e Centros de Saude.

Destinando-se às alunas do Grupo Escolar “Prudente de Moraes” e “Regente Feijó”, realizava-se, em 1926, no, então, Centro Modelo, o curso que, sob o nome de “Escola das Mãezinhas”, foi considerado o início de uma nova fase para o desenvolvimento do ensino da puericultura.

Afim de que resultasse mais eficiente e assumisse o aprendizado da puericultura, um aspecto interessante e à altura de meninas de 12 a 14 anos, aproveitamos o serviço de higiene infantil e do lactário, do referido Centro, para as demonstrações práticas sobre a pesagem, preparo de leites, etc., com base no programa que organizamos e que, por muito tempo, serviu de modelo a atividades congêneres.

Do que houve nêsse primeiro curso, apresentamos circunstanciada comunicação em sessão da sociedade de Educação, em 1927.

### Extensão

Dentro, ainda, das atividades e finalidades da referida Inspetoria e, sob nossa responsabilidade, estendemos, em 1930, através das Educadoras Sanitárias, o ensino da Puericultura aos Grupos Escolares “João Kopke”, “Marechal Deodoro”, “Conselheiro Antonio Prado”, “Pereira Barreto”, e “Amadeu Amaral”, correspondendo, ao todo, a 10 cursos, sendo ministradas 123 aulas, com a matrícula de 2.668 alunas e distribuidos 4.110 impressos educativos.

### Segunda fase

Com a reforma do Serviço Sanitário, em 1931, e a extinção da Inspetoria de Educação Sanitária, ficaram interrompidas tais atividades, a não ser por parte da Cruzada Pró Infância que, levando a efeito a “Semana da Criança”, em 1931, nos deu a oportunidade de, como patrocinadora do “Dia do Escolar”, organizar o 1.º Curso de Puericultura realizado por essa instituição e que terminou com uma representação ao Diretor Geral do Ensino de então, prof. Lourenço Filho, pedindo “a inclusão do ensino da puericultura nos 4.ºs graus da escola primária”.

Em 1933, creado o Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar, com um corpo técnico de 30 educadoras sanitárias, foi reiniciado o ensino da puericultura, estendendo-se a 60 grupos escolares da capital, realizando-se os cursos nesses estabelecimentos.

À partir dessa data, e, apesar das reformas sucessivas por que passou êsse Serviço, que é, hoje, a Diretoria do Serviço de Saude Escolar, não foram mais interrompidas as atividades referentes à puericultura nos grupos escolares da Capital, não sendo poucos, também, os que, no Interior, seguiram o exemplo, instituindo cursos idênticos.

### Trabalhos realizados

Quanto ao seu movimento, de 1933 a 1940, registramos 588 cursos, ministrados através de 10.680 aulas, além de exposições demonstrativas dos processos do ensino.

Durante esse período, receberam os ensinamentos da puericultura, 22.476 alunas, resultado que desejamos frisar e que bem patenteia, de um lado, o grande esforço das Educadoras Sanitárias Escolares, para a formação das mães de amanhã, e, de outro, quanto, em São Paulo, vem sendo tomado a sério e tem ganho em amplitude o ensino da puericultura, que, podemos dizer é hoje uma realidade na escola primária.

### Da técnica do ensino

Tal ensino vem tendo por base um plano que consta de 15 aulas, — cada uma versando sobre pontos essenciais da higiene da criança, — plano que serve de guia à educadora, a qual anota, em seus relatórios semanais, o ponto do programa em que se acha.

Cada educadora prepara, também, seu material didático, sob plano por nós elaborado e constituído por cartazes que são usados para as aulas, o que concorre para torná-las mais interessantes.

Não é raro *elegerem* as alunas uma criança para observação direta de seu desenvolvimento e anotação da curva ponderal, com pesquisas sobre as causas de oscilação da mesma; de seu regime de alimentação; desmame; da prática dos hábitos sadios, etc.

As mais das vezes, visitam-na, observam-lhe os hábitos, aconselham a mãe a levá-la aos especialistas ou aos Centros de Saúde.

Nas escolas em que funcionam, em anexo, os Dispensários de Puericultura, como é o caso das Escolas Normais "Caetano de Campos" e "Padre Anchieta", é junto a estes que as alunas desenvolvem toda a parte prática do programa.

As aulas são, no geral, quanto possível, práticas. Assim, ao tratar do tema da mortalidade infantil, a Educadora sugere às alunas um inquérito sobre as causas que ocasionaram a morte das crianças de suas relações, e, com os dados obtidos, trazidos à classe, organizam gráficos em que sobresaem as perturbações digestivas, como as principais responsáveis pelos óbitos verificados.

Daí, um ponto de partida para focalizar a alimentação natural, suas vantagens, a necessidade da observância de horário, etc.

Outras atividades são desenvolvidas pelas alunas: o preparo de alimentos dietéticos (mingãos, sopas, etc.), a confecção de peças de enxovazinhos, e o aprendizado de seus requisitos higiênicos.

Ainda, as educadoras propõem problemas que as alunas resolvem, ou elas mesmas os ventilam, não só em aula, como em casa, sobre o assunto em foco. Confeccionam cartazes e cartilhas, com recortes de gravuras ou desenhos; reduzem as aulas a sínteses, em fichas; desenvolvem o assunto em composições ou historietas; procedem a investigações, inquéritos, visitam serviços de assistência à infância; organizam exposições, mostruários, etc. Ao finalizar o curso, em suas festas de fim de ano, gostam de representar comédias sobre puericultura, bem como prezam muito o diploma que lhes é conferido pelo Serviço de Saúde Escolar.

Aliás, os trabalhos decorrentes de tais atividades podem ser observados na *exposição-demonstração*, organizada por esse serviço, como contribuição ao I Congresso Nacional de Saude Escolar.

### NO CURSO FUNDAMENTAL

No que se refere ao curso ginásial, nada consta, em seu programa, a respeito da puericultura, não se cogitando, portanto, de seu ensino.

### NAS ESCOLAS PROFISSIONAIS

Desde 1922, foi introduzida a puericultura nos programas das escolas profissionais, e, neles continua a figurar junto à economia doméstica, o que constitui grave erro, ainda não sanado.

Só em 1931, porém, tornou-se realidade o seu ensino, quando, graças aos esforços do Prof. Horácio Silveira, foi creado, anexo ao Instituto Profissional Feminino, o Dispensário de Puericultura, que, tornando possível o ensino *ao vivo*, imprimiu-lhe orientação prática, a qual serviu de modelo às organizações semelhantes que foram surgindo nas Escolas Profissionais de Santos, Campinas, Ribeirão Preto, São Carlos, Mococa, Franca, Sorocaba.

As alunas, passando, em estágios sucessivos, pelas diversas secções do Dispensário, ou sejam, as de consultas, pesagem, dietética, palestras às Mães, visitas domiciliárias, etc., aprendem a *fazer, fazendo*, tornando, ao mesmo tempo, possível o funcionamento do Dispensário, pelo qual são responsáveis.

Presta-lhe colaboração, o Serviço de Saude Escolar, de acôrdo com o art. 3.º do decreto 9.872, fornecendo-lhe orientação médica.

Outra colaboração prestada por este serviço é o ter destacado, junto ao Curso Secundário e de Aperfeiçoamento, nas cadeiras de Puericultura, Higiene e Enfermagem, nesse Instituto, a Educadora Sanitária Morisa Meneses de Sousa, a qual desenvolveu interessante programa, por nós elaborado.

No que se refere às Escolas Domésticas propriamente ditas, vemos a puericultura ministrada na Escola Doméstica da Liga das Senhoras Católicas, com aplicação prática no Dispensário anexo, instituição fundada e orientada pela Condessa Amália Matarazzo.

### NAS ESCOLAS NORMAIS

O movimento em torno do ensino da puericultura nas Escolas Normais teve início em 1920, quando se fez a reforma Sampaio Doria, que creou a cadeira de Higiene, sendo que, em 1922, uma comissão de senadores apresentava um projeto de lei que instituía, pelo seu artigo 8.º, "um curso de higiene infantil dirigido, ou por médico pediatra, ou por professora que demonstrar competência, a respeito, nas escolas normais, complementares e profissionais".

Por esse tempo, Almeida Junior, ao desenvolver seu programa de higiene na Escola Normal do Braz, focalizava os pontos essenciais da

puericultura, em 10 aulas, cada ano, sob aspecto prático, até que, em 1925, outra reforma do ensino, ampliava o programa da puericultura nas escolas normais, designando a cadeira respectiva, de Higiene e Puericultura, o que concorreu para estendê-la às 10 escolas normais oficiais do Estado.

Em 1933, no Instituto de Educação, como uma das atividades da cadeira de Biologia Educacional e por iniciativa de seu professor, Almeida Junior, era creado o Centro de Puericultura, sob administração dos alunos, e em cooperação com o Serviço Sanitário, com as seguintes finalidades: "a) permitir a observação e a prática das noções de puericultura, estudadas no Curso; b) divulgar nas escolas, e entre as famílias, os preceitos de higiene infantil; c) prestar assistência sanitária, alimentar, médica, econômica, a lactentes necessitados; d) abrir, aos alunos da Escola de Professores, campos de observações para os fenômenos psicológicos e sociais, relacionados com a primeira infância".

Pelo citado decreto 9.872, que reformou o Serviço de Saude Escolar, passaram para este as atribuições anteriormente conferidas ao Serviço Sanitário, continuando seu movimento até hoje.

Decorrente deste decreto, também, em 1939, foi instituído, pelo referido Serviço, na Escola Normal "Padre Anchieta", um Dispensário de Puericultura, pelo qual passam as normalistas, em turmas, para o aprendizado teórico-prático da matéria.

#### NO INSTITUTO DE HIGIENE

O ensino da puericultura, entre nós, não teria tido o desenvolvimento que alcançou, si não fosse a instituição, em 1925, no Instituto de Higiene, do já citado Curso de Educadoras Sanitárias, que, diplomando, até o presente, 400 EDUCADORAS SANITARIAS, foi, ao mesmo tempo, constituindo o primeiro corpo técnico especializado capaz de divulgar os preceitos da puericultura, mercê de sua qualidade primacial de professoras, as quais foram, de fato, as pioneiras da puericultura em nosso meio, entre elas, as que formam o quadro do Serviço de Saude Escolar, em número de 35, cujas aulas já foram ouvidas por 22.476 alunas, muitas das quais, hoje, devem ser mães...

Quanto a nós, pessoalmente, dentro das atividades que vimos exercendo, temos vindo, sempre, apregoando a necessidade da divulgação da puericultura.

De fato, na II Conferência Nacional de Educação (Novembro de 1928, Belo Horizonte), na tese "Educação Sanitária", afirmávamos que "as noções de puericultura devem ser ministradas desde os últimos anos da escola primária, nos moldes da "Escola das Mãezinhas", de São Paulo".

Na tese "Mortalidade Infantil", apresentada ao I Congresso Brasileiro de Eugenia (Rio, 1929), aconselhávamos a divulgação do ensino da puericultura, como fator preponderante para a diminuição do coeficiente da mortalidade infantil".

No V Congresso Brasileiro de Higiene, (Recife, 1929), na tese "Nati-mortalidade e mortalidade infantil", lembrávamos a necessidade de ser "o ensino da puericultura, incluído nos programas das escolas femininas pri-

márias, normais, profissionais, domésticas, públicas e particulares, de todo o Brasil".

Pois bem, reunindo todos êsses apêlos, em um só, nos dirigimos, à douda e esclarecida agremiação reunida neste certame, em

### CONCLUSÃO

Como resolução do I CONGRESSO NACIONAL DE SAUDE ESCOLAR, deve ser dirigida, ao Ministério de Educação, através dos órgãos competentes, um apêlo para a "inclusão do ensino obrigatório da puericultura, em todas as escolas do país oficiais e particulares, colégios, asilos, reformatórios femininos, em todos os seus gráus: primário, ginásial, normal, profissional, doméstico, para melhor preparação da mulher na sua futura missão no lar e na formação de brasileiros fortes e sadíos.



## LIGAÇÃO ENTRE O LAR E O CIRURGIÃO-DENTISTA ESCOLAR

WIRMA ORSI

Não cabe à escola — diz o pedagogo João Toledo — a responsabilidade exclusiva da educação. Antes dos 7 anos de idade, as crianças, em regra, não a frequentam, e, entretanto, desde que nascem, começam a receber as intervenções consideradas úteis à sua vida ulterior. Esta primeira fase da existência, de extrema suscetibilidade e plasticidade, corre por conta do lar, cujos cuidados preservam, aos pequeninos, o corpo e a mente de influências perniciosas e favorecem o desenvolvimento de todas as boas tendências neles armazenadas, como forças latentes. A intervenção escolar direta de ordinário só se exerce, para o povo, na meninice entre os 7 e 12 anos; e, durante esse lustro, o educando, convivendo uma parte do dia com os mestres e colegas, não deixa a convivência dos pais, dos irmãos e dos parentes; suas tendências sociais levam-no mais longe, relacionando-o com estranhos, nas ruas, nos jardins, nos teatros, nas sociedades desportivas, na igreja, em toda parte”.

Se, pois, a responsabilidade da educação cabe a todos estes órgãos e ambientes sociais, que solidariamente devem responder por ela, não é menos verdade que eles são fatores condicionais do estado de saúde das crianças. A luta que os departamentos de saúde veem tendo para conseguir melhores condições higiênicas para as populações rurais e proletariado urbano é bem uma prova desta afirmação. E é na idade escolar, dada sua extrema importância, na formação dos cidadãos, que esta luta é mais renhida e tem um sentido mais nobre.

“Dos 7 aos 12 anos — diz Armando Monti — a criança generaliza, descobre, raciocina e compreende; dos 12 aos 18 anos, aparecem seus caracteres éticos e sociais e se dá o desenvolvimento de sua personalidade e caráter. Produz-se, por assim dizer, um balanço de todas as experiências adquiridas em épocas anteriores”.

A contribuição da saúde na formação moral e intelectual das crianças tem se manifestado de maneira objetiva no grande número de retardados, de rebeldes, de desajustados e de repetentes escolares, vitimados por causas patológicas. Em nosso setor, a odontologia, lembramos que sobre as infecções repousam muitos casos de deficiência cardíaca, de artrites, de desordens oculares e auriculares, e até mesmo de psicopatias. É lamentável o estado das bocas das crianças proletárias e rurais. Quando aparecem no gabinete dentário escolar, já trazem o molar dos 6 anos quasi que destruído, resíduos de dentes temporários obstaculando a erupção normal dos permanentes, infecções e até mesmo estomatites dos ângulos bucais causadas pelas avitaminoses. Além de nosso trabalho

clínico e cirúrgico, dedicamo-nos à educação higiênica das crianças. Ensinamos-lhes os cuidados que se devem ter para com a boca e a necessidade de sempre se recorrer ao dentista, toda vez que sentirem qualquer dor, não permitindo que leigos pratiquem nelas a sua medicina. No entanto, todo esse trabalho rue por terra, solapado pela ignorância dos parentes adultos. A colaboração negativa do meio familiar é um dos maiores obstáculos à tarefa do dentista, e, conseqüentemente, um dos fatores que mais contribuem para o mau estado físico e intelectual das crianças. Em minha clínica escolar, tenho que lutar diariamente com as conseqüências dessa ignorância: — dentes com as cavidades repletas do remédio popular que é o fumo, ângulos bucais causticados pelo guaiacol e pelo criosoto, bocas cozidas pela pinga, abscessos rasgados pelo curioso bisturi que é o palito de fósforo, e outras tantas barbaridades da medicina caseira. Certa vez, tendo pedido às crianças que me trouxessem suas escovas para que eu lhes ensinasse como usá-las, tive a triste surpresa de ver que muitas delas se utilizavam da mesma escova que corria todas as bocas da família. Não há nisto nenhum exagero; infelizmente, é a expressão crua da realidade.

Se quisermos, pois, obter melhores resultados na formação das futuras gerações, não podemos descuidar dos serviços odontológicos escolares, e, realizando-os, da educação das famílias para que eles tenham maiores sucessos. A única ligação entre o dentista e o lar é a criança; ligação insuficiente, pois que esta não tem nem capacidade intelectual, nem autoridade para ser diante dos seus um instrumento educativo.

Sou, por isso, de parecer que se deve iniciar uma campanha educativa por meio de boletins que expliquem de modo simples e claro a influência dos dentes sobre a saúde em geral, a necessidade de se tratar da dentição temporária, o valor do molar dos seis anos, a higiene e a dietética. Estou certa de que, conhecendo as vantagens de tal regime, ninguém deixará de aplicá-lo aos seus filhos, principalmente as mães que não fazem mais do que viver por eles. É claro que as atuais crianças em idade escolar já não se beneficiarão totalmente da boa compreensão dos pais. Seus irmãos menores, porém, como as gerações futuras, muito se aproveitarão deste grão de arêia, que as formigas da odontologia podem trazer para o edifício da nacionalidade.

## CONTRIBUIÇÃO DO PROFESSOR PRIMARIO NO COMBATE AO TRACOMA

PROF. ARALDO ALEXANDRE DE ALMEIDA SOUZA

Ginásio de Pirajuí

### RESUMO E CONCLUSÕES

Em resumo, verificamos:

a) que à escola primária não cabe apenas instruir, mas principalmente educar;

b) que, neste sentido, a conservação da saúde deve ser uma das maiores preocupações do mestre, mormente nas zonas rurais;

c) que o tracoma, o amarelão e a malária grassam, em caráter endêmico em muitas regiões do Estado;

d) que muitas crianças tracomatosas frequentam a escola primária, oferecendo perigo de contágio aos demais alunos;

e) que o homem da roça não cuida do tratamento do tracoma senão quando a moléstia se agrava perigosamente;

f) que cabe ao mestre cooperar com as autoridades sanitárias no combate ao tracoma, amarelão e malária, quer por meio de preleções em que se salientem os perigos decorrentes dessas moléstias, quer fiscalizando o emprego de medicamentos prescritos pelo médico sanitarista, quer executando pequenos curativos; e

g) que a atual organização do curso de formação profissional do professor não proporciona ao mestre conhecimentos indispensáveis para a realização do que acima foi exposto.

Levadas em consideração as razões apresentadas, propomos sejam adotadas as seguintes medidas:

1) que os alunos das Escolas Normais façam, paralelamente ao curso de Formação Profissional e fora do período letivo diário, um estágio de dois anos (uma ou duas horas por dia) no Centro de Saúde da localidade;

2) que esse estágio lhes proporcione conhecimentos práticos sobre as moléstias mais comuns nas zonas rurais (tracoma, amarelão e malária), suas causas, tratamento, etc.;

3) que as crianças das escolas primárias sejam examinadas pelo médico sanitarista no início de cada ano letivo;

4) que o tratamento indicado aos alunos doentes seja fiscalizado pelo mestre, cabendo-lhe, ainda, executar pequenos curativos, massagens, etc.;

5) que um dos médicos de cada Centro de Saude seja investido das funções de "Inspetor Sanitarista", cabendo-lhe visitar, o maior número de vezes possível, as escolas primárias da região, principalmente as da zona rural;

6) que, nessas visitas, o médico examine as crianças doentes e oriente o professor sobre o tratamento que cada uma requer;

7) que o trabalho do professor com o fim de melhorar as condições de saude dos seus alunos seja levado em conta para efeito de classificação nos concursos de remoção e promoção, bem como lhe dê direito a um pequeno acréscimo nos vencimentos.



## O ENSINO DE PUERICULTURA NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS SECUNDÁRIAS E PROFISSIONAIS

DR. DELORME DE CARVALHO

Diretor técnico do Lactário S. José e do I. de P. e Assistência  
à Infância — Juiz de Fora.

### CONCLUSÕES

1.º Urge aplicar no Brasil aquilo que a experiência dos outros povos já sancionou como a melhor arma no combate à mortalidade infantil: — a difusão da puericultura, por todos os meios e, particularmente, nas escolas primárias, secundárias e profissionais.

2.º O ensino de puericultura deve se tornar obrigatório, imediatamente, nas escolas de todos os graus do Brasil.

3.º No Brasil, como em toda a parte, o ensino de puericultura é recebido com vivo interesse pelas alunas e pelo povo. A experiência de Juiz de Fóra o demonstra, mais uma vez.

4.º O ensino de puericultura deve ser ministrado por pediatra ou puericultor. No caso particular da escola primária, onde a puericultura deve entrar como uma atividade curricular, a essa matéria ensinada pela professora, com a colaboração do médico escolar e da educadora sanitária, sempre que possível.

5.º O professorado deve receber sistematicamente um preparo prévio, teórico e prático de puericultura, como condição indispensável para a introdução e eficiência do seu ensino nas escolas primárias.

6) Os dispensários de higiene infantil e os consultórios lactários, quando bem compreendidos e orientados, devem funcionar como “cátedras populares de puericultura” e é neles que o pediatra poderá exercer, com mais facilidade o relevante papel de educador, completando sua função clínica com a função social”.

## PUERICULTURA EDUCACIONAL NO INSTITUTO PROFISSIONAL FEMININO DE SÃO PAULO

DR. JORGE MORAES BARROS FILHO

(Tese ao 1.º Congresso de Saude Escolar).

Procurando trazer a este "Primeiro Congresso de Saude Escolar, uma contribuição que tivesse real valor ou que pudesse despertar interesse entre os congressistas e não a tendo, pela exiguidade de tempo que se me apresentava, trouxe este trabalho, no qual nada é novo ou original, apenas há o valor de estímulo.

Sendo médico pediatra da Diretoria de Saude Escolar, designado para dirigir com finalidade educativa, o Dispensário de Puericultura do Instituto Profissional Feminino de São Paulo, tive o prazer de, solicitado pelo atual Governo, tomar e dirigir a cadeira de Puericultura Educacional, do Curso de Auxiliares de Alimentação, da Superintendência do Ensino Profissional do Estado.

Entretanto, Puericultura Educacional, como o nome indica, ensina a nobre arte de criar e proteger a criança pelos meios mais racionais, baseados nos métodos científicos da moderna puericultura. Na Escola de Auxiliares de Alimentação, são admitidas, mediante concurso de habilitação, moças que já concluíram o Curso Profissional, o Ginásio ou o Curso Normal. São elementos que já tiveram, portanto, sólida base secundária, elementos que amanhã irão difundir ou divulgar, como célula de irradiação, dentro da sociedade em que viverem, os conhecimentos que adquiriram e que visam a proteção, a defesa integral da criança.

Há pouco mais de um decênio, que os estudos sobre puericultura vêm tomando um maior desenvolvimento em nosso Estado, tendo despertado um interesse crescente por parte dos Governos e das instituições particulares. Sem contar os organismos oficiais que antes desse tempo já cuidavam da causa da criança, vemos hoje mais instituições que se fundam exclusivamente para proteger esse patrimônio vivo e sagrado de uma Nação, dando assistência aos pequeninos, ao mesmo tempo que procuram por meio de uma grande divulgação de conhecimentos essenciais, levar a educação às mães, responsáveis diretas pela saude dos filhos.

Com a intenção real de proteger a criança, é que se fundam instituições novas. Entretanto, sem educação, não se poderá protegê-la, pois a ignorância é um dos principais fatores da mortalidade infantil.

Neste setor, o lema "educar para proteger", cheio de sabedoria e de verdade, tem sido claramente compreendido por todos aqueles que se interessam realmente pela criança. Este conceito concorreu por certo para a fundação de instituições novas de proteção e tem sido a salvação de tantas vidas preciosas.

É prestando uma assistência sistemática, especialmente no seu primeiro ano de vida, levando a educação às massas, e de modo o mais proveitoso, às mães e às moças, que poderemos obter resultados satisfatórios, diminuindo o sofrimento e baixando a cifra ainda espantosa da mortalidade infantil.

De 10 anos para cá, temos mais algumas instituições oficiais que prestam relevantes serviços à criança. Entre as particulares, para citar apenas uma, temos a Cruzada Pró-Infância, fundação de grande valor que, não satisfeita com o funcionamento de um único dispensário, devido ao seu pequeno raio de ação, fez instalar em alguns pontos da cidade de São Paulo, outros dispensários, procurando dessa maneira levar a assistência e o ensinamento às camadas pobres dos bairros proletários.

O atual Governo, muito se tem dedicado aos problemas de assistência infantil. Entre os órgãos de proteção criados, aí estão o Instituto de Puericultura e a Secção Técnica da Higiene da Criança, além de hospitais e da Casa Maternal e da Infância "Leonor de Barros".

Na última reorganização que transformou o Serviço de Higiene e de Educação Sanitária Escolar em Diretoria de Saúde Escolar, ampliou-se o serviço especializado nas Escolas Normais e Profissionais do Estado, com o fim de dar assistência sistemática à criança lactente e educação às mães e alunas, devendo instalar-se para tal, um dispensário em cada escola.

O Dispensário de Puericultura do Instituto Profissional Feminino vem funcionando regularmente desde 1931, preenchendo a sua dupla finalidade de prestar assistência e dar educação. Depois da última reforma, essa finalidade educativa também foi ampliada. É deste momento para cá que tenho tido a honra e o prazer de dirigir tal instituição. Hoje posso falar a este Congresso, do resultado de quasi três anos de trabalho ininterrupto, resultado magnífico e que vem provar quanto seria necessário a criação de outros órgãos semelhantes para que pudéssemos ampliar a educação diminuindo assim o tremendo mas verdadeiro coeficiente de mortalidade infantil. Como estímulo, cito aqui, o movimento geral do dispensário, no ano de 1940:

#### Serviço do Lactário

Crianças matriculadas e transferidas do ano anterior .....	667
Crianças eliminadas por desistência ou terminação .....	297
Óbitos .....	7
Consultas .....	2.640
Pesagens .....	6.097
Aplicações ultra-violetas .....	505
Injeções (terapêuticas e imunizantes) .....	87
Visitas domiciliares .....	209

#### Aulas no Lactário e Fichário

Crianças matriculadas .....	92
Crianças eliminadas .....	66
Frascos fornecidos .....	96.375

### Aulas no Consultório médico

Teóricas .....	91
Práticas .....	115

### Regimes dietéticos

Teóricas .....	43
Práticas .....	193

### Regimes dietéticos

Lactário .....	385
Domicílio .....	234
Palestras educativas .....	221
Alunas que passaram pelo Serviço, em estágios .....	278

Como se pode perceber pelo relatório de 1940, o serviço do dispensário não demonstrou um movimento gigantesco. Ali não há a intenção de quantidade, mas de qualidade. Há um número limitado de consultas, diariamente, para que não se sacrifique a finalidade educativa do dispensário. Além do mais, o Serviço tem seu raio de ação bem delimitado; sem tal medida, seria humanamente impossível fazer-se a educação. Esta seria certamente anulada pelo acúmulo de consulentes que tomaria todo o tempo do dispensário, transformando-o em um ambulatório comum de assistência.

As alunas do Instituto, são submetidas a um longo estágio no Dispensário, passando pelo serviço de pesagem e fichário, cozinha dietética e finalmente no consultório médico, onde acompanham todos os casos diários. Nessa ocasião devem fazer preleções às mães que frequentam o serviço, sobre assuntos de higiene e puericultura.

Os conhecimentos que tais alunas colhem ali, terão imediata divulgação. É a higiene e a educação sanitária que elas levarão ao meio social em que vivem. É a irradiação de preceitos salutareos que partem de uma célula-mater que é o Dispensário.

Para o Curso de Auxiliares de Alimentação, o ensino de puericultura é de um alcance mais profundo. Sua matéria não consta somente de preceitos comuns sobre higiene e cuidados do lactente. É um programa mais amplo, mais complexo e mais util para alunas que terminaram o Curso Secundário, aprovado integralmente pelo Governo e composto de 18 assuntos básicos, assim descritos:

- 1 — Noções de hereditariedade e eugenia.
- 2 — A criança; seus direitos naturais dentro da sociedade e meios de proteção e defesa.
- 3 — Principais fatores de degenerescência humana: sífilis, tuberculose, alcool. Consanguinidade, Importância do exame medico pré-nupcial.
- 4 — Higiene da gestante e assistência pré-natal.
- 5 — Principais particularidades anátomo-fisiológicas do recém-nascido.

- 6 — Os primeiros cuidados com o recém-nascido.
- 7 — Desenvolvimento ponderal e estatural da criança nos seus primeiros meses e o benefício da pesagem sistemática.
- 8 — Causas da mortalidade infantil e meios de combate.
- 9 — As afecções banais e graves dos primeiros dias e os meios de evitá-las.
- 10 — Aleitamento materno — Técnica da alimentação natural.
- 11 — Aleitamento mercenário e seus inconvenientes. Higiene da nutriz.
- 12 — Obstáculos da amamentação natural.
- 13 — Alimentação mista — Alimentação artificial — Misturas alimentares.
- 14 — Noções elementares sobre as vitaminas e sua importância no organismo.
- 15 — Noções de imunização — Imunidade congênita — Vacinação anti-variólica — anti-tífica — Anatoxina diftérica — B. C. G.
- 16 — Moléstias infecto-contagiosas mais comuns à primeira infância. (Sarampo, Rubéola, Escarlatina, Varicela).
- 17 — Moléstias infecto-contagiosas mais comuns à primeira infância. (Parotidite epidêmica, Difteria, Coqueluche).
- 18 — Educação física e higiene mental da criança.

Como se pode ver, antes de cuidar propriamente do lactente, o programa se inicia com uma base biológica essencial, para posteriormente ser melhor compreendida a puericultura. Os fenômenos da hereditariedade e as medidas de eugenia são claramente estudadas, assim como os direitos da criança votados pela Convenção de Genebra, em 26 de Setembro de 1924. Os fatores de degenerescência humana como sífilis, tuberculose, alcoolismo, consanguinidade, são postos em relevo, esclarecidos de acordo com o conceito atual. Frisa-se a importância do exame médico pré-nupcial e da higiene da gestante para depois iniciar os estudos sobre a criança. Após toda a parte dedicada à puericultura, focaliza-se a questão das vitaminas, estuda-se a imunização, antes de tratar das moléstias infecto-contagiosas mais comuns à primeira infância. E finalmente, a educação física e a higiene mental da criança.

As alunas que terminam o Curso de Auxiliares de Alimentação, além de obterem conhecimentos de outras matérias como Higiene e Química Alimentar, levam também um aprendizado bastante grande de Puericultura.

#### Meus senhores:

Como havia dito de início, esta contribuição, único tema incluído no programa destinado ao setor onde tenho minha atividade profissional, é uma contribuição sem valor científico, portanto nada de novo poderá fornecer a esta Casa onde se reúne o Primeiro Congresso de Saúde Escolar. Entretanto, constitui um relato do que se tem feito num dos campos de assistência à infância e de Puericultura Educacional, disciplina nova mas de absoluta importância e necessidade nas Escolas Profissionais e Normais, porque é por seu intermédio que podemos levar indiretamente às massas, a educação sanitária e os conselhos e práticas salutares para a defesa da criança.

Uma cidade como São Paulo, onde ainda o coeficiente de mortalidade de crianças de 0 a 12 meses de idade varia de 130 a 150:1.000,

todas as medidas de defesa deverão ser aceitas e divulgadas largamente, para o bem do Estado e da coletividade. E uma dessas medidas de grande alcance, é sem dúvida o ensino de puericultura que fornece as bases sólidas e científicas daquela defesa. Sendo assim, nada mais útil do que pugnarmos para que sejam instaladas em todas as Escolas Profissionais e Normais do Estado, assim como de todo o Brasil, dispensários de puericultura com finalidade educativa, dotando ao mesmo tempo cada escola, desta disciplina nova, Puericultura Educacional, tão útil à mulher.

É preciso compreender que aquelas moças que fazem o Curso Secundário estão se aperfeiçoando em sua cultura geral; são as esposas e mães de amanhã em cujos filhos estão depositadas todas as esperanças da Pátria.

Esta contribuição tem portanto, o valor de divulgação e de estímulo; é a observação de um resultado eficiente que nos anima a difundir cada vez mais, as práticas higiênicas que regem a saúde infantil, a espalhar por todos os cantos, os conceitos e ensinamentos racionais e eficientes para a defesa da integridade da criança, alicerce ou patrimônio vital de uma Nação.

### CONCLUSÕES

1— Sendo a ignorância, um dos principais fatores da mortalidade infantil, o ensino da Puericultura, baseado na divulgação de preceitos salutareos, constitui uma das armas de grande eficiência contra aquela mortalidade.

2 — O Dispensário de Puericultura é uma instituição de real valor, pois além de prestar assistência médica sistemática e de fornecer alimento básico ao lactente, constitui um centro de irradiação de conhecimentos utilíssimos às mães que o frequentam e às alunas.

3 — É medida de grande alcance social, a instalação da cadeira de "Puericultura Educacional", como disciplina obrigatória a moças do último ano dos Cursos Secundários, com Dispensário de Puericultura anexo, para assistência sistemática à infância desvalida e observações e trabalhos práticos das alunas.

## O ASPECTO PRÁTICO DO ESTÁGIO DAS NORMALISTAS JUNTO AOS DISPENSÁRIOS DE PUERICULTURA

REBECA LERNER

Educadora Sanitária — São Paulo

Como parte integrante de um curso de Puericultura, as aulas práticas vêm completar e concretizar no espírito dos alunos, questões importantes em relação direta com a vida e saúde da criança.

O avanço da pediatria nos nossos tempos ensinou leis, determinou horários, estabeleceu barreiras, que precisam ser obedecidas à risca, sob pena de se ver desmoronar a obra-prima que é uma criança cheia de vida, sorridente e feliz.

O principal interesse pelo bem da criança, assegurando o seu futuro, parte do governo com a criação dos Centros de Saúde, Maternidades, Casa da Criança, Dispensários de Puericultura que visam educar as mães inculcando-lhes os ensinamentos rudimentares de puericultura para a aplicação imediata no seu filho.

Também nas escolas primárias, secundárias e profissionais já se ministra o ensino da Puericultura sob formas diversas e em algumas já existe o valioso auxílio de um Dispensário com o devido material, para o desempenho perfeito desta tarefa.

Como educadora da Escola Normal "Padre Anchieta" sinto satisfação em poder afirmar a realidade dessa instituição e a cooperação perfeita entre os diversos dirigentes: diretor da Escola Normal, médico chefe do Dispensário de Puericultura e educadora sanitária.

O curso de Puericultura aplicado ao 2.º ano profissional, visa, no desdobramento de suas três partes, teórica, prática e de demonstração, aperfeiçoar os conhecimentos já recebidos, combater os erros que vêm acompanhando as gerações, ministrar observações reais de todos os problemas que acompanham o desenvolvimento de uma criança e principalmente, como objetivo máximo, disseminar, através da palavra da futura professora, o resultado de suas observações e aplicação no nosso meio rural de seus conhecimentos.

E assim, evitando e corrigindo as pequenas causas — um distúrbio alimentar, falta de horário, erros na técnica da alimentação evitaremos as grandes consequências, concretizadas nas elevadas cifras das estatísticas de mortalidade infantil.

O estágio das normalistas da Escola Normal "Padre Anchieta" junto ao Dispensário de Puericultura data de 1939, e as aulas práticas obedecem a um programa previamente organizado, sob a orientação do médico chefe.

## PROGRAMA DE AULAS PRÁTICAS

1.<sup>a</sup> aula: Enxoval do recém-nascido. Diferentes modos de vestir a criança. Cuidados com os olhos, ouvidos, cabeça, boca, ferida umbelical, etc. Banho da criança.

2.<sup>a</sup> aula: Preparo da agua de arroz, mucilagem de aveia; diluição do leite de vaca; preparo de uma mamadeira com leite de vaca.

3.<sup>a</sup> aula: Leite em pó; diferenças entre os diversos leites em pó. Leitelho. Preparo de mamadeiras com leite em pó.

4.<sup>a</sup> aula: Mingáu butiro-farináceo feito com leite, leitelho e leite em pó.

5.<sup>a</sup> aula: Caldo de carne; caldo de cenouras; sopa de cereais e verduras; pirão de cereais e verduras; diversos recursos para melhorar a sopinha.

Sobremesa: maçã, banana.

6.<sup>a</sup> aula: Caldo de frutas — laranja, limão, tomate.

Mistura de caldo de frutas.

Merenda: gelatina, polpa de frutas frescas — banana, maçã, abacate.

7.<sup>a</sup> aula: Merenda: mistura alimentar, mingau de maizena com maçã, mingáu de maizena com banana, papa de banana com farinha de rosca, mingáu com gelatina, etc.

8.<sup>a</sup> aula: Injeções em diversas partes do corpo: intra-musculares, hipodermicas, endovenosas, etc.

Envoltorios parciais e totais; envoltorios frios, quentes e sinapisados em diversos pontos do organismo.

9.<sup>a</sup> aula: Vacina anti-variolicas; anatoxina antidifterica. Pirquet. Mantoux. Sôros. Cataplasmas simples e sinapisados.

10.<sup>a</sup> aula: Banhos frios, quentes e sinapisados, temperatura e clisteres diversos.

Recapitulação geral.

Como primeira atividade após a aula pratica, foram organizados enxovaesinhos completos para a observação dos modelos apropriados a recém-nascidos e de pequenas particularidades que facilitam a tarefa da mãe e protegem a criança.

Como exercicio de aplicação, varias crianças matriculadas no Dispensario, foram vestidas com as roupinhas confeccionadas.

Num gesto delicado e de desprendimento as normalistas ofereceram essas pecinhas à "Cruzada Pró-Infância" que serão entregues ao terminar o Congresso de Saude Escolar.

A parte de alimentação mereceu especial cuidado, porquanto da perfeita tecnica do preparo dos alimentos depende o perfeito equilibrio físico e mental da criança.

Inúmeros são os casos de mães que lutando com a deficiência ou a falta do leite materno, são obrigadas a recorrer à alimentação mista ou artificial do seu filhinho.

É nesse momento então que a mãe precisa ser, antes de tudo, a auxiliar eficiente do médico pediatra.

Muitos exercícios foram feitos no preparo e dosagem de várias mamadeiras: diluição do leite, acréscimo de mucilagem de cereais, manipulação do leite em pó, mingáu butiro-farináceo, leite albuminoso, etc.

Como exercício de aplicação, vários cartazes foram organizados representando as fases diversas da alimentação do Bebê.

A sopinha de legumes com caldo de carne, muito simples no seu preparo, não deixou de despertar interesse na parte que focaliza suas inúmeras variações para que o sabor da novidade não deixe criar o sério problema da criança neuropata.

A questão, das vitaminas, o valor das frutas frescas, o preparo da merenda ofereceram campo para múltiplas atividades e pesquisas.

A parte de tratamentos de emergência finalizou o curso de aulas práticas.

Merece ser salientado o valor como as professorandas dominaram o próprio receio, na aplicação das primeiras injeções.

Nos exames realizados posteriormente com a presidência de banca examinadora, as alunas demonstraram ótimo aproveitamento e fizeram jus ao certificado recebido.

Em janeiro deste ano, realizou-se pela primeira vez no Estado de S. Paulo, o curso de férias sobre puericultura educacional e higiene geral.

O número de inscrições de professores da capital e do interior veio provar que a puericultura teórica, prática e de demonstração é uma lacuna que precisa ser preenchida no ensino profissional.

Na sessão solene de entrega dos certificados aos novos puericultores, realizada no dia 30 de janeiro no Departamento de Educação, na presença das altas autoridades do ensino, D. Cleonice Sampaio Silva, professora de Biologia da Escola Normal de Limeira, teve ocasião de dizer: "Faço votos que o curso que acabo de concluir marque nova era de melhor disseminação cultural entre o professorado paulista, para servir à sua própria valorização profissional e permitir melhor ensino em todos os setores educacionais".

### CONCLUSÃO

Diante dos resultados obtidos no curso profissional e real aproveitamento dos professores paulistas conclue-se que o ensino da Puericultura requer uma cadeira independente nas escolas normais, com estágio obrigatório das alunas junto aos Dispensários de Puericultura.

E com mais essa aquisição o professorado do interior e da Capital terá juntado ao cabedal dos seus conhecimentos a parte importantíssima que visa criar uma base segura para o desenvolvimento e progresso de um Brasil maior.

## O ENSINO DA PUERICULTURA

### Sua importância nas escolas

Pelas alunas da Escola Normal: MARIA, CECÍLIA SOARES HUNGRIA, OLIVIA M. RENUCCI, MARIA FERRAZ DE CASTRO, MARIA CONCEIÇÃO CARNEIRO, NAZARETH SILVEIRA CESAR, VICENTINA D'AGOSTINO, NOEMIA BRUZADIN e PEROLA STERMAN CRELATORA — S. Paulo.

#### A PUERICULTURA NAS ESCOLAS SECUNDÁRIAS

Se até as crianças podem e devem auxiliar a obra de preservação da natalidade que diremos das jovens!

Estas já poderão compreender o alcance desse movimento e nossas escolas secundárias poderiam portanto orientá-las com cursos especializados de puericultura, e observação prática.

Como medida geral poderia ser integrado ao programa de ciências naturais, noções teóricas de puericultura e assim até os meninos poderiam adquiri-las.

Quanto ao ensino de puericultura nas Escolas Normais, devemos dizer que é uma medida imprescindível pois as futuras professoras constituirão um centro de irradiação dos preceitos higiênicos necessários a formação de uma infância sadia.

A missão atual da professora não é somente instruir. Ela deve ser também uma educadora, e como tal sua ação não se limita às quatro paredes de sua sala de aula, mas sim estende-se as casas das famílias de suas alunas, principalmente em se tratando de meios rurais, onde a ignorância impera, e se faz mister a intervenção inteligente dela para a sua completa missão que é tanto social, moral como material.

Neste ponto é que a professora constitui uma célula de irradiação da puericultura, ensinando-a a suas alunas e orientando as famílias das mesmas. O ideal seria que essa orientação fosse feita pela própria educadora especializada; mas, como isso não é possível ainda entre nós devido ao número exíguo destas, é preciso a colaboração direta da professora primária que poderá orientar inteligentemente a vida higiênica de seus alunos que por sua vez poderão orientar ou pelo menos transmitir os conhecimentos à vida familiar.

Para isso, entretanto, a futura professora deverá receber um preparo prévio de puericultura. Esse preparo teórico está subordinado à cadeira de biologia educacional, e a parte prática se realiza nos centros de puericultura anexo ou não: num estágio ela aprenderá a pesar, banhar, alimentar, segurar uma criança. Observará as doenças mais comuns, aprenderá a fazer uma ficha de observação ou de informação e ainda:

fará visitas domiciliares para observar o meio familiar da criança e a influência exercida por este em sua vida.

Com esse preparo a futura professora poderá substituir a educadora nas aulas de puericultura, que deverão ser ministradas em suas classes e, portanto, contribuir poderosamente para obra de proteção à infância mesmo no seu interesse particular, quando for mãe.

Os centros de puericultura junto às escolas normais têm como finalidade:

1.º) permitir a observação prática dos fatos a que se referem as noções de puericultura ensinadas no curso teórico.

2.º) divulgar na escola e entre as famílias os preceitos de higiene infantil e estimular sua aplicação.

3.º) Proporcionar assistência sanitária, alimentar, econômica aos necessitados.

4.º) Abrir aos alunos de suas escolas normais campos de observação, para os fenômenos psicológicos e sociais relacionados com a 1.ª infância.

### CONCLUSÕES

Em vista do alto coeficiente de mortalidade infantil que assola o nosso paiz se faz mister um movimento enérgico de combate a esse flagelo.

E, considerando que o conhecimento da puericultura é a melhor e mais eficiente arma de defesa da nossa infância, é imprescindível sua divulgação por todos os meios, quer pela abertura de centros, quer pelo ensino nas escolas.



G O P H E  
E P H

## OS CURSOS DE PUERICULTURA NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS

MARIA ELIAS

### CONSIDERANDO:

- a) como causa principal da mortalidade infantil a ignorância materna;
- b) a impossibilidade da continuação dos estudos de grande parte das alunas dos 4.<sup>os</sup> anos, devido à situação financeira dos pais;
- c) que a fase dos 12 aos 15 anos é a mais propícia ao aprendizado da puericultura, em vista da transformação física e psíquica das meninas.

### CONCLUIMOS

a grande necessidade e benefício dos cursos de puericultura nos 4.<sup>os</sup> anos das escolas primárias. A sua realização — em todos os grupos escolares, quer da Capital, quer do interior do Estado, torna-se indispensável e merece das autoridades competentes o maior interesse e entusiasmo para sua completa divulgação, devendo ser introduzidos novamente nos programas escolares.

## OS DISPENSÁRIOS DE PUERICULTURA EDUCACIONAIS

DR. SYLVIO DE ARARIPE SUCUPIRA

Pediatra do S.S.E. do Departamento de Educação — S. Paulo

Há muito tempo que estudamos as causas da mortalidade e morbilidade infantil. O que resalta sempre à primeira vista, não só para uma pessoa leiga como para o médico, é que a criança morre em consequência de uma moléstia ou de um estado anormal do organismo. Essa moléstia, pode ser consequência de uma tara congênita ou, em crianças perfeitamente normais, pode sobrevir repentinamente, constituindo o que chamamos uma moléstia adquirida. A morte pode sobrevir rapidamente ou ocorrer depois de um tempo mais ou menos longo após um depauperamento orgânico progressivo. Costumamos então dizer que o paciente faleceu de moléstia aguda ou crônica.

Certas moléstias, são perfeitamente evitáveis num organismo forte e bem constituído, mas se o organismo é mal constituído, ou se a criança é fraca e com baixa resistência, essa mesma doença deixa de ser evitável para se tornar inevitável.

O que nos interessa no momento são as moléstias evitáveis, e nos interessa principalmente saber como tornar o organismo refratário a essas afecções.

Se tomarmos bem nota e se nos munirmos de espírito observador, notamos que onde não há higiene e onde os processos empíricos primitivos, destituídos de qualquer base científica imperam, aí também predomina o alto coeficiente da mortalidade; donde deduzimos que para alcançarmos uma melhoria no estado geral da infância, necessitamos de um povo instruído nos princípios de higiene e de puericultura.

Se esse povo não é instruído, devemos procurar a maneira mais prática e mais eficaz para instruí-lo.

Essa instrução não pode ser feita exclusivamente por um pequeno grupo de médicos e higienistas. Os médicos e higienistas devem constituir núcleos centrais, onde uma classe de educadores aprendam e se instrua para mais adiante difundir e irradiar os conhecimentos em todas as classes sociais.

Não é de nossos dias que higienistas e puericultores veem se batendo pela melhor instrução da mulher na arte de bem conduzir o desenvolvimento da criança. Esta arte não deve se limitar aos cuidados necessários ao bom desenvolvimento corporal, mas deve também cuidar no desenvolvimento harmônico psíquico e moral. Quantas crianças que devido aos erros alimentares e erros de educação de que foram vítimas na tenra idade virão futuramente aumentar o número de adultos sofredores? A ignorância em que vive a maioria das mães a respeito do modo de criar

os filhos é sem dúvida alguma um dos grandes fatores da morbilidade e mortalidade infantil, e como corolário, responsável pelo grande número de indivíduos que se tornam incapazes para a vida de cidadão.

Essa é uma das causas evitáveis, passível de ser corrigida por meio da educação.

Não se diga que esse fatores ocorrem unicamente nas classes menos favorecidas da fortuna ou pouco instruídas na sociedade; também na elite social essa ignorância tem suas raízes aprofundadas em inumeros preconceitos e intolerancias.

Educar, pois, a mãe nos são preceitos da puericultura, é garantir a diminuição da letalidade infantil, e é enriquecer o patrimônio nacional; cada vida que se poupa, representa um futuro cidadão, que sendo sadio, tornar-se-á um elemento util e proveitoso à comunidade e a pátria.

O ensino da puericultura não deve ser exclusivamente teórico, pois além de se tornar enfadonho, não interessa o aluno na matéria, por não poder ele compreender nem sequer a existência do problema da criança. Mas se a esse ensino teórico juntarmos demonstrações práticas, constataremos que o aluno aprende, fixa, toma gosto e se interessa pelos complexos problemas que se apresentarem.

Onde fazer esse aprendizado prático? Seria impróprio fazê-lo em hospitais, creches ou asilos onde o ambiente não se coaduna com o fim educacional; o dispensário de puericultura educacional será o lugar apropriado para esse fim, onde cada aluno, além dos casos observados, pode se encarregar de um bebê e por ele se interessar, seguindo o seu desenvolvimento, provendo às suas necessidades, sob o controle de um médico educador. As noções assim aprendidas, ficam profundamente gravadas na memória e esse aluno terá mais tarde na vida prática compreensão e capacidade não só para criar os seus próprios filhos, como também para ensinar a outrem esses conhecimentos adquiridos com a prática.

Pinard chegou a asseverar que as jovens devem aprender o modo de cuidar de lactentes e crianças, como aprendem a ler e a escrever.

O problema educacional deve ser resolvido não só na capital como no interior do Estado. Mas de que maneira poderemos resolver essa ingente tarefa sem grandes onus para os cofres do Estado?

O médico reduzido às únicas possibilidades, não pode desempenhar, qualquer que seja o seu princípio, senão o papel essencial, limitado à pregar a sua doutrina e dispensar os seus conselhos; seria difícil ao Estado arcar com as despesas de distribuição de médicos em todo o interior, para ensinar puericultura diretamente ao povo. Mesmo que se designasse um médico para cada município, que são em número de quase trezentos, a questão não seria resolvida, por ser isso ainda insuficiente, bastando considerar que em cada município encontramos muitas vezes mais de uma cidade, além de varias vilas, inumeros povoados e centenas de fazendas.

Outros, não os médicos, é que deverão ter o encargo da difusão dos princípios, de sua divulgação cada vez maior.

Quem, não só na Capital, como em todas as cidades do interior, nas vilas e fazendas, ou mesmo à beira de uma estrada onde haja uma escola, está mais em contato com os moradores, com o povo e com os que buscam conselhos? É, sem duvida alguma, o professorado, classe já organizada, que está fadada a ser o melhor aliado do médico na divulgação dos princípios de Puericultura. Nas salas de aulas, em con-

tacto diário com os alunos, o professor irá irradiando os conselhos benéficos e por intermédio desses mesmos alunos esses princípios chegarão até os lares.

Para o desempenho dessa nobre função, necessita o professor, além do curso de Biologia Educacional, completar a sua aprendizagem num Dispensário de Puericultura Educacional, onde diante da criança sã ou doente, grave na sua mente as lições para mais tarde transmiti-las com segurança.

Os dispensários de puericultura educacionais, além dos grandes benefícios que trazem à população infantil local, podem funcionar com uma despesa mínima para o Estado. Suas instalações devem ser feitas nos prédios das escolas normais e profissionais, que para isso reservarão uma ou duas salas. Os dispensários da Capital e das grandes cidades, deverão ser dirigidos por um médico da própria localidade, que antes de tomar posse do cargo faria um pequeno estágio num dos dispensários da Capital, para observar o modo de trabalho, garantindo-se assim a maior uniformização em todos os Dispensários.

Três são os dispensários de puericultura educacionais que funcionam na Capital: o mais antigo é o da Escola Profissional Feminina, fundado em 1931. Mais tarde, em 1933 foi fundado o da Escola Normal Caetano de Campos e mais recentemente, em 1939, o da Escola Normal Padre Anchieta.

No interior do Estado, cidades como Campinas, Espírito Santo do Pinhal, Mocóca, Sorocaba, Santos e Ribeirão Preto, já contam com Dispensários análogos, que vêm prestando o seu concurso inestimável ao ensino da puericultura.

Não quero cansar os ouvintes, leitores e estudiosos com citações de estatísticas intermináveis. Será muito mais elucidativo para os Senhores Congressistas uma visita a um dos Dispensários de Puericultura Educacionais existentes na Capital, para *de visu*, estudarem o seu funcionamento e constatarem os múltiplos benefícios que trazem; é um convite e um apelo que faço a todos aqueles que se interessam pelo problema do progresso e revigoramento da nossa criança.

O benemérito Governo do Dr. Ademar de Barros, sendo Secretário da Educação o saudoso e pranteado Dr. Álvaro Figueiredo Guião, na previsão do desenvolvimento que devia tomar o ensino da puericultura no Estado, ao promulgar o decreto n. 9.872 de 28 de Dezembro de 1938, que organizou o Serviço de Saude Escolar do Departamento de Educação, tratou com especial carinho da fundação de novos Dispensários Educacionais, como podemos ver pela redação dos artigos 3.º e 4.º.

Eis o seu conteúdo:

Art. 3.º — Nas Escolas Normais oficiais e nas Profissionais poderá o Governo, por proposta das Superintendências do Ensino Secundário, ou Profissional, autorizar o funcionamento de dispensários de puericultura, com fins educativos.

Parágrafo único — Os atuais dispensários de puericultura e os que venham a funcionar nos estabelecimentos aludidos neste artigo, serão administrados pelos respectivos diretores, cabendo à Diretoria do Serviço de Saude Escolar orientar-lhes a parte médica, de acordo com o Serviço de Puericultura do Departamento de Saude.

Artigo 4.º — As escolas normais livres poderão manter, sem onus para o Estado, dispensários de puericultura, organizados nos moldes estabelecidos para as suas congêneres oficiais.

O Dispensário de Puericultura Educacional da Escola Normal "Caetano de Campos", foi fundado em 9 de Maio de 1933 com o nome de Dispensário de Puericultura da Escola de Professores; seu funcionamento tem sido ininterrupto até a presente data. Foi elaborado um regulamento para o seu funcionamento, regulamento esse que abem delineou as suas finalidades.

Seus fins são: a) Permitir a observação e a prática das noções de puericultura estudadas no curso. b) Divulgar nas escolas e entre as famílias os preceitos de higiene infantil e estimular a sua aplicação. c) Prestar assistência sanitária, alimentar, médica e econômica a lactentes necessitados. d) Abrir aos alunos da Escola de Professores (hoje, aos alunos da Escola Normal "Caetano de Campos"), campos de observação para os fenômenos psicológicos e sociais relacionados com a primeira infância.

Suas seções técnicas são: a) Serviço médico, ensino prático de puericultura, noções de enfermagem e aplicação de raios ultra-violeta. b) Matrícula, fichamento e pesagem (arquivo). c) Lactário. d) Visita domiciliária. e) Seção de costura e confecções de peças do vestuário da criança. f) Divulgação do ensino de puericultura.

À primeira seção compete acompanhar e auxiliar o serviço médico, praticar os cuidados de higiene e enfermagem de que necessitarem as crianças inscritas no Dispensário de Puericultura, assim como aplicar os raios ultra-violeta de acordo com as prescrições do médico.

Fica atribuído à segunda seção o serviço de matrícula, fichamento e pesagem periódica das crianças.

À terceira seção fica distribuída a cozinha infantil, tanto para o ensino às mães e às alunas, como para o preparo quotidiano de alimentação das crianças necessitadas.

À quarta seção fica a incumbência de efetuar visitas às famílias dos clientes do Dispensário, para informar-se das suas condições materiais e morais, anotar se são bem seguidas as prescrições médicas, propôr tipo e grau de assistência que lhes deve ser prestada; finalmente, pela lista fornecida pelo cartório de registro civil, procurar os recém-nascidos do distrito mais próximo e encaminhá-los quando necessário para o Dispensário.

A quinta seção se encarregará do estudo e ensino dos melhores tipos de enxoval e objetos de enfermagem e promoverá nas escolas a confecção de roupas infantis para distribuição entre as crianças necessitadas que frequentam o Dispensário. Cabe à sexta seção estudar e pôr em prática os melhores métodos para a divulgação da Puericultura entre as mães e nas escolas, escalando para isso alunas do curso.

A diretoria dos Serviços de Saude Escolar organizou um programa para ser desenvolvido nas diversas seções e que deverá ser seguido pelos alunos em estágio.

## AULAS PRÁTICAS

O programa consta, de 14 aulas teóricas e 7 práticas, assim como do estágio durante uma semana junto à consulta diária, em que serão

recordados os conhecimentos teóricos. Terminado o curso, haverá uma sabatina, cuja nota será válida no cômputo geral. No fim do ano, haverá entrega solene de certificados de curso de puericultura.

Apresentaremos, por fim, em anexos alguns dados estatísticos de 1933, ano da fundação do Dispensário da Escola Normal "Caetano de Campos", e outros dados referentes ao ano de 1940. Esses dados não têm por fim estabelecer cotejos, mas apenas dar idéia das múltiplas atividades de um dispensário de puericultura educacional.

### CONCLUSÕES

1.<sup>a</sup>) A ignorância na arte de criar e educar os filhos é uma das maiores causas da morbidade e mortalidade infantil.

2.<sup>a</sup>) Os Dispensários de Puericultura Educacionais, orientados por secção técnica especializada, anexos às escolas normais e profissionais secundárias são úteis e necessários, com o fim de instruir praticamente o professor e formar a sua consciência de puericultor.

3.<sup>a</sup>) A difusão da puericultura deve ser feita por intermédio do professor público, que, instruído nos Dispensários Educacionais de Puericultura, será um precioso auxiliar que o Estado terá, sem maior onus, nas suas obrigações de assistência social.

4.<sup>a</sup>) Baseadas no artigo 3.<sup>o</sup> do decreto 9.872 de 28 de dezembro de 1938, que organizou o Serviço de Saude Escolar, as superintendências do ensino secundário e profissional, estão aptas a propôr ao Governo a criação de Dispensários de Puericultura Educacionais em todas as escolas normais e profissionais do Estado; baseadas no artigo 4.<sup>o</sup> do mesmo decreto essas superintendências deverão exigir, como medida de generalização, a criação de Dispensários similares em todas as escolas normais livres.



## PLANO DE ENSINO DE PUERICULTURA PARA 4.º ANO PRIMÁRIO

PROFA. LEONTINA SILVA  
G. E. "Frontino Guimarães" — S. Paulo

### MARCA DE CADA LIÇÃO

Tomemos o termo lição como todo o processo de solução satisfatória de um problema da vida, de cuidados para com um bebê.

O ponto de partida, que exige habilidade da professora, está em conceber, fazer surgir ou apresentar o primeiro problema de Puericultura para as meninas. Inicialmente, o recurso de contar uma história de um bebê que fora abandonado à porta de uma casa e aí encontrado pelas pessoas da família, que o tomaram para criar, é dos bons. A adoção de um bebê de louça ou de borracha, preferentemente do tamanho de um recém-nascido, que sirva de elemento concreto para as meninas exercerem atividades relativas aos cuidados peculiares ao zelo das criancinhas, é um recurso valioso.

Que é mister fazer primeiramente? Dar-lhe nome, banhá-lo, vesti-lo, arranjar-lhe uma caminha, figurar sua alimentação, etc. Ataquemos o problema do nome. Projeteamos sua escolha: haverá um concurso entre as alunas afim de que todas intervenham. O nome mais votado prevalecerá. Como fazer o registro? Admitamos um caso comum: o pai comparece ao cartório e presta informações ao escrivão, dentro dos 10 primeiros dias após o nascimento da criança. Quais os informes a levar? A certidão do registro. O valor do registro para as estatísticas do Governo e para assegurar direitos civis ao indivíduo. Leitura de dispositivos legais que regulam o registro civil. Onde fica o Cartório de Registro Civil do bairro, da cidade ou do distrito.

Há o problema do vestuário. As peças de roupa devem agasalhar a criança contra o frio. Projeteamos o seu enxoval. Fraldas, cueiros, ataduras, camizinhas, camisolas de fazenda de algodão e de flanela, sapatinhos de lã, casaquinhos, toucas, babadores, etc.

A escolha das fazendas e sua aquisição. Tamanho normal das peças e custo do material. O corte segundo modelos práticos. Distribuição do trabalho de confecção das peças entre grupos de meninas. Execução dos trabalhos em classe, na hora de trabalhos manuais e em casa. Verificação de seu ajustamento ao bebê. Como vestir o bebê após o banho — será um problema complementar. Como zelar de sua roupa: a lavagem e a passagem a ferro, etc. E assim se desenvolverão as lições instrutivas e práticas, problemas, cada um dentro de suas fases: apresentação, planejamento, divisão do trabalho, pesquisa de material, execução e verificação de sua eficiência.

Como leitura de desenvolvimento, pode a professora utilizar o Livro das Mãezinhas do Dr. Wladimir Piza, cuja distribuição se faz gratuitamente pelo "SPES", ou outros semelhantes.

A confecção do Caderno de Puericultura, um de cada estudante, contendo ilustrações, recortes de revistas, sentenças expressivas de cuidados para com o bebê, breves relatórios de visitas e registro de trabalhos práticos feitos, pode constituir um projeto paralelo ao desenvolvimento do respectivo curso.

A exposição de Trabalhos de Puericultura, no fim do ano, é um ótimo elemento de estímulo e de irradiação do ensino feito. O tempo de ensino no horário escolar poderá ser de 2 horas por semana, com mais 5 a 10 minutos diários para verificar como o bebê e suas cousas estão sendo zeladas.

Sempre que possível, a educadora deve atrair visitas de mães com bebês, irmãos ou outros parentes das meninas, afim de proporcionar observações diretas às aprendizes e motivar novos problemas.

### CONCLUSÕES

1 — Não há incompatibilidade de ordem psicológica nem moral relativamente ao ensino de Puericultura a meninas, na pré-puberdade e na puberdade, que frequentemente o último ano do curso primário.

2 — O programa deverá ter como ponto de partida o bebê que já existe e compreenderá, elementarmente, todas as questões referentes à alimentação, banho, vestuário, repouso e controle do crescimento e da saúde das criancinhas.

3 — O horário escolar deverá reservar 2 aulas semanais, pelo menos, para Puericultura, além de um período diário de 5 a 10 minutos para ligeira articulação de trabalhos práticos.

4 — O método do ensino da Puericultura a meninas pré-púberes e púberes deve ser baseado na lei da atividade funcional, assumindo as lições preferentemente o caráter de problemas, envolvendo alguns deles situações reais e, outros, sendo representativos daquelas impossíveis de desenvolver no meio escolar.

## CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA PROFISSIONAL FEMININA "AURELINO LEAL", DE NITERÓI

PROFA. MARIA PEREIRA DAS NEVES

Diretora

Assim, senhores congressistas, encerrando aqui a apresentação desta série de observações colhidas em a nossa escola, reafirmamos o valor do ensino teórico-prático da puericultura nos últimos anos de qualquer curso para adolescentes do sexo feminino e propomos:

a) que seja obrigatoriamente incluído nos programas das escolas de formação feminina o ensino de puericultura;

b) que seja instalado anexo a cada escola profissional um pequeno ambulatório e lactário assistido por pediatra e sanitarista, onde de preferência procurem assistência as crianças das famílias das alunas, para que se estreitem os laços da família e da escola e possa esta melhor exercer sua função educativa;

c) que, não havendo o serviço acima referido na própria escola, com sacrifício embora, sejam as alunas encaminhadas, pelo menos duas horas por semana, para o ambulatório mais próximo.

G O P H E  
E P H E

## A EDUCAÇÃO SANITÁRIA NAS ESCOLAS

PROF. LINO AVANCINI  
Del. Regional de Ensino — S. Paulo.

### CAPÍTULO QUINTO

#### ESTREITA LIGAÇÃO ENTRE O LAR E A ESCOLA

Seria incompleta e, quicá, nula a ação do professor, se não se tratasse de estabelecer uma ligação bem firme entre a escola e o lar. Não só as crianças precisam conhecer a prática da higiene, como também suas famílias. Que valor teria para a sociedade, para o país, o fato de só no período escolar, à vista do professor, os alunos obedecerem às recomendações relativas à higiene? Em casa, onde a família muitas vezes desconhece aquelas recomendações, quem poderia garantir que o aluno continuaria a respeitar o caminho traçado pela escola e indicado pelo mestre?

Os pais dos alunos precisam e devem também conhecer os indispensáveis preceitos higiênicos, não só para praticá-los, como para fazerem com que seus filhos os sigam em casa e fora de casa, continuando o trabalho da escola. Assim, e somente assim, a-final, se instalaria o hábito da higiene, porque (e mais uma vez frisamos este ponto) se a prática da higiene não se transformar em hábito, tudo o que se fizer será nulo, contraproducente.

Surge, porem, a questão: Como estabelecer essa ligação entre a escola e o lar?

Ela poderia ser realizada, segundo nosso modo de ver, por diversas maneiras, que passamos a enumerar:

1.º — pelas das reuniões provocadas pela Educadora Sanitária, como já fizemos ressaltar no capítulo anterior;

2.º — por palestras e demonstrações feitas pelos professores, em dias bem escolhidos, presentes os alunos e respetivos pais;

3.º — pela de distribuição de folhetos, cartazes, avisos, etc., dirigida pelos Centros de Saude, mas realizada pela escola;

4.º — por meio de prêmios, mesmo singelos mas expressivos, às famílias que melhor compreenderem ou praticarem a Higiene e melhor fizerem pela saude e asseio de seus filhos;

5.º — pela distribuição de material necessário à prática da higiene, aproveitando-se o Governo, então, para usar melhor da despesa efetuada com muita propaganda supérflua, exterior e mal dirigida, que campeia por aí;

6.º — pela distribuição do mesmo material, em modelo de propaganda, por parte da indústria privada, o que poderia ser conseguido

— 534 —

pelo Governo, se estimulasse e favorecesse os industriais que assim auxiliassem a tarefa de educar o povo;

7.º — por meio de uma nova organização das Caixas Escolares, muitas das quais se tornaram verdadeiras Casas Bancárias, se considerarmos as vultosas importâncias em depósito morto, formando um capital nulo, porque não é aplicado, em regra, de acôrdo com todas as finalidades das Caixas, estas poderiam perfeitamente ampliar a sua influência de instituição beneficente, pois comportam expansão.

### CONCLUSÃO

Aí está nossa modesta contribuição ao Congresso de Saude Escolar que ora se realiza com brillantismo e eloquência em São Paulo.

Não pretendemos que o nosso trabalho mereça qualquer atenção por parte dos srs. congressistas ou por parte do nosso benemérito Governo. Apenas uma coisa constitue nosso desejo de brasileiro e de patriota:

Que neste Congresso sejam colhidos os frutos mais puros e saudáveis e que êsses frutos sejam distribuidos; que se ponha em prática, pelo menos alguma coisa dos resultados conquistados; que não tudo fique em palavras e promessas, como tem acontecido em muitos Congressos! Qualquer coisa que se faça pela saude do Brasil, por mais insignificante que seja honrará este Congresso!

G O P H E  
E P H E

## TEMA VI

### RELATÓRIO

Relator: dr. A. ROMANO BARRETO

As teses foram lidas pela ordem de sua apresentação. Vejamo-las: "Fatores da má escolaridade", pelo Prof. Abner de Moura. Falou em primeiro lugar sobre o baixo padrão de vida do professor, sobre o excesso de normalistas e professores desajustados na carreira. Sobre a deficiência dos prédios escolares e frizou o ponto que existe na barreira creada entre pais e professores pelo método analítico. Falando sobre o retardamento dos escolares, ressaltá as causas biológicas como alcoolismo, consanguinidade malsã, verminoses. Fala sobre a má alimentação e as falhas dos sentidos que também são causas de repetência. A vista é o sentido que mais carece de atenção por parte do professor, porque muitas vezes a conjuntiva granulosa lhe passa despercebida.

Neste ponto também D. Rachel Amazonas Sampaio e D. Noemy Silveira Rudolfer falam sobre o restabelecimento das crianças, os cuidados que elas devem merecer nas classes especiais que poderiam ser creadas, como são na Alemanha e nos países adelantados. Neste ponto o Dr. Pernambuco Filho, representante da Prefeitura do Distrito Federal, fala sobre as classes especializadas na França, Alemanha, Suissa, dizendo que as crianças, mesmo as consideradas anormais, em escolas especializadas, são uteis a si próprias e à coletividade. O orador fala sobre o termo anormal que os professores empregam aos simplesmente retardados. Estes foram os pontos principais tratados nesta tese.

2.<sup>a</sup> tese — Dr. Moura Coutinho apresenta "Estudo dos fatores médicos, sociais e pedagógicos nos repetentes das escolas primárias de Campos do Jordão. Refere-se o orador às suas observações pessoais em duas escolas de Campos do Jordão: no Grupo Escolar e na escola isolada. Observações foram feitas em todos os alunos, repetentes ou não. As causas médico-sociais que mais influem sobre o não aproveitamento nas aulas pelos escolares, são: a) alcoolismo, por influência direta ou hereditária; b) estado de sub-nutrição qualitativa e quantitativa; c) verminoses; d) sífilis; e) tuberculose e outros estados mórbidos.

Apartearam o congressista Dr. Durval Marcondes, a respeito de normais e anormais; o Dr. Pedro Pernambuco, do Distrito Federal. Todos falaram sobre esta questão de anormais e retardamentos dos escolares e classes a serem criadas.

3.<sup>a</sup> tese — Passou-se, em seguida, à leitura da 3.<sup>a</sup> tese, pela professora D. Noemy Silveira Rudolfer, cujo título é: "Seleção de classes". Falou brilhantemente sobre a distribuição dos alunos em classes, os problemas psicológicos, aplicação de testes para seleção das classes e fez o histórico sobre a criação do serviço de psicologia aplicada, e depois as transformações e mudanças desse serviço para outros departamentos. Pleiteou uma nova organização, como a antiga, desse serviço, que foi o primeiro da América latina, devendo o mesmo pertencer ao Departamento de Educação. Acha que essa seleção de classes trará economia para o Estado, pois evita desperdício de tempo e energia.

4.<sup>a</sup> tese — Apresentada pelo Dr. Durval Marcondes: "Contribuição para o estudo do problema dos repetentes na escola primária. Causas físicas, psíquicas e sociais". Dissertou sobre o problema dos repetentes, dizendo ser o mesmo de caráter nacional, visto que se estende não só à Capital, como ao Estado todo, como a todo o Brasil. Refere-se ao trabalho do Prof. Luiz Gonzaga Fleury, sobre os repetentes e o prejuízo material para o Estado e o prejuízo moral para as crianças que são reprovadas.

D. Beatriz Albuquerque apresenta um trabalho cujas conclusões são as seguintes:

1 — Pela estatística organizada pela Inspetoria Geral do Serviço Dentário Escolar, verifica-se que a porcentagem da cárie entre os repetentes é significativamente maior, que entre os demais escolares.

2 — Pelo exame radiográfico realizado no Departamento de Raios X do Serviço Dentário Escolar, verifica-se que é também maior a frequência dos focos de infecção dentária entre os repetentes:

3 — A odontalgia prejudica a frequência do escolar às aulas, perturbando seriamente o rendimento escolar.

4 — As afecções dentárias são, entre outros, um dos grandes fatores, que contribuem para a verificação da repetência dos escolares.

5 — Nos Serviços Dentários Escolares devem ter preferência no tratamento, os alunos repetentes.

O Prof. Lazaro Ferraz de Camargo fala sobre os repetentes na escola primária. Acusa o programa, que é extenso, e o tempo que é reduzido. Discorre sobre as três ordens de fatores da reprovação: pedagógica, físico-psíquica e moral e social. Dá grande valor à as-

sistência médica e dentária. Comunica aos senhores congressistas como pôde, em seu Grupo Escolar, promover 80% nas classes exclusivamente organizadas com repetentes.

O Prof. Polidoro Ribeiro de Andrade discorre sobre os fatores de repetência que são os pedagógicos, sociais, médicos, psicológicos, sugerindo: remédios consubstanciados no conhecimento objetivo dos alunos selecionados pelos testes ABC, não fazer matrícula no segundo semestre, boa escolha de professores para as várias classes, assiduidade dos alunos. Aponta ainda mais remédios para os outros fatores.

O Dr. Pernambuco Filho discute a tese sobre os repetentes e fala das proporções verdadeiramente impressionantes do problema na Capital Federal. Defende um trabalho interessante de autoria do Dr. Bastos de Ávila, chefe do Serviço de Antropometria do Centro de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal, cujas conclusões são as seguintes:

1 — O coeficiente de cefalização de DUBOIS, sendo um índice do valor cerebral, explica porque em uma dada classe, nem sempre os escolares mais idosos são os que mais rápidos progressos realizam.

2 — Por mais forte razão, explica ainda as dificuldades do adulto na aquisição de conhecimentos que a criança aprende sem maiores esforços.

3 — A homogeneização das classes pelo índice de cefalização, teria a vantagem de ser puramente objetiva.

Finalmente, comenta o trabalho das professoras Ofélia Maria Boisson, Celina Pinto Guêdes e Isaura Carvalho de Azevedo, do Serviço de Ortofrenia e Psicologia de que o Dr. Pernambuco é o chefe.

O Prof. Abner de Moura lê o seu trabalho intitulado: "Alguns fatores da má escolaridade" e conclue afirmando que o problema dos repetentes na escola primária reveste-se de aspectos de ordem social, médica e técnico-psicológica, tirando conclusões, muitas das quais estão nas conclusões do nosso relatório.

A Prof<sup>a</sup>. D. Clarice Magalhães Castro fala sobre a insuficiência alimentar e crianças que trabalham.

A Prof<sup>a</sup>. Maria Guimarães Ferri apresenta um trabalho dividido nos seguintes capítulos: I — males causados pelos repetentes; II — como sanar em parte os males causados pelos repetentes; III — causas das reprovações, subdividindo estas em causas psíco-fisiológicas, pedagógicas, administrativas. Propugna pelas classes homogêneas porque estas rendem mais e aponta o caminho para essa seleção.

Prof. Francisco de Paula e Silva tratando do problema de repetência chama a atenção para o primeiro grau do ensino primário que é a barreira, o ponto nevrálgico. Fala da necessidade de maior colaboração entre o lar e a escola e adoção do programa reduzido.

Prof<sup>a</sup>. Rachel Amazonas Sampaio discorre sobre várias causas da reprovação e se demora na questão de alimentação e elevação do nível econômico de vida do professor.

Prof<sup>a</sup>. Celina Padilha, chefe do Distrito Educacional, no Distrito Federal, leva em muita conta o problema de repetência porque no aluno reprovado, que o é quasi sempre no seu primeiro ano de estudo preliminar, cria-se um complexo de inferioridade. Aponta os fatores da repetência e ilustra o seu trabalho com o que pessoalmente teve ocasião de verificar nos Estados Unidos.

Dá muita importância ao ensino de leitura e à caligrafia e analisa as causas que perturbam o seu aprendizado. Propugna pelas fichas individuais.

Não se apresentaram para a leitura de seus respectivos trabalhos, os congressistas senhores Venancio Gomes Filho, Albino de Melo Freire, Paulo Sonnewend, José de Oliveira Orlandi, Herculano Machado Florence, Neide Pascoal, representante da Escola Caetano de Campos, Francisco Lopes de Azevedo, José F. Sampaio Penteadó, Eliseu Laborne Vali, sendo entretanto lidas as conclusões de seus trabalhos.

## CONCLUSÕES

- 1.<sup>a</sup>) *O alcoolismo, por influência direta ou hereditária; o estado de sub-nutrição, qualitativa e quantitativamente; a verminose, a sífilis, a tuberculose e outros estados mórbidos; as deficiências de ordem pedagógica, como a falta de prédios apropriados, com salas amplas, bem iluminadas e arejadas e a falta de material adequado, são fatores do crescido número de repetentes, que assoberba, de modo aterrador, as administrações do ensino, no País. Urge, pois, sejam tomadas medidas severas contra esses males, sob a ação direta do médico, do dentista e da educadora sanitária, que contarão com a colaboração dos educadores. Medidas outras, em favor da melhoria do padrão de vida da população do país, serão, também, tomadas, assim como em favor da criação de escolas técnicas para os pais, a fim de que possam, eles, dar melhor alimentação e melhores exemplos aos próprios filhos.*
- 2.<sup>a</sup>) *O problema dos repetentes, na escola primária, reveste-se de aspecto de ordem social, médica, psicológica, pedagógica e técnico-pedagógica. Assim sendo, exige medidas que o solucionem no sentido de elevar cada vez mais, a porcentagem de aprovação de alunos em todos os graus do ensino primário, com o que se conseguirá considerável redução de despesas com o ensino em toda o país. Para tal fim, sugere-se:*
  - a) *uma renovação escolar, segundo as exigências da vida atual, promovendo-se um reajustamento dos programas e do horário, à luz das modernas conquistas pedagógicas, com um curso de 5 anos, 200 dias letivos em cada exercício escolar e 4 horas de aulas, diárias;*
  - b) *melhor remuneração do professor, sempre que aos governos lhes parecer possível;*
  - c) *a adoção sistemática e intensiva de uma alimentação sadia às crianças, na escola, com o auxílio das Cozinhas Escolares e de outras instituições peri-escolares ou filantrópicas, ou mesmo dos próprios governos;*
  - d)  *cursos de higiene pedagógica de emergência, em caráter compulsório e prova de aproveitamento, para o professorado;*

- e) instituição de um serviço de orientação pedagógica, entrosado com as delegacias de ensino, com as inspetorias escolares e diretorias de grupos, umas e outras entregues a professores técnicos de educação, orientadores do ensino, aprovados em exames de seleção, os quais terão a incumbência de promover reuniões pedagógicas, para o fim principal de transmitir aos professores de escolas ou classes, orientação uniforme, emanada do próprio serviço;
  - f) organização de um corpo de professores especializados no ensino do 1.º ano;
  - g) a correção do sistema de remoção, afastamentos, licenças, com a adoção de outro que evite as constantes mudanças de professores durante o ano letivo;
  - h) a assistência médico-dentária, esta aplicada em maior escala aos repetentes, para o que se instalarão gabinetes médico-dentários em grupos escolares;
  - i) o estabelecimento de um mínimo de 20 alunos promovidos, num máximo de 40, em cada classe, para que o professor adquira o direito de inscrição ao concurso de remoção;
  - j) a entrega de alunos reprovados a professores, nas férias, mediante gratificação razoável;
  - l) o estudo e adoção de métodos e processos eficientes do ensino da leitura e da escrita, apontadas como o fator principal do insucesso nas séries mais adiantadas: 2.ºs, 3.ºs, 4.ºs e 5.ºs anos.
- 3.ª) A negligência dos pais e a frequência irregular às aulas são outros fatores prejudiciais ao aproveitamento escolar, para cuja solução se apontam a organização de corpos de agentes sociais (visitadoras ou educadoras sanitárias) ao serviço da escola e o desenvolvimento das instituições peri-escolares e post-escolares, particularmente das associações de pais e mestres, afim de que medidas de natureza clínica, ou outras, possam ser tomadas, vencendo preconceitos e resistência infundada do meio ambiente.
- 4.ª) A deficiência mental que constitui sério impecílio à redução do número de repetentes, exige corretivo enérgico e de caráter médico-pedagógico. A homogenização das classes por meio de testes, ou pela intervenção do professor e do médico, com a ajuda da psicologia aplicada, das mensurações corporais e da avaliação dos alimentos dos alunos, ou, ainda, pelo seu exame pré-escolar, com a organização de um modelo de ficha para a correção, no início do ano letivo, para o grande mal, parece ser o remédio, bem como o reajustamento ao fim de

um ou dois meses. A formação de classes especiais com número reduzido de "alunos-problema", é aconselhável.

5.<sup>a</sup>) O problema dos repetentes está em função de outro problema — o rendimento escolar. Assim sendo, o rendimento escolar deverá ser verificado periodicamente:

- a) no fim de cada mês, pelo professor, em escola ou classe;
- b) no fim de cada trimestre, no distrito escolar;
- c) no fim de cada semestre, na região escolar, o que justifica a realização de dois exames no ano para efeito de promoção.

6.<sup>a</sup>) O cinema, pelo choque e persistência, ativa as reações neuro-psíquicas, proporciona salutar descanso a outros centros, evitando a paralização do trabalho excretor das células cerebrais, restringe a distração nos limites dos fotogramas, pelos diversos recursos técnicos; aprofunda e consolida a impressão, tornando-a indelevel e duradoura; restabelece elos dos assuntos e facilita a sua apreensão, no todo ou nas partes principais; dá excelentes resultados associado a outros elementos gráficos ou de projeção luminosa fixa. Deve, pois, ser utilizado, na sua condição de auxiliar do professor, como meio de reduzir o número de repetentes na escola primária.



## O PROBLEMA DOS REPETENTES NA ESCOLAS PRIMÁRIAS

DR. ELISEU LABORNE E VALE

Chefe do Departamento de Educação — Belo Horizonte.

.....

A relevância do problema, a multiplicidade das causas de repetência, a profunda brecha que esse desvio abre na marcha escolar, sollicitam a consideração pormenorizada de todos os fatores que a ocasionam, não sendo razoável ficar-se nos que acabam de ser lembrados.

Nomeações, aposentadorias, afastamentos, licenças e substituições; prédios, localização e construções; vencimentos e honorarias; todos os fatos próximos ou remotos que entrem o bom funcionamento escolar merecem, por igual, o exame atento dos responsáveis pela educação das populações brasileiras, tão certa é a afirmação de que as escolas fomentam os grandes surtos de progresso e civilização, e, bem assim, cristalizam no espírito e no coração das novas gerações o patriotismo conciente e militante, capaz de edificar um Brasil à altura da vastidão e das possibilidades da terra de Santa Cruz.

### CONCLUSÕES

I — Sendo múltiplas, heterogêneas e díspares as causas de repetência — os processos de combatê-las devem ser ordenados segundo a natureza de cada causa ou conjunto de causas.

II — As causas de repetência podem ser, em relação á criança, intrínsecas e extrínsecas.

III — Para vencer ou aliviar certas causas, como sub-nutrição, doenças, "deficits" orgânicos e as que resultam do baixo nível econômico dos alunos (alimentação, vestuário, medicamentos, material didático, etc.), deve a escola dispôr dos serviços de assistência médica e alimentar, aliados ao de fornecimento de vestuário e material escolar. Uma boa organização de caixas escolares favorece a solução desses problemas.

IV — As causas de repetência ligadas á direção, professores, métodos e processos de ensino, atividades e instituições escolares têm, na organização das classes, na orientação do professorado e no controle escolar, grandes elementos de resistência.

V — Os programas, elaborados segundo o meio e à luz das modernas conquistas pedagógicas, são elementos de valia na diminuição da repetência.

VI — A duração do curso, do ano e do dia letivos exerce influência ponderável sobre a repetência, sendo para recomendar o curso de cinco anos, com duzentos dias letivos e dia, no mínimo, de quatro horas.

VII — As nomeações, aposentadorias, afastamentos, licenças, substituições, vencimentos e quanto mais de diga nesta ordem de idéias com respeito ao educador, devem merecer a atenção dos responsáveis pela educação primária, prevalecendo sempre o interesse do ensino, visto como repetência não é problema para ensino qualitativamente consagrado.



## O SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA DA DIRETORIA GERAL DO ENSINO

Dra. NOEMY DA SILVEIRA RUDOLFER  
Da Universidade de São Paulo.

### 1 — PROBLEMAS PSICOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO

Entremos numa sala de aula. Qualquer pessoa, por escassa que tenha sido sua experiência no campo educativo, percebe logo que as crianças são diferentes, umas das outras, na maneira de ser, seja esta total ou parcialmente encarada. E não precisará de experiência educativa, também, para perceber que tais diferenças por força hão de exigir tratamento diverso. Diferenças individuais ditarão alvos diversos na educação. Exigirão, igualmente, processos diversos de tratamento porque são diversos os indivíduos.

E não é só este problema magno que se impõe ao educador, e ao leigo em educação. Que provisões se oferecem para que o atrasado chegue ao termo da educação? afim de que o superdotado não perca o incentivo para ser da vanguarda e para que o médio não se arraste, desinteressado, com o atrasado, ou não se exgote numa competição ingrata com os avançados?

Como — atrasados, normais e avançados — têm eles aproveitado as provisões educacionais?

Observemos mais: estarão o programa escolar, as matérias e sua graduação adequadas ao nível diverso de desenvolvimento dos alunos? Este problema se prende intimamente ao anterior: até que ponto as diferenças individuais devem ser tomadas em consideração? Ou, em termos melhores — até que ponto há uma identidade na maneira de ser dos educandos compatível com uma escolha prévia de

— mínimos essenciais no programa?

— conteúdo de matéria para cada nível comum?

E a situação do compendio escolar é também semelhante nesta consideração dos problemas psicológicos da educação. Estarão os compêndios ajustados ao nível geral de desenvolvimento dos educandos, dos vários graus da escola primária à escola secundária? O conteúdo é interessante? E' conveniente?

A despeito de haver, com probabilidade, uma certa identidade nos educandos, de níveis cronológicos aproximados — criança, menino ou menina e adolescente — sempre há aqueles que aberram do seu grupo, por certas peculiaridades gerais: o teimoso, o exibicionista, o tímido, o agressivo, o desconfiado, o instavel, o mentiroso, o masturbador, o homossexual, o prematuro hetero-sexual o pequeno ladrão, o intrigante, o hipócrita, o

“maria-vai-com-as outras”, o “mandão”, o “maricas”, o medroso, o temerário, o “gaiato”, o atrasado, o brilhante demais. E que eles constituem um problema para o viver conjunto, ninguém disso duvida — fora e dentro da escola. Que providências toma a escola para dar-lhes os ajustamentos sociais eficientes, seja o traço geral de seu procedimento constante ou temporário?

Que vão ser estes educandos mais tarde? Alguem que, tendo descoberto as próprias capacidades, seja ajustado *no que faz ao que é*. Ou alguem, perdido na perplexidade da busca de algo a fazer, compatível com suas capacidades, gostos, tendências dominantes? Este problema se prende a outro, tão geral, que se pode considerar o problema educativo fundamental: Está o jardim da infância e a escola, primária ou secundária, habilitando cada educando a, tendo saído deles, prosseguir na rota socialmente eficiente?

Em momentos de crescimento, como definir o que seja uma criança, um menino ou menina, um ou uma adolescente brasileiros? Que traços, sendo próprios dos vários momentos cronológicos, ditam uma maneira *sui generis* de enfrentar as necessidades de educandos brasileiros? E, já que o educando *está sendo* e não *é*, como variar a situação geral da escola para o progresso crescente do procedimento do educando, de modo que seja ele o adulto completo que nosso meio histórico-cultural exige?

Eis, a meu ver, os problemas psicológicos fundamentais da escola. Dizer que são psicológicos, talvez seja afirmar uma verdade parcial. Pois que eles são os problemas essenciais da própria vida educacional, sistemática.

Então, por que aquele “psicológicos”? Porque — mesmo sendo eles problemas da vida total, a psicologia pode enfrentá-los com sucesso. E pode auxiliar o educador a resolvê-los.

## 2 — OS SERVIÇOS DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL, UMA NECESSIDADE

O psicólogo escolar, um imperativo — Da última afirmação, decorre uma nova questão. e os problemas fundamentais de educação são problemas que a psicologia pode esclarecer ou, no melhor dos casos, resolver, por que não iniciar serviços de psicologia educacional nas escolas, da maternal ao jardim, da escola primária à superior, localizando-os nas escolas secundárias também? Assim proposta a indagação, um axioma surge: o psicólogo escolar é profissional que a escola brasileira está a exigir para

- diagnosticar os traços do psiquismo infantil, da memínice e adolescente;
- enfrentar as diferenças individuais;
- ajustar a educação ao ser em crescimento, nos vários momentos típicos deste;
- auxiliar a criança, menino ou menina, adolescente — que forem um problema permanente ou temporário — a reorganizar a própria conduta com sucesso;

- pôr cada educando no lugar devido, profissional ou educacional — para sucesso na vida total;
- escolher e dosar o conteúdo do programa, da matéria, do compêndio em função das necessidades de seres em crescimento.

I. *O Serviço de Psicologia Educacional da Diretoria Geral do Ensino, o primeiro da America Latina e do Brasil.*

Foram tais imperativos que — há, precisamente 10 anos — levaram o Departamento de Educação do Estado de S. Paulo, pela iniciativa de Lourenço Filho, a criar seu serviço de Psicologia Educacional. O primeiro da América Latina, o primeiro do Brasil, esse serviço pelas suas secções de

- testes, mensuração e investigações;
- estudo psicológico do programa, do compêndio, da matéria;
- diagnose e tratamento da criança-problema;
- orientação profissional e educacional,

buscava esclarecer, senão resolver, os problemas fundamentais psicologicos da educação. Conseguiu-o? Vejamos.

a) *Um lucro de 146:000\$000 para os cofres públicos* — Aplicados os testes ABC — com muita falha, sem dúvida — nos primeiros anos dos grupos escolares da Capital ele pôde trazer aos cofres públicos pela aceleração do curso dos bem dotados, com promoção em Junho, um lucro de Rs. 146:000\$000; permitiu intensificar o coeficiente de promoções de cinco grupos escolares nos quais applicou, quatro anos depois, testes para seleção de classes; aferiu os testes Dearborn; adaptou ao nosso meio o Army Alpha, Binet-Simon, Kuhlmann-Anderson, Ballard, testes de coordenação motora de L. Walther que têm sido empregados pela

- Escola de Sociologia Política
- Serviço de higiene Mental
- Instituto de Higiene.

b) *“Responsabilize-se pelos sucessos e fracassos de sua atuação”.* — Conhecido o material humano com que conta, o Serviço de Psicologia Educacional pôde responsabilizar os professores pelos sucessos de sua atuação, com a aplicação de provas objetivas aos alunos de nível de crescimento aproximado e, assim, prêmios foram dados aos bem sucedidos: àqueles professores que, com material humano igual ao de outros, puderam produzir mais. Tivéssemos nós prosseguido na política do Serviço de Psicologia Educacional e a promoção teria ido, por certo, num crescendo de eficiência...

c) *Classes especiais para os atrasados.* — Na função de fazer convir a educação ao nível do educando, o Serviço de Psicologia Educacional iniciou classes especiais nos grupos cujo nível de desenvolvimento dos alunos era conhecido pelos testes e pôde aumentar-lhes a eficiência, dos alunos que puderam passar de grau e dos grupos que tiveram maior promoção. Estudou-se o aproveitamento educacional, por meio de provas objetivas dos alunos dos cinco grupos escolares aludidos. Come-

cou-se um estudo comparativo do programa e de compêndios. Dentre de poucos dias, virá à luz a análise de cinco cartilhas mais em uso nas escolas em 1935. E' mais um resultado do Serviço de Psicologia Educacional. Na necessidade de conhecer o aluno para ajustar-lhe os programas, estudarem-se os jogos de 5.000 e tantas crianças escolares da cidade. Ouviremos, aqui, o relato dos primeiros resultados.

d) No ajustamento do educando à profissão e à educação posterior, se iniciou o primeiro serviço de orientação profissional, do país, infelizmente interrompido por falta de pessoal.

E, assim, foi eficiente o primeiro Serviço de Psicologia Educacional do Brasil. À sua semelhança se fundou o do Distrito Federal, de tão fecundos resultados.

Onde está um serviço que se iniciou tão eficientemente? Que outros resultados eficientes pode apresentar neste Congresso? E' trágica a resposta: não mais existe o Serviço de Psicologia Educacional. Reformas sucessivas do sistema educacional paulista o tiraram do Departamento de Educação e transformaram-no num Laboratório de Pesquisas psicológicas puras.

*Teremos necessidade de um Laboratório de Psicologia?* Mas, teremos necessidade de um Laboratório de Psicologia? Por certo que sim. O Serviço de Psicologia Educacional não pode, em virtude de ser órgão executivo, incumbir-se de investigações. Cabe-lhe o papel de aplicar à educação aquelas conclusões que órgãos investigadores, puros, obtiveram.

*O psicólogo escolar, fruto das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras.* — Poderão fazer tal aplicação os psicólogos educacionais formados pelas Faculdades de Filosofia, Ciência e Letras. O Serviço de Psicologia Educacional do Departamento de Educação foi órgão prematuro. Nada havendo de investigações feitas no campo respectivo, e não havendo pessoal habilitado, ele buscou cumular tres funções:

- investigar,
- aplicação à educação os resultados das investigações feitas,
- formar pessoal habilitado.

E, com isso, se assoberbou de funções que não puderam ser devidamente cumpridas. A situação hoje é diferente: com um Laboratório de Psicologia que investiga, com uma Faculdade de Filosofia formando psicólogos educacionais, podemos reiniciar tal serviço que prestou, deixou temporariamente de prestar e poderá prestar ainda ao sistema educacional paulista a colaboração máxima: oferecer os meios para tornar

efetiva, a educação "sob medida" como pregou o grande pioneiro suíço, recentemente falecido, — Clarapède.

## CONCLUSÕES

Em conclusão, proponho:

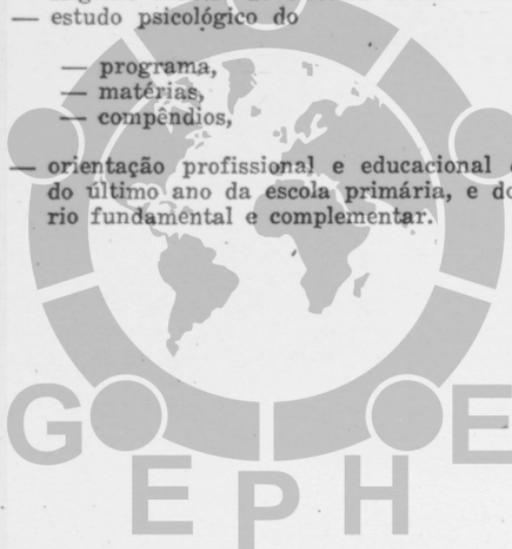
- 1) Dada a grande eficácia do antigo Serviço de Psicologia Aplicada da Diretoria Geral do Ensino se crie o Serviço de Psicologia Aplicada do Departamento de Educação,

2) Como órgão executivo, esse Serviço de Psicologia aplicará à educação o resultado das investigações feitas por Laboratórios de Psicologia pura.

3) Como técnicos desse Serviço, aproveitem-se os alunos especializados em Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

4) Criem-se, como inovação promissora, os cargos de psicólogo escolar no sistema educacional paulista, e cuja função seja:

- diagnosticar o nível de desenvolvimento dos alunos;
- diagnosticar o nível aproximado de desenvolvimento de grupos de alunos;
- diagnosticar o aproveitamento do educando, individualmente considerado e de grupos de educandos, durante o curso escolar;
- atender às diferenças individuais;
- diagnosticar os casos-problema; auxiliar a orientação do tratamento dos mesmos, em cooperação com o Serviço de Higiene Mental do sistema educacional paulista;
- estudo psicológico do
  - programa,
  - matérias,
  - compêndios,
- orientação profissional e educacional dos nossos alunos do último ano da escola primária, e dos cursos secundário fundamental e complementar.



G O P H E  
E P H E

## O PROBLEMA DOS REPETENTES NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Profa. CELINA PADILHA

Rio

---

### MINHA EXPERIÊNCIA PESSOAL

Não tive tempo para fazer um curso tão completo que me habilitasse a promover uma aplicação das classes especializadas no Brasil.

Mas, as observações colhidas, aliadas à experiência que tinha tido nas classes de 1.<sup>a</sup> série, onde muito trabalhei como adjunta, permitiram-me orientar muitos casos difíceis, nas classes das circunscrições escolares que tenho dirigido.

Já tinha, nesse tempo, preparado um bom número de professoras entusiastas na aplicação do método ídeco-visual; já havia conseguido de muitas o uso das fichas individuais; já aplicava, desde 1928, os testes A. B. C. do professor Lourenço Filho, acompanhando com as professoras o estudo dos psicogramas resultantes, comparados com o comportamento dos alunos em aula; já tinha alguma experiência de classes especiais (para alunos problema, na 1.<sup>a</sup> série) que mantive enquanto me foi permitido.

Assim, de muito me serviu o auxílio recebido nos Estados-Unidos, das professoras especializadas em "speech", Mrs. Clara Cook e Miss Tapplin e alguns casos tenho podido resolver no Brasil.

Com a prescrição de não ser trocado o uso da mão esquerda para os canchestos, tenho conseguido prevenir alguns defeitos; fazendo voltar à esquerda, tenho corrigido outros e, com a aplicação de exercícios especiais, tenho ajudado algumas professoras a remediar deficiências de seus alunos.

Preocupo-me com as crianças que vejo paradas na 1.<sup>a</sup> série, esforço-me por estimular as professoras a acharem as causas da falta de progresso e procurarem removê-las.

No ano p. p., recebi, enviado pelo Dr. Leonel Gonzaga ao Colégio Padilha, um aluno brasileiro que fora mudo até os 4 anos, mal falava e, em casa, só ouvia alemão e castelhano, tendo, além disso, uma forte descoordenação motora. Com tratamento especial, Dr. Leonel Gonzaga conseguira que ele começasse a falar e estava interessado em que eu lhe desse o cuidado pedagógico indicado no seu caso. Em alguns meses, obtive que se desembaraçasse bastante na fala e pude iniciá-lo na aprendizagem da leitura, o que ia fazendo com relativo sucesso.

Sempre penso que, não se podendo fazer o ótimo, não se deve cruzar os braços, em atitude de vencido.

\* \* \*

O resumo, que ora apresento, tem por fim apenas, focalizar assunto de tão grande importância, até hoje tão descuidado; e formulo o desejo de que possa sugerir o estudo da questão exposta. Os Centros de Pesquisas Educacionais, com auxílio das Clínicas Médicas em boa hora criadas no Distrito Federal, estão aptos a fazê-lo.

As professoras poderão receber, para seu trabalho junto às crianças, informações seguras e orientação científica. Ser-lhes-á, então, mais agradável o exercício nas classes de 1.<sup>a</sup> série, pois, além da inspiração pessoal para encontrar soluções, terão o apoio competente dos médicos e dos psicólogos para os problemas mais difíceis.

#### CONCLUSÕES

1.<sup>a</sup> — Deve-se, na escola, prestar atenção especial ao grupo de crianças paradas na aprendizagem da leitura, existente em quase todas as turmas de 1.<sup>a</sup> série, constituindo uma cauda de repetentes que se estabilizam, por vezes, durante anos, na 1.<sup>a</sup> série.

2.<sup>a</sup> — Devem as professoras fazer a ficha individual de seus alunos, investigar as causas do retardamento e procurar removê-las, quando estiver ao seu alcance fazê-lo, como: nos casos de irregularidade de frequência escolar, (entendimentos com os pais), pobreza de alimentação (merenda e almoço escolares) cansaço ao vir a criança para a escola (entendimentos com os pais e repouso especial proporcionado na escola) e outros.

3.<sup>a</sup> — Apresentar as crianças às Clínicas Médicas, para estudo, nos casos de origem menos aparente.

4.<sup>a</sup> — Receberem das Clínicas Médicas, e dos Institutos de Pesquisas Educacionais as informações necessárias e a orientação dos meios corretivos de sua alçada.

5.<sup>a</sup> — Aplicarem, nas classes comuns, os meios de ensino aconselhados para evitar que surjam os defeitos.

## O PROBLEMA DOS REPETENTES NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Fatores pedagógicos, sociais, médicos e psicológicos

Profas. OFÉLIA MARIA BOISSON, CELINA PINTO GUEDES e  
ISAURA CARVALHO DE AZEVEDO.

NOTA: Estas congressistas apresentam um trabalho de 40 páginas,  
cujas considerações finais e conclusões são as seguintes:

O que apresentamos ao 1.º Congresso de Saúde Escolar não pode ser considerado o desenvolvimento de um tema; tal não foi nosso intuito.

Condensando nesta exposição o produto de observações, experiências e estudos realizados no Centro de Pesquisas Educacionais \* do Rio de Janeiro, procuramos concorrer com pequenina parcela, para tão importante certame.

Porisso, não chegamos, nem poderíamos chegar, a conclusões, não assentamos nada em definitivo. Tentamos situar o problema, delimitando-o, dentro de certos aspectos; analisamo-lo pelas faces que nos pareceram de maior relêvo, e, por fim, de acôrdo com as diretrizes tomadas, esquematizamos, por itens, algumas considerações, que julgamos oportunas.

### A) QUANTO AOS REPETENTES DE 1.ª SÉRIE:

1 — *Ponto de vista pedagógico* — a) — A falta de *professores especializados*, no ensino do 1.º ano, contribue, grandemente, para as deficiências, em parte responsáveis pela existência de repetentes nessas classes;

b) outro fator importante, no desajustamento desses elementos, reside em o *número excessivo de alunos* e na falta de organização das turmas, por um *critério de maturidade*.

2 — *Ponto de vista social* — a) não possível encarar, hoje, a escola se não como “*órgão de reforçamento e sistematização de toda a ação educativa da comunidade*”, visto que, em última análise, educar é socializar e, se o educando é o *indivíduo*, o verdadeiro educador é o *ambiente* em que ele vive.

É imprescindível a *assistência social* às famílias, atraindo-as ao seio das escolas, interessando-as nos trabalhos que aí se processam, atuando nos pais, no sentido de melhor compreensão.

\* da Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal.

b) A permanência das crianças em meios, reconhecidamente amoraes e sem recursos para mantê-las, é fator preponderante na desintegração das mesmas, responsável, do ponto de vista social, pelo rendimento nulo, ou quasi nulo, da aprendizagem. A administração compete, como única solução, interná-las em estabelecimentos, onde possam receber educação adequada e alimento suficiente.

3 — *Ponto de vista médico* — O estado precário de saúde das crianças, seu baixo índice de nutrição, apelam para os cuidados médicos. Urge, não só fornecer-lhes o diagnóstico, como dar oportunidade para que o tratamento se processe, nas melhores condições possíveis. O diagnóstico, por si só, não é fator de cura, nada vale.

4 — *Ponto de vista psicológico* — a) Na 1.<sup>a</sup> série, a *inteligência* não é elemento de tanta importância, que possa o mestre orientar seus passos pela medida exata, ou a mais exata possível, dessa capacidade.

b) O número de *anormais profundos*, encontrados em nossas escolas, é insignificante, para que o responsabilizemos pelo problema dos repetentes. Os *deficientes* encontrados, passíveis de aperfeiçoamento, devem ser retirados para classes, sob a orientação de professores, especializados no tratamento desses casos.

c) Na 1.<sup>a</sup> série, as medidas, destinadas à *inteligência*, devem ser substituídas pelos instrumentos de verificação da *maturidade*.

#### B) QUANTO AOS REPETENTES DE OUTRAS SÉRIES:

1 — *Ponto de Vista pedagógico* — a) A causa número 1 do insucesso nas séries mais adiantadas reside no ensino defeituoso da leitura e da escrita.

b) Ainda aqui, atribuímos à má organização das classes o fracasso, verificado em grande número de alunos — não só considerando o heterogeneidade, do ponto de vista da aprendizagem, como o fato de serem as turmas excessivamente numerosas.

c) É necessário fazer minuciosa revisão nos processos de ensino, buscando o que se adapta às nossas crianças, fugindo às situações extremas — ensino rigorosamente tradicional ou excessivamente ativo.

d) Urge encarar a *disciplina*, como um capítulo que merece atenção, inerente à atitude da criança, em todos os momentos. A liberdade vai sendo concedida aos poucos, à medida que o indivíduo sabe fazer uso dela; é terreno que se conquista, palmo a palmo.

e — *Pontos de vista Médico e Social* — Aqui, cabe tudo quanto dissemos a respeito da 1.<sup>a</sup> série, acrescentando, porém: Quando o nível social nos parece bom, nem porisso deixa de apresentar problemas sérios, que a escola não pode colocar de lado; habilidosamente, cumpre-lhe interferir, no sentido de levar aos pais mais ampla compreensão, orientando-os, de modo a fortalecer a ação do ambiente escolar.

Há oportunidade, neste tópico, de fazer o comentário não só sobre o Círculo de Pais e Mestres, como sobre as Associações Peri e Post-Ecolares, quando bem compreendidas. O primeiro vai estreitar relações entre a família e a escola, fornecendo a esta última ocasião para agir, delicadamente, no seio daquela; as segundas, levando mais

longe a influência do ambiente escolar, vão acompanhar o pequeno adolescente, mesmo quando seu curso primário já está terminado.

É ainda, por meio do entendimento entre a família e a escola, que medidas de natureza clínica podem ser tomadas, vencendo preconceitos e resistências infundadas do ambiente.

3 — *Ponto de vista Psicológico* — a) É importante considerar que a psicologia é ciência nova, em país novo, e, portanto, só a pesquisa paciente e demorada, e nunca a cópia fiel, podem levar-nos a tratar, com segurança, a inteligência de nossos alunos.

Ao estudo do material, decorrente de trabalhos acumulados com o tempo, deveremos nós, brasileiros, o conhecimento mais exato das características psicológicas de nossa gente.

b) Para a nacionalização de um povo, a maior obra é feita nas escolas; é, justamente, essa: debruçar-se sobre a infância de uma raça que evolue e se forma, aprofundar-lhe, com amor e sinceridade, todos os arcanos, ampará-la e infundir-lhe a fé no dia de amanhã, para que daí possa surgir a geração do futuro, forte, sadia e feliz, sustentando, com o cérebro e com o coração, a grandeza do Brasil.



## ESTUDO SOBRE REPETENTES

Profa. NAIR DURÃO BARBOSA

Do Serviço de Medidas e Programas do Centro de Pesquisas Educacionais — Rio

O Serviço de Medidas e Programas do Centro de Pesquisas Educacionais da Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal, animado pela intenção de contribuir, embora com uma parcela mínima, para o estudo do magno problema dos alunos repetentes, estudo que constituirá uma das preocupações do Congresso de Saude Escolar, tem a honra de oferecer à apreciação dos Srs. Congressistas o presente material, que constitui a documentação da primeira fase de uma pesquisa a que vem procedendo, no sentido de determinar as principais causas de repetência dos escolares do Distrito Federal.

As atividades que, com aprovação superior, deveria o Centro de Pesquisas Educacionais realizar durante o ano de 1940, incluíam o estudo dos repetentes das escolas públicas municipais, especialmente da 1.<sup>a</sup> série primária.

À vista dos elementos de que dispunha — dados extraídos das "Fichas de turmas e resultado dos testes de promoção de 1940" — planejou este Serviço o levantamento de quadros e tabelas, que apresentam, em conjunto e de modo claro e objetivo, dados numéricos obtidos mediante o estudo de certas condições relativas aos alunos da 1.<sup>a</sup> série, submetidos, em novembro de 1940; aos testes de promoção, organizados por este Serviço.

Estudadas apenas sob o ponto de vista quantitativo, as condições dos alunos, visadas até este momento pela pesquisa em curso no Serviço de Medidas e Programas, foram: a época da matrícula, número de vezes que o aluno cursou a série até 1940, sexo, idade, número de faltas.

Tratando-se de um estudo ainda em sua face inicial, e exprimindo os dados aqui oferecidos uma situação de momento, apreciada uma única vez e em uma única série — a primeira, não é lícito ao Serviço de Medidas e Programas, ao menos por enquanto, deduzir conclusões nem oferecer sugestões para a solução de tão importante problema. Só ao fim de suas pesquisas sobre o assunto poderá, talvez, pela interpretação de grande contingente numérico e após numerosos levantamentos estatísticos, apresentar às altas autoridades do ensino sugestões, que, por sua base rigorosamente objetiva, possam merecer a necessária confiança.

Assim, pois, a apresentação deste trabalho ao Congresso de Saude Escolar significa, por parte do Serviço de Medidas e Programas, tão somente o desejo de colaborar com esse ilustre Congresso na medida em que nossas condições atuais, em relação ao assunto, nos permitem,

cientificando-o não só dos estudos que este Serviço vem empreendendo, em torno do problema dos repetentes no Distrito Federal, como do grau de desenvolvimento em que se encontram, presentemente, tais estudos.

.....

O problema da repetência, em nossa Capital, apresenta proporções verdadeiramente impressionantes. Basta referir que, na 1.<sup>a</sup> série escolar, a percentagem de alunos repetentes, em 1940, era de 55,49. Releva notar o que torna maior a gravidade do problema, que, em grande parte dos casos (29%), trata-se de repetência múltipla, isto é, de alunos que permanecem mais de dois anos letivos na mesma série.

Não nos deteremos, neste momento, no estudo minucioso das prováveis razões da repetência. O fenômeno resulta de causas múltiplas e complexas, de naturezas muito diversas e agindo simultaneamente, de tal forma que se torna difícil, senão impossível, atribuir responsabilidade a êste ou àquele fator. Segue-se (anexo, em tabelas, gráficos e quadros), o estudo numérico de alguns aspectos do problema, em relação à 1.<sup>a</sup> série. Se o seu exame, por parte dos Snrs. Congressistas, puder, apesar do desvalor do mesmo, concorrer para a solução do magno problema dos repetentes, esta pequena documentação terá alcançado plenamente seus objetivos.

